



**Sónia Sofia Santos
Rodrigues**

**Turismo sustentável em destinos rurais: o papel
dos residentes**



**Sónia Sofia Santos
Rodrigues**

**Turismo sustentável em destinos rurais: o papel dos
residentes**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Celeste de Aguiar Eusébio, Professora Auxiliar do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro

Dedico esta minha dissertação aos meus pais pelo apoio incondicional

o júri

presidente

Doutora Zelia Maria de Jesus Breda
professora auxiliar convidada da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Elisabete Maria Melo Figueiredo
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Maria Celeste de Aguiar Eusébio
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio incondicional de algumas pessoas a quem devo um especial agradecimento.

Em primeiro lugar, queria agradecer à minha orientadora Prof.^a Doutora Celeste Eusébio, por ter aceitado ser a orientadora desta dissertação, pelo conhecimento e sabedoria transmitidos, pelo apoio, incentivo, compreensão e acompanhamento ao longo deste ano. Sem ela, este trabalho não teria chegado a bom porto, pois sozinha não teria conseguido vencer as imensas dificuldades que surgiram durante a sua realização.

Aos meus pais, pela força, carinho, apoio e estímulo para continuar. Agradeço-lhes especialmente a paciência e a compreensão nos momentos mais complicados desta etapa.

Aos meus amigos Cecília, Carla e Daniel pelo apoio, paciência e pela amizade que nutrem por mim.

À Comissão de Melhoramentos dos Pardieiros, assim como o sr Alfredo, presidente da junta de Benfeita e à sra Adélia Lopes que tão carinhosamente me acolheram, ajudaram e incentivaram o meu trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desta dissertação, o meu mais sincero OBRIGADO.

palavras-chave

Turismo sustentável, desenvolvimento turístico, destinos rurais, residentes, envolvimento, percepções dos impactos do turismo, interação, emoções, atitudes, comportamentos.

resumo

A presente dissertação tem como objetivo avaliar o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo nos destinos rurais em estudo e identificar os fatores que poderão influenciar esse apoio, dando especial atenção à percepção dos residentes dos impactos do turismo, ao nível de interação entre residentes e visitantes, às emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes e à ligação dos residentes aos destinos rurais. Para que o objetivo enunciado fosse atingido, foi realizada uma revisão bibliográfica, sobre o desenvolvimento sustentável, turismo sustentável, destinos turísticos rurais, turismo como atividade dinamizadora de destinos rurais, a relevância do envolvimento das comunidades no processo de desenvolvimento do turismo em destinos rurais, modelos de avaliação da atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística e fatores que influenciam as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística (a percepção dos impactos provocados pelo turismo, tipo e frequência de interação entre residentes e visitantes, emoções associadas a essa interação, ligação dos residentes à comunidade e características sociodemográficas). Com base na revisão bibliográfica definiu-se o modelo de investigação a aplicar a destinos rurais localizados na Região Centro de Portugal e a metodologia a adotar para aplicar esse modelo. A recolha de dados foi realizada recorrendo a um inquérito por questionário administrado a uma amostra de 102 residentes das aldeias de Benfeita, Pardieiros, Luadas, Enxudro, Aigra Nova, Pena, Fajão, Chã de Alvares e Piódão. Os resultados obtidos nesta investigação revelam que a percepção de impactos socioculturais negativos influencia de uma forma negativa o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo. Por outro lado, a sua satisfação com a aldeia, influencia de forma positiva o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo, assim como, a interação com os visitantes com o objetivo de desenvolver amizades. O desenvolvimento turístico nestas aldeias encontra-se numa fase inicial e os residentes apoiam o desenvolvimento turístico. Neste sentido, as autoridades locais devem envolver todos os residentes para que o turismo se desenvolva de uma forma sustentável.

keywords

Sustainable tourism, tourism development, rural destinations, resident involvement, residents' perceptions of tourism impacts, interaction, emotions, attitudes, behaviors.

abstract

This dissertation aims to assess the residents' support towards tourism development in rural destinations and identify the factors that may influence that support, with special attention to residents' perception of the tourism impacts, the level of interaction between residents and visitors, the emotions experienced by residents when interacting with visitors and residents' attachment to rural destinations.

In order to accomplish the objectives of this dissertation a literature review on sustainable development, sustainable tourism, rural tourism destinations, the relevance of tourism for rural destinations, the importance of community involvement in the development of rural tourism destinations, assessment models of the attitudes of residents towards the development of the tourism activity and factors that influence these attitudes (the residents' perceptions of the tourism impacts, type and frequency of interaction between residents and visitors, emotions associated to this interaction and socio-demographic characteristics) was conducted. Based on the literature review a research model was developed to identify the factors that influence the support of residents towards tourism development. Further this model was applied to rural destination located in the Central Region of Portugal. Data collection was conducted using a questionnaire administered to a sample of 102 residents of the villages of Benfeita, Pardieiros, Luadas, Enxudro, Aigra Nova, Pena, Fajão, Chã de Alvares and Piódão.

The results of this research show that the residents' perceptions of the negative sociocultural impacts have a negative impact on residents support towards to tourism development. Moreover, the satisfaction of residents with the village and the level of interaction with visitors aiming at developing friendships have positive impact in the level of residents' support towards tourism development in the rural tourism destinations analyzed in this research. Additionally, the results obtained in this dissertation also show that the tourism in this villages analyzed is in the initial stage of the development process and the residents support the development of this activity.

Consequently the responsible for the tourism development process of these destinations should involve all residents in order to achieve a sustainable development.

Índice

Capítulo 1 - Introdução.....	1
1.1 – Objetivos e contributos do trabalho de investigação	1
1.2 - Organização da dissertação	4
Capítulo 2 – Desenvolvimento sustentável e turismo sustentável	7
Introdução.....	7
2.1- Conceitos e relevância.....	7
2.1.1 – Desenvolvimento sustentável.....	7
2.1.2 – Turismo sustentável.....	11
2.2 – Dimensões do turismo sustentável	17
Conclusão	22
Capítulo 3 – Turismo sustentável em destinos rurais	25
Introdução.....	25
3.1 – Destinos rurais	26
3.2 - Turismo como atividade dinamizadora de destinos rurais	32
Conclusão	38
Capítulo 4- Os residentes e o desenvolvimento do turismo sustentável em destinos rurais	41
Introdução.....	41
4.1 – Relevância do envolvimento da comunidade	41
4.2 - Modelos de avaliação da atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística	43
4.3 – Fatores que influenciam a atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística.....	46

4.3.1 – Perceção dos impactes.....	47
4.3.2- Interação.....	48
4.3.3 - Emoções dos residentes no contacto com os visitantes	49
4.3.4– Ligação ao destino.....	51
4.3.5- Características sociodemográficas	53
Conclusão	54
Capítulo 5- Metodologia e modelo de investigação	57
Introdução	57
5.1 - Modelo de investigação.....	57
5.2 – Método de recolha de dados	60
5.2.1 - População em estudo e técnica de amostragem utilizada	60
5.2.2 - Instrumento de inquirição	63
5.2.3 – Método de administração	67
5.3 – Métodos de análise de dados	67
Conclusão	69
Capítulo 6 - Caracterização dos destinos rurais em estudo	71
Introdução	71
6.1 – Localização dos destinos rurais em estudo.....	71
6.2 – Caracterização demográfica	74
6.3 – Atividades económicas	76
6.4 - Atividades turísticas	76
Conclusão	80
Capítulo 7- Análise e discussão dos resultados	81
Introdução	81
7.1 – Caracterização do perfil sociodemográfico da amostra.....	81
7.2- Ligação à atividade turística e experiência turística dos residentes	84

7.3 – Caracterização da interação entre residentes e visitantes	84
7.3.1 – Frequência e tipo de interação.....	84
7.3.2 – Emoções dos residentes na interação com os visitantes.....	87
7.4 - Perceção dos residentes dos impactes provocados pelo turismo.....	90
7.5 – Perceção dos residentes das entidades que beneficiam com o desenvolvimento turístico.....	94
7.6 – Ligação dos residentes ao destino e atitudes face ao desenvolvimento turístico.	95
7.7 - Identificação dos fatores que influenciam o apoio de residentes de destinos rurais ao turismo.....	99
7.8 – Modelo de Regressão linear múltipla para identificar os fatores que influenciam o apoio ao turismo	103
Conclusão	106
Capítulo 8 – Conclusões.....	111
Introdução.....	111
8.1- Principais conclusões	111
8.2 – Contribuições e recomendações	116
8.3 – Principais dificuldades e limitações	117
8.4 - Propostas de Investigação.....	118
Bibliografia.....	119
Anexos.....	i
Anexo 4.1- Taxonomias de diferentes autores para descrever emoções	iii
Anexo 5.1- Questionário utilizado na recolha de dados.....	vi
Anexo 5.2 - Questionário utilizado na recolha de dados (pré-teste).....	x

Índice de Tabelas

Capítulo 2

Tabela 2.1- Princípios e objetivos do desenvolvimento sustentável	10
Tabela 2.2 - Conceitos de turismo sustentável	13
Tabela 2.3 - Princípios do turismo sustentável	16
Tabela 2.4 - Dimensões utilizadas no setor do turismo para medir a sua sustentabilidade 17	

Capítulo 3

Tabela 3.1 - Potenciais impactes económicos do turismo para os destinos rurais	34
Tabela 3.2 - Potenciais impactes ambientais do turismo para os destinos rurais	34
Tabela 3.3 - Potenciais impactes socioculturais do turismo para os destinos rurais.....	35

Capítulo 5

Tabela 5.1 - Distribuição da população por freguesia em estudo.....	61
Tabela 5.2 - Relação entre as questões do questionário e os objetivos da investigação.....	65
Tabela 5.3 - Descrição dos métodos de análise univariada.	68

Capítulo 6

Tabela 6.1 - Comparação da densidade populacional das freguesias em estudo no ano de 2001 e 2011.	75
---	----

Capítulo 7

Tabela 7.1 - Distribuição dos inquiridos por aldeia.....	82
Tabela 7.2- Caracterização sociodemográfica dos inquiridos.	83
Tabela 7.3 - Ligação à atividade turística e experiência turística dos inquiridos	84

Tabela 7.4 - Análise de componentes principais da interação entre residentes e visitantes.	86
Tabela 7.5 - Análise de componentes principais das emoções sentidas pelos residentes na interação com os visitantes.	89
Tabela 7.6 - Percepção dos impactes económicos, socioculturais e ambientais provocados pelo turismo por parte dos residentes.	92
Tabela 7.7 - Percepção dos residentes das entidades que beneficiam com o desenvolvimento do turismo.	94
Tabela 7.8 - Opinião dos inquiridos sobre quem deve beneficiar com o desenvolvimento turístico.	95
Tabela 7.9 - Caracterização dos residentes quanto à residência, tempo de permanência e se exerce ou exerceu alguma atividade no destino.	96
Tabela 7.10 - Análise de componentes principais da ligação dos residentes ao destino.	98
Tabela 7.11 - Coeficiente de correlação de Spearman entre a percepção dos residentes dos impactes do turismo e o seu apoio ao desenvolvimento da atividade turística.	100
Tabela 7.12 - Coeficiente de Correlação de Spearman entre variáveis do perfil sociodemográfico dos inquiridos e o seu apoio ao desenvolvimento do turismo.	100
Tabela 7.13 - Análise da relação entre o género e a experiência turística dos residentes e o fator apoio ao turismo (teste-t).	101
Tabela 7.14 - Coeficiente de Correlação de <i>Spearman</i> entre a interação residentes visitantes e as emoções sentidas pelos residentes nessa interação e a variável apoio ao desenvolvimento da atividade turística.	102
Tabela 7.15 - Coeficiente de Correlação de <i>Spearman</i> entre a ligação ao destino e satisfação com o destino e a variável apoio ao desenvolvimento da atividade turística.	102
Tabela 7.16 - Coeficiente de Correlação de <i>Spearman</i> entre a percepção dos residentes dos principais beneficiários da atividade turística e o seu apoio face ao desenvolvimento da atividade turística.	103
Tabela 7.17 – Resultados do modelo de regressão linear múltipla	105

Índice das Figuras

Capítulo 5

Figura 5.1 - Fatores que influenciam a atitude dos residentes de destinos rurais face ao desenvolvimento do turismo.....	58
---	----

Capítulo 6

Figura 6.1 - Imagens da área de estudo (Fonte: <i>Google Earth</i> , 2012).	72
Figura 6.2 - Imagens do Moinho do Figueiral, na aldeia de Benfeita.	77
Figura 6.3 - Imagem da Estalagem do Inatel no Piódão.....	77
Figura 6.4 - Casa de Turismo Rural na Aldeia da Pena (Góis).	78
Figura 6.5 - Loja de artesanato na Aldeia de Aigra Nova (Góis).....	78
Figura 6.6 - Imagem de um burro utilizado pela Lousitânea para passeios pela aldeia de Aigra Nova.	78
Figura 6.7 - Posto de Turismo e Centro de Congressos da Aldeia do Fajão	79
Figura 6.8 - Imagem da Igreja Matriz do Piódão.	79

Capítulo 7

Figura 7.1 – Interação entre visitantes e residentes.....	85
Figura 7.2 – Emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes..	88
Figura 7.3 – Ligação e satisfação dos residentes em relação ao local de residência.....	96

Glossário:

A21 – Agenda 21

COM – Comissão Europeia

INE - Instituto Nacional de Estatística

OCDE – *Organization for Economic Cooperation and Development*

SET - Teoria da Troca Social

SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*

WCDE - *World Commission on Environment and Development*

WTO – *World Tourism Organization*

Capítulo 1 - Introdução

1.1 – Objetivos e contributos do trabalho de investigação

O turismo é um fenómeno que tem raízes na necessidade humana em conhecer outros lugares e em descobrir o desconhecido. Depois da segunda Guerra Mundial o setor do turismo cresceu de forma que abrangeu grandes massas populacionais e cobriu distâncias muito grandes. Hoje em dia o turismo é uma das maiores atividades económica a nível mundial. Esta atividade produz muitos impactos a vários níveis e está profundamente ligada com as economias e políticas internacionais. Por tudo isto, o turismo é um dos setores que atrai muitos investimentos públicos e privados (Akdag & Oter, 2010).

A partir do final do século XVIII, com a revolução industrial, as áreas rurais dos países industrializados, em particular, sofreram uma transformação profunda, que em muitos casos levou ao desaparecimento de localidades denominadas rurais. Esse fenómeno físico e simbólico é sustentado pelo elevado crescimento das cidades e das zonas suburbanas e pelo despovoamento e abandono dos meios rurais (Peixoto, s.d).

O turismo é considerado por muitos países como um setor estratégico para o desenvolvimento das suas economias. É de conhecimento geral que o turismo é importante para o desenvolvimento económico, e quando bem planeado e gerido pode proporcionar benefícios económicos líquidos para as comunidades locais. A gestão das atividades económicas que integram a indústria turística deve ter em conta as condições dos destinos e das comunidades de acolhimento e de uma forma geral os ecossistemas, regiões e nações (WTO, 2004). A análise dos recursos endógenos de cada país e mais concretamente das suas regiões, é crucial para definir qual o tipo de turismo que melhor se adapta a cada território (Vareiro & Ribeiro, 2005).

Com o pós-fordismo ou o turismo de massas, aparece nos anos oitenta uma nova forma de turismo ligado à sustentabilidade. O turismo tornou-se um setor muito importante para muitas comunidades em todo o mundo e a necessidade de desenvolver um turismo sustentável tornou-se um fenómeno prioritário. A prática das atividades que integram a indústria turística modificou-se, novas formas de turismo sustentável surgiram um pouco por todo o mundo (Mowforth & Munt, 1998).

O turismo tem um papel importante no desenvolvimento de muitas regiões. As infraestruturas criadas para fins turísticos contribuem para o desenvolvimento local, criação e/ou manutenção de postos de trabalho. A necessidade de aumentar a atratividade das regiões surge como um incentivo para que estas procurem políticas e práticas mais sustentáveis. O turismo sustentável desempenha, cada vez mais, um papel crucial na conservação e melhoria do património natural e cultural num maior número de destinos, que vai desde as artes à gastronomia local, artesanato e conservação da biodiversidade. A sustentabilidade em todas as suas dimensões (económica, sociocultural e ambiental) é fundamental para a competitividade dos destinos e para o bem-estar das populações.

A transformação dos meios rurais, a perda da centralidade da atividade agrícola e os novos desafios com que se debatem, leva a uma mudança nas infraestruturas desses lugares. A regeneração passa pela captação de novos residentes, visitantes, atividades económicas e mercados externos que absorvam os produtos das economias locais. Para além disto passa também pela transformação da identidade simbólica desses mesmos lugares (Peixoto, s.d.). O desenvolvimento regional e local invoca o turismo como a atividade económica com potencial para alcançar esse desenvolvimento (Eusébio, 2006). Neste contexto, o desenvolvimento de um turismo sustentável oferece potenciais soluções para muitos dos problemas das zonas rurais, tais como:

- (i) crescimento económico;
- (ii) desenvolvimento sociocultural;
- (iii) proteção e melhoria do património natural e construído e das infraestruturas.

O desenvolvimento turístico origina crescimento económico, ao proporcionar por exemplo, geração de emprego e geração de rendimentos, a criação de novos mercados para o escoamento dos produtos agrícolas produzidos na área. Por sua vez, o desenvolvimento turístico pode contribuir para o aumento da população nas áreas rurais com a chegada de pessoas oriundas dos meios urbanos. A conservação do património e a melhoria das infraestruturas é, também algo que está, frequentemente associado ao desenvolvimento turístico (Sharpley, 2002; Jesus *et al*, 2008).

Em termos gerais, as comunidades rurais têm muitas características em comum. Estas comunidades são entidades complexas, compostas por pessoas muito diferentes entre si, com interesses diferentes, o que leva a existirem pontos de vista diferentes sobre o desenvolvimento turístico. Esta heterogeneidade pode proporcionar uma união sobre a questão do planeamento e gestão do desenvolvimento turístico, ou pelo contrário, pode dar origem a uma divisão da comunidade em torno desta temática.

São as comunidades quem molda as suas paisagens, sendo a sustentabilidade da própria comunidade um elemento chave da sustentabilidade do turismo. O desenvolvimento racional do turismo sustentável, significa uma renovação segura dos benefícios económicos, sociais e culturais para a comunidade e para o seu ambiente. Uma aproximação holística de sustentabilidade requer uma melhoria da situação social, cultural e económica da comunidade, sem esquecer a não menos importante, a ambiental (Richard & Hall, 2001).

Os residentes das comunidades recetoras fazem parte da atividade turística, sendo mesmo parte integrante da experiência turística. No entanto, são escassos os estudos sobre o ponto de vistas dos residentes, principalmente em destinos rurais localizados em Portugal, sobre o desenvolvimento turístico desses destinos. Na literatura, encontram-se muitos estudos sobre a perceção dos residentes dos impactes do turismo (exemplo: Ap & Crompton, 1998; Butler, 1999; Snepenger *et al*, 2001; Silva, 2011; Fernandes, 2011). No entanto, poucos estudos têm abordado a dinâmica da relação entre residentes e turistas nas suas principais dimensões: interação, perceção, emoções e atitudes. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é avaliar o apoio ao turismo pelos residentes de comunidades rurais e identificar os fatores que poderão influenciar esse apoio dando especial atenção à perceção dos residentes dos impactes do turismo, ao nível de interação entre residentes e visitantes, às emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes e à ligação dos residentes aos destinos rurais. No sentido de concretizar estes objetivos é apresentado nesta dissertação um estudo empírico.

O estudo empírico realizou-se no Pinhal Interior Norte, distrito de Coimbra, nomeadamente nos concelhos de Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra, localizados na Serra do Açor e Serra da Lousã mais concretamente nas Aldeias de Xisto (Benfeita, Aigra Nova, Pena, Fajão) e Chã de Alvares, assim como na Aldeia Histórica do Piódão. Estas aldeias

foram escolhidas porque se tratam de destinos rurais onde o turismo está numa fase inicial do seu desenvolvimento e se os responsáveis políticos, entidades privadas, assim como as próprias comunidades, se envolverem no planeamento do turismo, os impactes positivos desta atividade poderão ser maximizados e os impactes negativos minimizados.

Em termos de objetivos específicos desta dissertação referem-se:

- (i) desenvolver um quadro teórico sobre turismo sustentável em comunidades rurais, dando especial ênfase à dimensão social do desenvolvimento sustentável;
- (ii) desenvolver um quadro teórico sobre as atitudes dos residentes de destinos rurais face ao desenvolvimento da atividade turística;
- (iii) desenvolver um quadro teórico sobre as variáveis que influenciam a atitude dos residentes de destinos rurais face ao desenvolvimento da atividade turística (perfil sociodemográfico dos residentes, perceção dos residentes dos impactes do turismo, nível de interação com visitantes, emoções sentidas pelos residentes na interação com os residentes e ligação dos residentes aos destinos turísticos em análise);
- (iv) aplicar o modelo teórico desenvolvido a comunidades rurais localizadas na Região Centro de Portugal, mais precisamente na Serra do Açor e Lousã e que pertencem aos concelhos de Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra.

1.2 - Organização da Dissertação

A presente dissertação divide-se em oito capítulos. Este capítulo integra uma descrição da temática desta dissertação, dos seus objetivos e estrutura.

O segundo capítulo apresenta uma análise conceptual de desenvolvimento sustentável e turismo sustentável, a sua relevância, dimensões e respetivos indicadores.

O terceiro capítulo apresenta uma análise do turismo sustentável em destinos rurais, definindo-se destinos turísticos rurais, o que é o rural e avalia-se o papel do turismo na dinamização de destinos rurais, mencionando-se os principais impactes provocados pelo desenvolvimento do turismo em destinos rurais, assim como, a relevância do envolvimento das populações desses destinos nos processos de desenvolvimento turístico adotados para esses destinos.

No quarto capítulo descreve-se a relevância do envolvimento das comunidades no desenvolvimento turístico, apresentam-se alguns modelos explicativos que têm sido utilizados para avaliar as atitudes e comportamentos dos residentes e ainda são analisados os fatores que influenciam a atitude dos residentes de destinos rurais face ao desenvolvimento turístico.

No quinto capítulo apresenta-se a metodologia utilizada e o modelo de investigação desenvolvido para ser aplicado em comunidades rurais localizadas na Região Centro de Portugal.

No sexto capítulo caracterizam-se em termos geográficos, demográficos, económicos e turísticos os destinos rurais objeto de estudo desta dissertação recorrendo para o efeito a dados primários e secundários.

O sétimo capítulo é dedicado à apresentação dos resultados obtidos nos destinos rurais em estudo nesta dissertação. Neste capítulo é realizada uma caracterização sociodemográfica da amostra, uma descrição da experiência turística dos residentes, o nível de interação entre residentes e visitantes, as emoções dos residentes quando interagem com os visitantes, as perceções dos residentes dos impactes do turismo, a ligação dos residentes ao destino e as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística. O capítulo termina com uma análise dos fatores que influenciam o nível de apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico.

Por fim, no oitavo capítulo apresentam-se as conclusões do trabalho, as contribuições, as principais limitações e algumas orientações para futuras investigações sobre esta temática.

Capítulo 2 – Desenvolvimento sustentável e turismo sustentável

Introdução

O turismo é um dos maiores setores económicos mundiais, que após a Segunda Guerra Mundial sofreu rápidas e profundas alterações.

Nas últimas décadas do século passado começaram, também a surgir preocupações com as alterações a nível ambiental, que originaram alterações em todas as atividades económicas, incluindo o turismo.

Estas preocupações levaram a reuniões entre líderes mundiais, a novas legislações e declarações políticas, campanhas de marketing, respostas por parte do setor do turismo e até alterações das atitudes dos próprios turistas.

O turismo de massas continua vivo, mas começam a surgir alterações e inovação na oferta de produtos e surgem novos mercados. Começa a existir uma preocupação nessa inovação de incluir produtos que respeitem o ambiente e as comunidades recetoras, para que, a atratividade desses destinos não se perca.

É neste cenário, que surge o conceito de desenvolvimento sustentável e de turismo sustentável.

Este capítulo integra duas seções. Na primeira seção são apresentados o conceito de desenvolvimento sustentável e turismo sustentável e a relevância do turismo sustentável. Na segunda seção descrevem-se as dimensões do turismo sustentável e apresenta-se um conjunto de indicadores que podem ser utilizados no domínio do turismo sustentável.

2.1- Conceitos e relevância

2.1.1 – Desenvolvimento sustentável

Desenvolvimento significa uma melhoria da condição humana. A noção de desenvolvimento sustentável (ou sustentabilidade) surgiu como uma alternativa ao tradicional modelo neoclássico de desenvolvimento económico (Choi & Sirakaya, 2006). A sustentabilidade está ligada ao crescimento económico mas com a preocupação de manter os recursos naturais e humanos (Mowforth & Munt, 1998).

Com a consciencialização crescente de que é necessário proteger o ambiente e os recursos naturais, em 1987 a Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento apresentou nas Nações Unidas um relatório intitulado “O nosso futuro comum”, também conhecido como relatório de *Bruntland*, o qual tinha como premissa a possibilidade e a necessidade de conciliar o crescimento económico com a proteção ambiental (Garrod & Fyall, 1998; Mowforth & Munt, 1998; Telfer & Sharpley, 1998; Lui, 2003; Careto & Lima, 2006).

É neste relatório que nasce o conceito de desenvolvimento sustentável, sendo definido como o desenvolvimento “que satisfaz as necessidades das gerações atuais sem comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras” (WCDE, 1987; pp: 8).

O relatório de *Brutland* defendia o crescimento económico como um pré-requisito para o desenvolvimento sustentável, mas deveria haver uma nova abordagem das questões ambientais no geral e na forma de consumo em particular, uma vez que no seu conjunto, ambos são fundamentais para que o desenvolvimento sustentável ocorra (Garrod & Fyall, 1998; Telfer & Sharpley, 1998).

Basicamente o conceito de desenvolvimento sustentável não é mais do que a reformulação de filosofias antigas sobre a conservação e gestão de recursos para que esses recursos possam continuar a existir no futuro. O que tem de novo é o compromisso generalizado e a incorporação da dimensão ambiental pró-ativa na gestão e planeamento das diferentes atividades económicas (Pigram & Wahab, 1998).

O surgimento do conceito de desenvolvimento sustentável marca a convergência entre desenvolvimento económico e ambiente (Hardy *et al*, 2002). Este conceito engloba de uma forma geral, uma perspetiva de crescimento económico, ou seja, um desenvolvimento alternativo que tem uma preocupação ambiental e social, que passa por diferentes etapas, passando da conservação para a sustentabilidade (Telfer & Sharpley, 1998).

O conceito de sustentabilidade expressa a ideia de que a humanidade deve viver dentro de limites que respeitem a capacidade dos ecossistemas e dos recursos naturais que estes oferecem. Basicamente o conceito de sustentabilidade engloba as seguintes componentes:

- (i) conservação e valorização dos *habitats*;
- (ii) proteção da biodiversidade;

(iii) equidade entre e dentro de gerações;

(iv) integração de considerações ambientais, económicas e sociais.

A sustentabilidade deve entender-se como a manutenção de um sistema ao longo do tempo, sendo a sua duração dependente do maior ou menor grau de adaptação, diversidade, resiliência, equidade do sistema e interação entre as diferentes dimensões ambiental, social, cultural e económica (Esteves, 2004).

O desenvolvimento sustentável não é só aquilo que se ganha com o desenvolvimento económico, mas também a promoção, a igualdade entre indivíduos e entre grupos da comunidade. Uma forte posição de sustentabilidade vê os recursos naturais como tendo um valor inerente ou intrínseco e que devem por isso ser conservados (Bramwell & Sharman, 2001).

Foi na Conferência Mundial sobre o meio ambiente realizada no Rio de Janeiro em 1992, que surgiu a necessidade de desenvolver indicadores de sustentabilidade e é desta forma, que surge a Agenda 21 onde se procura uma definição de padrões que tenham em conta os aspetos ambientais, sociais e económicos, bem como a mensuração, monitorização e avaliação desses mesmos aspetos (Mowforth & Munt, 1998; Pigram & Wahab, 1998; Esteves, 2004). Um dos principais objetivos desta cimeira, era que os diversos governos estabelecessem caminhos para a introdução de políticas, cujos objetivos englobassem os princípios de sustentabilidade como base, que envolvessem as comunidades, estimulando a sua colaboração no processo de aplicação dessas políticas (Jackson & Morphet, 2001). Segundo Careto e Lima (2006), esta cimeira contou na sua conceção três premissas, que dizem o seguinte:

(i) o desenvolvimento sustentável deve permitir responder às necessidades do presente sem comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras;

(ii) o desenvolvimento sustentável é um processo de mudança que tem em conta o equilíbrio da exploração dos recursos, a orientação dos investimentos e a aplicação de técnicas e desenvolvimento de organismos públicos e privados com o objetivo de reforçar o potencial socioeconómico de forma a solucionar necessidades das comunidades;

(iii) não existe um modelo ideal de desenvolvimento sustentável, uma vez que os fatores socioeconómicos e ecológicos variam, o que não pode variar é a procura de um equilíbrio entre humanos e recursos naturais.

O conceito de desenvolvimento sustentável é um conceito contingente, isto é, não é algo estático, pode-se dizer que sustentabilidade é a capacidade de ser sustentável, isto é, a capacidade de sobreviver (Ko, 2005).

Tal como a Agenda 21 refere, o desenvolvimento sustentável, deve ser um processo com objetivos e princípios (Tabela 2.1) que uma vez seguidos, permita ao desenvolvimento não esgotar ou prejudicar irreversivelmente os recursos, que tornam possível a manutenção integrada dos processos económicos, ecológicos, socioculturais e de governança (Careto & Lima, 2006).

Tabela 2.1-Princípios e objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Princípios fundamentais	<ul style="list-style-type: none"> - Holísticos: questões ambientais e desenvolvimento integrado num contexto social, económico e ecológico global. - Futuro: focagem na capacidade a longo prazo na continuidade do ecossistema global, incluindo o subsistema humano. - Equidade: desenvolvimento justo e equitativo que proporcione oportunidade de acesso ao uso de recursos a todos os membros de todas as sociedades, no presente e no futuro.
Objetivos de Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Melhoramento da qualidade de vida das pessoas: educação e esperança de vida. - Satisfação de necessidades básicas. - Realização pessoal: liberdade política e tomada de decisões que beneficiem a todos.
Objetivos de Sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Níveis populacionais sustentáveis. - Mínimo de delapidação dos recursos naturais não renováveis. - Uso sustentável dos recursos renováveis. - Emissão de poluição dentro da capacidade ambiental para a sua assimilação.
Requisitos para que possa existir um desenvolvimento sustentável	<ul style="list-style-type: none"> - Adoção de um novo paradigma social relevante para uma forma de vida sustentável. - Conservação da biodiversidade. - Políticas nacionais e internacionais, com a aplicação de sistemas económicos equitativos e uso equitativo dos recursos. - Sistemas tecnológicos que pesquisem continuamente novas soluções para os problemas ambientais. - Alianças globais que facilitem a integração a nível local, nacional e internacional.

Fonte: Telfer & Sharpley, 1998 (pp: 36); Sharpley, 2002;

2.1.2 – Turismo sustentável

A sustentabilidade é um dos desafios mais importantes enfrentados pelo setor do turismo (Butler, 1999).

Segundo Pigram & Wahab (1998), na conferência “Oportunidades de ouro para as empresas e para o ambiente”, que se realizou no Canadá em 1990, foi enfatizado que o desenvolvimento sustentável é bastante promissor para a resolução de problemas do turismo. Para ultrapassar esses problemas, foram instituídas as seguintes regras para o turismo:

- o turismo deve ser reconhecidamente uma opção para o desenvolvimento económico sustentável, sendo considerado igual a todas as outras atividades económicas;
- deve haver informação básica relevante sobre o turismo que permita esse reconhecimento, análise e monitorização da relação do turismo com outros setores económicos;
- o desenvolvimento turístico deve ser realizado de uma forma compatível com os princípios do desenvolvimento sustentável.

O crescimento do turismo de massas trouxe consigo muitos benefícios económicos, mas levou ao aparecimento de problemas muito graves ao longo dos anos, contribuindo em muito para a degradação ambiental, criou muitos impactes sociais e culturais negativos e levou à fragmentação de *habitats*, assim como a uma distribuição desigual de benefícios económicos gerados por esta atividade. O crescimento do turismo não planeado e mal gerido trouxe demasiados danos socioculturais e ambientais a muitos destinos turísticos. Este facto indesejável levou ao aparecimento de preocupações com a conservação e preservação dos recursos naturais, assim como com o bem-estar e a viabilidade económica a longo prazo das comunidades (Mowforth & Munt, 1998; Butler, 1999; Choi & Sirakaya, 2006).

Nos anos oitenta, com o surgimento do conceito de desenvolvimento sustentável, muitos destinos começam a apostar em produtos turísticos alternativos. Nestes destinos começaram a surgir pequenos projetos eco ou alternativos de turismo, obtendo assim, uma micro solução para o que é um problema macro (Liu, 2003).

Um dos exemplos de produtos turísticos alternativos foi o ecoturismo. O termo foi inicialmente associado exclusivamente ao turismo de natureza e aos turistas amantes da natureza. O ecoturismo era essencialmente um panorama “verde”, cujo acesso aos residentes era negado, em particular nas áreas protegidas, uma vez que eles não se encaixavam nesse esquema “verde”, no entanto eram permitidos cada vez mais visitantes. Levou algum tempo até que os protagonistas dos chamados projetos eco englobassem para além do ambiente, os aspetos económicos e sociais das populações recetoras. A natureza não pode ser salva, às custas da população recetora e a economia foi identificada como uma ligação entre as duas. A conservação, preservação e desenvolvimento passaram a fazer parte da nova face do turismo, que passa então a ter em conta o bem-estar das comunidades locais (Singh *et al*, 2003).

Os impactes negativos gerados pelo turismo de massas têm levado os responsáveis pelo desenvolvimento turístico à procura de estratégias de desenvolvimento turístico onde esses mesmos impactes negativos possam ser minimizados. Nestas estratégias é também enfatizada a relevância dos recursos endógenos e da conservação da identidade local (Telfer & Sharpley, 1998; Caalders, 2001).

Prosser, citado em Liu (2003), destaca quatro forças de mudança social que conduziram à busca de sustentabilidade no turismo: a insatisfação com os produtos existentes; a crescente consciência ambiental e cultural; a consciencialização da preciosidade dos recursos e da sua fragilidade e uma mudança de atitude nos operadores turísticos. A sustentabilidade é vista como uma promessa que pondera os impactos negativos do turismo e viabiliza a longo prazo a manutenção desta atividade económica.

O conceito de desenvolvimento sustentável é muito evidente nas políticas do turismo e na sua prática aos mais diversos níveis locais, nacionais e internacionais. Por exemplo o “*Green Paper on Tourism*” da Comissão Europeia (1995), argumenta que o turismo deve agir segundo os princípios do desenvolvimento sustentável, porque ao agir em conformidade com esses princípios poderá contribuir para uma maximização dos benefícios (económicos, sociais, culturais e ambientais) e para uma minimização dos custos.

Refletindo com base no *Relatório de Brundtland* e no conceito de desenvolvimento sustentável descrito neste relatório, é evidente o reconhecimento da importância de

assegurar que o turismo não destrua os recursos naturais e humanos de forma a não comprometer a sustentabilidade das gerações futuras. Foi a partir deste conceito mais geral de desenvolvimento sustentável que surgiu o conceito de turismo sustentável (Jackson & Morphet, 2001). No entanto é de salientar que o conceito de turismo sustentável varia dependendo do contexto onde este se insere. O que é encorajador é o facto de que quase todas as definições de turismo sustentável que são referidas na literatura referirem aspetos de equidade intrageracionais e intergeracionais, assim como considerações sobre os impactes causados pelo desenvolvimento turístico. Na Tabela 2.2 apresentam-se algumas definições de turismo sustentável que têm sido citadas na literatura.

Tabela 2.2 - Conceitos de turismo sustentável

Autores	Definição de turismo sustentável
Lane, 1994	<p>O turismo sustentável deve:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conservar o carácter das comunidades recetoras, suas paisagens naturais e habitats; - conservar a economia local; - manter a indústria do turismo a longo prazo e isto significa criar experiências únicas nos visitantes; - desenvolver compreensão nos líderes locais e criar uma visão de futuro junto dos decisores locais, para que estes compreendam o perigo de um turismo de massas e trabalhem para manter o equilíbrio; - ter estratégias diferentes do turismo convencional.
A declaração de Berlin sobre Biodiversidade e Turismo Sustentável, 1997, citado por Choi e Murray, 2010	<p>O turismo sustentável deve:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ser desenvolvido de uma forma que beneficie a comunidade local, empregue a força de trabalho local e que seja ecologicamente sustentável, usando os recursos locais e produtos da agricultura local; - introduzir políticas e legislação de forma a assegurar o fluxo dos benefícios para a comunidade local; - respeitar as características ecológicas e a capacidade do meio ambiente local onde o turismo ocorre; - respeitar as formas de vida tradicionais e a cultura local.
Butler, 1999	<p>O turismo sustentável é um turismo que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - reconhece as necessidades dos turistas e residentes atuais nas comunidades de destino enquanto protege e aumenta as oportunidades para o futuro; - está associado a infraestruturas que no presente e no futuro operam para a regeneração e produtividade futura de recursos naturais, reorganiza a contribuição das pessoas e comunidades, costumes e formas de vida, fazendo do turismo uma

Tabela 2.2 – Conceitos de Turismo sustentável (continuação)

Autores	Definição de turismo sustentável
Butler, 1999 (continuação)	experiência em que os residentes partilham de uma forma equitativa os benefícios económicos; - pode sustentar a economia local sem danificar o ambiente do qual depende e deve ser capaz de adicionar uma série de oportunidades económicas abertas a todos sem afetar adversamente a estrutura económica local; - não deve interferir com a organização social existente; - deve respeitar os limites impostos pelos ecossistemas existentes no destino onde se desenvolve.
Ko, 2005	O turismo sustentável permite ao sistema onde está inserido manter o equilíbrio necessário para a sobrevivência e manter elevados níveis de qualidade (benefícios para as comunidades, satisfação dos turistas e conservação dos recursos).

Fonte: Elaborado com base em Lane (1994), Butler (1999), Ko (2005) e Choi & Murray (2010).

Espera-se que a Agenda 21 local ajude o setor do turismo a catalisar a implementação dos princípios de desenvolvimento sustentável (Jackson & Morphet, 2001). O turismo é um dos maiores setores económicos mundiais, com um grande interesse na conservação ambiental e dos recursos naturais, na medida em que são estes os recursos base para o seu desenvolvimento. O termo ambiente aqui é considerado num sentido mais amplo, isto é, engloba os aspetos socioeconómicos e culturais, assim como os elementos biofísicos, que representam os recursos e oportunidades para o desenvolvimento turístico nos destinos (Pigram & Wahab, 1998).

É quase impossível existir uma forma de turismo que não cause alguns impactos negativos na área onde se desenvolve, assim como, a noção de que o turismo focado na natureza é automaticamente sustentável não é correta. Muitas das formas de turismo alternativo, estão localizadas em ambientes sensíveis e vulneráveis e quase sempre não existem infraestruturas de apoio, o que por vezes pode originar impactos negativos significativos a nível ambiental e social. A maioria das formas de turismo consideradas sustentáveis, são caracterizadas por serem verdes ou alternativas, ou seja, nada que seja turismo convencional ou de massas. Mas não está totalmente provado que o turismo de massas é insustentável (Butler, 1999). O grande desafio é que o turismo de massas possa ser também um turismo sustentável.

O problema do desenvolvimento de um turismo sustentável não é assegurar a introdução contínua de turismo em pequenas escalas, ambiental e culturalmente apropriadas, mas fazer com que todo o tipo de turismo (independentemente da escala), seja o mais sustentável possível. Para o desenvolvimento turístico em pequenas escalas, podem-se esperar menos impactos que os de larga escala e daí poder-se dizer que se tratam de formas de turismo mais sustentáveis. O turismo em pequena escala desenvolvido de uma forma inapropriada e no lugar errado pode ser tão perigoso como o turismo não sustentável e em larga escala (Butler, 1999).

Uma das propostas para que o turismo seja sustentável é incluir limites no crescimento em qualquer estratégia de desenvolvimento. O facto é que em muitos casos o número de turistas ultrapassa os limites suportáveis pelas comunidades e o desenvolvimento associado a um determinado destino. Quando estes limites são ultrapassados as consequências negativas do desenvolvimento turístico aumentam, o que poderá colocar em causa a sobrevivência desse destino. A definição desses limites deverá ser efetuada com base na capacidade dos recursos absorverem os efeitos do turismo e de outras atividades, de forma, a que tudo se possa manter a longo prazo (Butler, 1999).

O que há que ter em conta é assegurar que todas as formas de turismo (incluindo o turismo de massas), seja planeado e gerido de forma que contribua para o desenvolvimento sustentável dos destinos. É importante ter em conta a contribuição do desenvolvimento do turismo no destino, mas não é menos importante ter em conta a origem dos turistas e em particular as consequências ambientais da viagem até ao destino (Telfer & Sharpley, 1998; Butler, 1999).

O facto é que dependendo do contexto, o conceito de turismo sustentável difere em políticas e ações, assim como na sua aplicabilidade, uma vez que estão condicionadas pelas circunstâncias. O turismo sustentável deve envolver os diferentes habitantes dos destinos onde se desenvolve, promovendo a sua participação na tomada de decisões (Bramwell & Sharman, 2001).

Com o turismo sustentável pretende-se minimizar os impactes negativos do turismo, ao mesmo tempo que se pretende otimizar os benefícios desta atividade nas comunidades

recetoras. Mas para que tal seja possível, o turismo sustentável deve respeitar determinados princípios, como os que estão referidos na Tabela 2.3.

Tabela 2.3 -Princípios do turismo sustentável

Telfer & Sharpley, 1998
<ul style="list-style-type: none">- O turismo deve promover a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais, sociais e culturais.- O turismo deve ser planeado e gerido dentro dos limites ambientais, tendo sempre em conta o uso apropriado a longo prazo quer dos recursos naturais quer humanos.- O planeamento e desenvolvimento do turismo devem ser integrados nas estratégias de desenvolvimento local.- Os responsáveis pelo desenvolvimento turístico devem ter em particular consideração os diferentes tipos de desenvolvimento turístico e a forma como eles poderão estabelecer ligações a nível local, não esquecendo o uso dos recursos existentes e os fatores socioculturais.- O desenvolvimento turístico deve apoiar um leque de atividades económicas locais, tendo em conta os benefícios e os custos, mas não deve permitir transformar-se na atividade base dominante.- O desenvolvimento turístico deve encorajar as comunidades locais a participar no planeamento, desenvolvimento e controlo do turismo, com o apoio do governo e da indústria.- O desenvolvimento turístico deve promover o envolvimento dos nativos, mulheres e grupos minoritários de forma a assegurar a distribuição equitativa dos benefícios.- O desenvolvimento turístico deve promover que as entidades individuais e coletivas respeitem a cultura, a economia, o modo de vida e as estruturas ambientais e políticas da área de destino.- Todos os <i>stakeholders</i> do destino devem ser esclarecidos ou educados acerca do turismo sustentável.- Os responsáveis pelo desenvolvimento turístico devem efetuar pesquisas em todos os níveis de desenvolvimento turístico e monitorizar todos os impactes, resolver problemas e permitir aos habitantes locais e outros reagir à mudança.- Todas as agências, organizações, negócios e indivíduos devem cooperar, trabalhar em conjunto de forma a evitar potenciais conflitos.- O desenvolvimento turístico deve permitir a otimização dos benefícios para todos os envolvidos no desenvolvimento e gestão do turismo.

Tabela 2.3 -Princípios do turismo sustentável (continuação).

WTO, 2004
<ul style="list-style-type: none"> - O desenvolvimento turístico deve fazer um bom uso dos recursos ambientais que constituem o elemento chave para o desenvolvimento turístico, mantendo o essencial dos processos ecológicos. - O desenvolvimento turístico deve promover a conservação ambiental e do património cultural; - O desenvolvimento turístico deve respeitar a autenticidade sociocultural das comunidades recetoras, conservando a sua cultura e o seu património, valores tradicionais, e deve contribuir para a promoção da compreensão intercultural e da tolerância. - O desenvolvimento turístico deve assegurar operações económicas viáveis e a longo prazo, proporcionando benefícios socioeconómicos iguais para todos os <i>stakeholders</i>, incluindo emprego estável e oportunidades para obter rendimentos. - O desenvolvimento turístico deve proporcionar serviços sociais para a comunidade recetora e contribuir para aliviar a pobreza existente. - O desenvolvimento turístico deve incentivar a participação e informação de todos os <i>stakeholders</i> relevantes, assim como, uma liderança política forte, de forma a garantir um consenso e uma participação construtivas. - O desenvolvimento turístico deve requer uma constante monitorização dos impactes e a introdução de medidas preventivas e/ou corretivas se necessárias. - O desenvolvimento turístico deve manter uma elevada satisfação dos turistas e permitir uma experiência única aos turistas, esclarecendo-os acerca do porquê dos princípios do turismo sustentável e promovendo práticas de turismo sustentável.

Fonte: Elaborado a partir de Tefler & Sharpley (1998) e WTO (2004).

2.2 – Dimensões do Turismo sustentável

A sustentabilidade deve ser descrita em termos específicos, com dimensões próprias para cada setor de atividade. Para o setor do turismo, segundo vários autores que têm abordado esta temática, deve ter-se em conta as dimensões descritas na Tabela 2.4.

Tabela 2.4 -Dimensões utilizadas no setor do turismo para medir a sua sustentabilidade

Mowforth & Munt, 1998	Ambiental; social; cultural e económica.
Bramwell <i>et al</i> citado por Butler, 1999	Ambiental; cultural; política; económica; social; gestão e governamental.
Choi & Sirakaya, 2006	Ecológica; social; económica; política/institucional; cultural e tecnológica.

Fonte: Elaborado a partir Mowforth & Munt (1998); Butler (1999); Choi & Sirakaya (2006);

A sustentabilidade ambiental deve ter em conta que é preciso evitar ou pelo menos minimizar os impactes ambientais negativos da atividade turística (Mowforth & Munt,

1998). Deve existir um reconhecimento de que os recursos ambientais de uma comunidade individual ou mesmo do mundo não podem continuar a ser vistos como abundantes, porque de facto estão constantemente a ser delapidados. O meio-ambiente tem de ser protegido pelo seu valor intrínseco e como recurso fundamental não apenas para as gerações atuais, mas também para as gerações futuras (Choi & Sirakaya, 2006).

A dimensão sociocultural refere a capacidade da comunidade absorver os impactos causados pela presença de mais pessoas, por curtos ou longos períodos de tempo e continuar a funcionar de uma forma equilibrada e harmoniosa, evitando que a presença dos visitantes possa levar à criação de divisões na comunidade recetora. Os impactes sociais são facilmente visíveis ao longo do tempo mas em contrapartida, são ao mesmo tempo mais difíceis de quantificar quando comparados com os outros tipos de impactes. Culturalmente as comunidades recetoras não devem absorver a cultura, tradições e estilos de vida dos visitantes, porque isso pode levar a alterações irreversíveis na comunidade (Mowforth & Munt, 1998). A sustentabilidade sociocultural implica o respeito pela identidade, pelo capital social, pela cultura da comunidade, pelos seus ativos e pelo reforço da coesão social (Choi & Sirakaya, 2006).

A sustentabilidade económica é tão importante quanto as já mencionadas, esta refere-se aos benefícios económicos que podem ser obtidos a partir do desenvolvimento da atividade turística. Estes benefícios devem suplantam os custos causados pela presença dos visitantes de forma a mitigar os impactes negativos causados por estes na comunidade recetora, contribuindo desta forma para o desenvolvimento económico dos destinos (Mowforth & Munt, 1998). Para além disso, deve otimizar o ritmo de desenvolvimento a um nível possível de gerir, tendo em atenção os limites do destino e distribuir os benefícios de uma forma equitativa pela comunidade (Choi & Sirakaya, 2006).

A dimensão política deve envolver a população nas tomadas de decisão, aquando o planeamento e gestão do desenvolvimento turístico, assim como delinear diretrizes e regulamentos para a atividade turística, bem como implementar programas de ação como sugere a Agenda 21 (Mowforth & Munt, 1998). Deve criar um sistema de governação que implemente políticas com vista à sustentabilidade a todos os níveis, sendo fundamental a participação de todos (Choi & Sirakaya, 2006).

Para além das dimensões de sustentabilidade anteriormente referidas, existe ainda a dimensão tecnológica, que consiste, por exemplo, na utilização por parte dos destinos de tecnologias limpas que permitam minimizar os impactos ambientais negativos (Mowforth & Munt, 1998). Para além disso, a aposta em novas tecnologias (*elearning, internet, email, e-commerce*) traz benefícios às comunidades recetoras, desde que estas tecnologias possam proporcionar às comunidades redes de comunicação que permitam a todos os *stakeholders* trocar informação entre si, permitindo a criação de redes e dando um maior acesso ao mercado através da internet. O uso de tecnologias no turismo sustentável, ambientalmente amigas, socialmente aceitáveis e apropriadas têm sido apoiadas nas estratégias de desenvolvimento turístico que têm sido adotadas em muitos destinos. Isto inclui novas tecnologias, sistemas de mobilidade amigas do ambiente (por exemplo, carros amigos do meio ambiente, bicicletas, autocarros e táxis amigos do ambiente, comboios de alta velocidade) recursos de energia eficientes e com rotulagem ecológica. O turismo sustentável exige conhecimentos científicos e suporte tecnológico para compreender os fenómenos atuais e avaliar e monitorizar os impactos do turismo de forma a poder fornecer as devidas alternativas e técnicas que evitem ou minimizem impactos negativos no futuro (Choi & Sirakaya, 2006).

Existe um consenso geral de que é essencial planear o turismo baseado em objetivos de sustentabilidade multidimensionais. Neste contexto, devem ser criados instrumentos que facilitem a compreensão da situação do destino turístico e estabelecer um conjunto de medidas que contribuam para que o desenvolvimento sustentável do turismo seja uma realidade. Para isso, é necessário obter a informação necessária para desenvolver um conjunto de indicadores que permitam verificar se o desenvolvimento da atividade turística se enquadra nos princípios de sustentabilidade nas suas diferentes dimensões. Ao mesmo tempo este sistema é um instrumento importante que vai proporcionar informação para uma melhor tomada de decisão dos agentes locais em termos de gestão e planeamento da atividade turística (WTO, 2004; Choi & Sirakaya, 2006; Blancas *et al*, 2011).

Os indicadores de turismo sustentável são informações estratégicas para a sustentabilidade do setor do turismo num destino.

Os indicadores são um conjunto de medidas que providenciam informação necessária para melhor compreender problemas atuais ou futuros resultantes do desenvolvimento do

turismo e/ou dos impactes multidimensionais provocados pelo turismo. Os indicadores são um conjunto de informação formalmente eleita para ser usada de uma forma regular para medir as mudanças resultantes do desenvolvimento turístico. Essas mudanças podem vir de fatores internos do turismo, ou de fatores externos que afetam o turismo, ou mesmo, dos impactes causados pelo turismo. A informação quantitativa e qualitativa recolhida pode ser utilizada como indicadores de sustentabilidade. Um indicador é escolhido, geralmente, dentro de uma série de possíveis conjuntos de dados ou fontes de informação, porque estes são vistos pelos gestores como questões-chave às quais o turismo deve dar respostas rápidas e eficazes (WTO, 2004; Blancas *et al*, 2011).

O uso de indicadores pode levar a ações que ajudem a antecipar e a prevenir situações não desejáveis, ou insustentáveis, para um determinado destino (WTO, 2004).

Segundo a WTO (2004), o uso de indicadores pode trazer os seguintes benefícios:

- a) uma melhor tomada de decisão, diminuindo os riscos e os custos;
- b) identificação de questões emergentes, o que permite a prevenção;
- c) identificação dos impactes, permitindo ações de correção quando necessário;
- d) uma melhor implementação de planos de medidas e atividades de gestão, avaliando o progresso no desenvolvimento do turismo sustentável;
- e) reduzir o risco da utilização de planos inadequados, identificando limites e oportunidades;
- f) maior responsabilidade, informação credível para o público em geral e ajudar os *stakeholders* responsáveis pela tomada de decisão a decidirem o que melhor se adapta ao destino;
- g) monitorizar constantemente de forma a levar a um melhoramento contínuo e à aplicação de planos de gestão apropriados.

Os responsáveis pela tomada de decisão necessitam de conhecer todas as ligações do turismo ao ambiente natural e sociocultural, porque através desse conhecimento, qualquer alteração nas dimensões já descritas anteriormente, será rapidamente observada, podendo desta forma, atuar em conformidade de forma a solucionar e a prevenir problemas de uma forma mais eficiente.

O estímulo para os responsáveis pelo desenvolvimento turístico vem da percepção de que muitos destinos têm estado em risco devido à atenção insuficiente dada aos impactos causados pelo turismo e à sustentabilidade a longo prazo dos destinos. Estudos realizados pela WTO e por outras organizações, demonstram que a gestão e o planeamento do turismo em muitos destinos ocorrem com base em informações insuficientes, particularmente no que toca aos impactos do turismo no destino, nomeadamente os impactos que levam a mudanças sociais e no ambiente natural, levando a que os destinos deixem de ser atrativos (WTO, 2004).

Dada a complexidade do sistema turístico, os indicadores turísticos para o turismo sustentável nas comunidades locais devem ser tratados de forma diferente dos indicadores tradicionais e com um quadro adequado ao processo do desenvolvimento.

Resumindo e de uma forma a clarificar os objetivos do turismo sustentável e dos seus indicadores, Choi & Sirakaya (2006), sugerem as seguintes diretrizes:

- as estratégias do turismo sustentável devem implicar formas e meios para criar políticas adequadas e processos de tomada de decisão apropriados a todos os níveis governamentais;
- as políticas de turismo devem fornecer definições, princípios, estratégias de implementação, planos de ação e sistemas de monitorização dos processos de desenvolvimento do turismo sustentável;
- o contexto de turismo sustentável é altamente político e envolve muitos *stakeholders*, assim, o apoio político sob a forma de compromissos juridicamente vinculativos a nível nacional e regional é um elemento crítico na obtenção de informação e financiamento;
- o processo de avaliação e uso dos indicadores de sustentabilidade devem permitir a participação total de todos os *stakeholders*, devendo permitir a estes *stakeholders* opinar sobre a direção da corrente e futuro do turismo sustentável da comunidade;
- os indicadores de sustentabilidade requerem um corpo organizacional (estrutura e processo) de forma a assegurar a sustentabilidade a longo-prazo do destino;

- os indicadores de sustentabilidade devem ser baseados num quadro de sustentabilidade e não no quadro de desenvolvimento tradicional, uma vez que estes são inadequados para medir o crescimento sustentável com precisão;
- o número de indicadores deve ser gerido quantitativamente e qualitativamente e serem de fácil implementação em tempo oportuno no local de destino e a nível comunitário;
- os processos de desenvolvimento dos indicadores de sustentabilidade requerem uma abordagem sistemática que possua um alto nível de realidade, capacidade de previsão e capacidade integrativa;
- os indicadores devem ser propostos e testadas linhas direcionais claras, relacionadas com a forma como devem ser selecionados os indicadores de sustentabilidade nos destinos;
- os indicadores de sustentabilidade devem ser robustos, mensuráveis, acessíveis e devem fornecer uma visão integrada do desempenho passado e atual do turismo sustentável e orientar o desenvolvimento futuro;
- os indicadores de sustentabilidade devem servir como um sistema de alerta que não só previnem os potenciais impactos negativos do desenvolvimento do turismo, mas também promovam um crescimento sustentável.

Se as diretrizes enunciadas forem seguidas por um destino turístico, certamente a sua sustentabilidade será assegurada.

Conclusão

Neste capítulo apresentou-se o conceito de desenvolvimento sustentável apresentado pela Comissão do Ambiente e Desenvolvimento em 1987, sendo este o conceito aceite pela grande maioria dos países Ocidentais como um ponto de partida para o estabelecimento de novas políticas de desenvolvimento. A aceitação desta nova forma de encarar a realidade pode ser vista como um aumento da preocupação para com o ambiente e recursos naturais. Por outro lado, observou-se também que a introdução deste conceito está relacionada com a falha total de políticas anteriores à década de oitenta. Em consequência, foi necessário introduzir uma nova abordagem que tivesse mais em conta a sustentabilidade a longo prazo.

O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que permite a qualquer sistema manter um equilíbrio necessário à sua sobrevivência com elevados níveis de qualidade, onde o atual uso dos recursos naturais não comprometa a sua disponibilidade para a satisfação das necessidades das gerações futuras.

Ser sustentável é um dos maiores desafios enfrentados pelo turismo. O conceito de turismo sustentável é um derivado do conceito geral de desenvolvimento sustentável. Foi a partir da última década do século XX, após o crescimento do turismo de massas, que trouxe consigo muitos benefícios económicos, mas também muitos problemas ambientais e sociais, que o conceito de turismo sustentável começa a ser uma peça fundamental na gestão dos recursos turísticos. Segundo Careto & Lima (2006), o turismo sustentável é uma forma de turismo planeada, integrada, aberta, dimensionada, participativa e viável a longo prazo. Todas as formas de turismo existentes devem ter sempre presente que devem contribuir para o desenvolvimento sustentável dos destinos.

Com a crescente preocupação existente na indústria turística em termos de um desenvolvimento turístico sustentável, a WTO apresentou um conjunto de princípios de sustentabilidade para o setor do turismo e autoridades governamentais. Com base nestes princípios é possível monitorizar o desenvolvimento da atividade turística e a sua sustentabilidade para que, as diferentes dimensões que integram o conceito de desenvolvimento sustentável (económica, social, ambiental, cultural, política e tecnológica) não sejam negligenciadas.

A sustentabilidade possui dimensões específicas para cada setor de atividade. No turismo durante muitos anos só foram abordadas as dimensões económica, social, cultural e ambiental. Nos últimos anos surgiram mais dimensões, nomeadamente a política e a tecnológica. Estar consciente dos impactes que o turismo possa provocar nestas dimensões, pode contribuir em muito para um melhor planeamento e gestão do desenvolvimento turístico do destino.

Para que se possa planear e gerir o desenvolvimento turístico da melhor forma, há que ter em conta todo um conjunto de indicadores que permitam avaliar os efeitos do turismo nas dimensões da sustentabilidade. Estes indicadores permitirão detetar problemas numa fase

inicial ou mesmo preveni-los, podendo responder rapidamente com medidas que os corrijam.

Os destinos rurais atualmente, depois do declínio da agricultura, precisam de uma atividade económica que os revitalize. O turismo é identificado para muitos destinos como uma das atividades com grande potencial para o desenvolvimento sustentável deste tipo de destinos. O terceiro capítulo desta dissertação vai definir e caracterizar o desenvolvimento do turismo sustentável neste tipo de destinos.

Capítulo 3 – Turismo sustentável em destinos rurais

Introdução

Nas últimas décadas com a modernização da agricultura e com a globalização assistiu-se a um despovoamento do mundo rural. O abandono da agricultura por parte das populações que migraram para as cidades em busca de melhor qualidade de vida levou à criação de uma crise na identidade das regiões rurais. Hoje em dia é difícil definir o que é rural, porque existem várias formas de rural que coabitam todas sob a mesma denominação.

Como fruto dessas transformações sociais e económicas, a maioria das áreas rurais atravessa atualmente processos de redefinição, de reestruturação e mesmo de reinvenção (Figueiredo, 2011).

As zonas rurais atuam como depositários de património natural e construído (Lane 1994a). Por este facto, o turismo poderá contribuir para a diversificação das atividades económicas em áreas rurais, atenuando o processo de desertificação humana, promovendo a recuperação do património construído, permitindo a diversificação dos rendimentos dos residentes e dinamizando a economia local.

Torna-se deste modo imperativo uma nova atitude de pragmatismo consciente relativamente ao processo de desenvolvimento turístico, no qual sejam cuidadosamente identificadas as potencialidades turísticas e ponderados os custos e benefícios decorrentes da atividade turística. O desenvolvimento só será sustentável se existirem condições para que os benefícios a médio e a longo prazo não coloquem em causa fatores que venham a perturbar o equilíbrio. As atividades turísticas não podem substituir os recursos endógenos de uma região, devem antes aproveitá-los e respeitá-los. Tendo por base os múltiplos recursos de uma região, os seus habitantes deverão ser incentivados a valorizar esses mesmos recursos, e devem participar nesse processo de transformação. Paralelamente as instituições públicas e os agentes privados deverão assegurar o seu envolvimento para que as estratégias adotadas tenham o sucesso pretendido.

Mas o que é então o rural? O que é um destino turístico rural? A resposta a estas questões é importante para compreender e delimitar o conceito de destino. Este é um elemento fundamental no sistema turístico.

Segundo Careto e Lima (2006), a conceção de turismo sofreu uma mudança, atualmente pretende-se reduzir os efeitos negativos do turismo sobre a dimensão económica, sociocultural e ambiental, assim como, assegurar uma maior diversidade de formas turísticas e integrar as necessidades dos residentes locais e dos turistas de uma forma equilibrada.

Este capítulo é composto por duas seções. Na primeira seção vamos tentar definir o rural e destinos turísticos rurais. Na segunda seção iremos avaliar o papel do turismo na dinamização dos destinos rurais, tentando enumerar alguns dos principais impactes que o turismo pode originar neste tipo de destinos, bem como analisar a relevância do envolvimento das populações dos destinos turísticos rurais nos processos de desenvolvimento turístico adotados para este tipo de destinos turísticos.

3.1 – Destinos Rurais

Destinos rurais existem em diferentes formas e em escalas distintas. Segundo Boyd & Singh (2003), destino rural é uma série de espaços rurais não especializados, onde o turismo não é a principal atividade económica, mas onde as lojas de artesanato e outras formas de comércio ligadas à atividade turística são muitas vezes a sua razão de ser.

Definir espaços rurais ou rural não é uma tarefa fácil. O termo rural está associado à agricultura e é definido em contraste com o “urbano” (Kastenholz, 1997). Segundo Figueiredo (2003a, pp. 131), basicamente o que define um espaço rural “é a existência de uma “paisagem humanizada”, que resulta de uma inter-relação ao longo do tempo, entre o Homem e a terra”. Não existe um só rural, existem vários tipos de espaços rurais. Segundo a OCDE, no Conselho para o Desenvolvimento Rural (OCDE, 1993), classificou as áreas rurais em: áreas económicas integradas, isto é, espaços rurais muito próximos da cidade, com aparência rural, mas económica e culturalmente próximas da cidade; áreas intermediárias, ou seja, áreas com muitos terrenos usados na agricultura e silvicultura relativamente distantes dos centros urbanos; áreas remotas, ou seja, com densidade populacional reduzida, muito afastadas dos centros urbanos e com terrenos de fraca qualidade para serem utilizados quer pela agricultura quer pela silvicultura.

Apesar desse rural plural, onde toda uma diversidade ambiental, paisagística e socioeconómica toma lugar, o “rural globalizado”, continua a ser representado como um espaço isolado, onde se misturam elementos agrícolas com elementos naturais e socioculturais (Figueiredo, 2011).

Ao tentar reduzir a diversidade dos espaços rurais, pode-se dizer que existem aqueles espaços que foram marginalizados e não foram integrados nos sistemas económicos dominantes e, como tal padecem de um subdesenvolvimento e empobrecimento económico. Do lado oposto, surgem espaços rurais, que devido a uma agricultura de elevado rendimento e produtividade, conjuntamente com o desenvolvimento de outras atividades económicas, fazem parte de modelos de desenvolvimento económicos dominantes (Figueiredo, 2003a).

O rural para além de ser classificado geograficamente, economicamente e socialmente, é também objeto de uma “classificação mental”, isto é, uma representação social que tem subjacentes uma série de características que tradicionalmente se associam ao espaço rural e mais especificamente à ruralidade (Lane, 1994a; Figueiredo, 2003a).

A necessidade de uma definição de ruralidade, é um problema antigo enfrentado por geógrafos, sociólogos, economistas entre outros. Para Lane (1994a) a ruralidade assenta sobre três pontos principais; (1) densidade populacional baixa; (2) espaço ocupado principalmente por atividades económicas como a agricultura e a silvicultura; e (3) uma forte identidade social e patrimonial.

Para Figueiredo (2003a, pp: 136), a ruralidade de uma forma simplista é “a qualidade ou o estado do espaço rural”, isto é, “uma maior proximidade com a natureza, a existência de interconhecimento e inter-reconhecimento, partilha de valores entre os seus habitantes, um forte sentido de comunidade e acima de tudo uma paisagem composta por campos agrícolas e florestados”.

Nas últimas décadas, no chamado mundo desenvolvido, os contornos do espaço rural alteraram-se significativamente decorrente das características e dinâmicas do contexto socioeconómico (Batista, 2011). Por todo o mundo desenvolvido, as zonas rurais viram um declínio na população, uma mudança económica e uma regeneração da comunidade quase universal. Por mais de um século, a industrialização e a urbanização alterou a situação

económica e política da sociedade rural (Lane, 1994b). A população rural já não é responsável pelo abastecimento das cidades, este é assegurado quase na totalidade, por unidades agrícolas que recorrem a tecnologias potentes e largamente dissociadas da vida das vilas e aldeias que ainda se localizam no espaço agroflorestal (Batista, 2011). Em muitos países o rural já não é agrícola. A transformação económica, que afetou a forma de produção do agricultor tradicional, traduziu-se pela progressiva modernização do processo de produção na agricultura.

Nos últimos quarenta anos essa tendência intensificou-se, o rendimento agrícola diminuiu e as mudanças tecnológicas levaram à perda de emprego, que induziu ainda mais o desemprego. A população rural tem-se tornado mais envelhecida e muitas aldeias e pequenas cidades lutam por manter a sua viabilidade (Lane, 1994b). Não existe qualquer dúvida de que as comunidades rurais sofreram um intenso processo de transformação, perderam a sua autonomia relativa que possuíam e integraram-se numa sociedade económica, social e cultural mais global (Wanderley, 2000).

Sob esta perspetiva, as profundas transformações resultantes dos processos sociais globais (exemplos: a urbanização, industrialização e a modernização da agricultura), não resultaram numa uniformização da sociedade, que levasse ao fim da particularidade de certos espaços e grupos sociais. A modernização, no seu amplo sentido redefine as questões referentes à relação campo/cidade, rural-urbano. Tradicionalmente complementares, os espaços rurais e os espaços urbanos possuem características distintas. Para Cavaco (2004), o que diferencia espaços rurais de espaços urbanos, é essencialmente a densidade populacional e a importância relativa da agricultura na economia e na sociedade. Para Pais e Gomes (2008), existem quatro aspetos históricos que fazem a distinção entre mundo rural e mundo urbano:

- a) Produção de alimentos como principal função;
- b) Agricultura como atividade económica principal;
- c) Família camponesa como grupo social de referência;
- d) Uma paisagem típica que reflete o equilíbrio entre dois ecossistemas, o natural e o que resulta da atividade humana.

A paisagem rural pode não ter mudado muito mas as comunidades rurais foram afetadas por algumas mudanças, todos aqueles que dependiam e dependem da agricultura e do mundo rural no seu todo, foram afetados pelos processos de globalização, que levou à reestruturação e à desarticulação do setor agrícola tal como existia, com a modernização da agricultura. Igualmente a falta de políticas adequadas na resolução dos problemas estruturais ligados às desigualdades e desenvolvimentos distintos induziram nas sociedades do mundo Ocidental a emergência de soluções para a dinamização dos espaços rurais (Carvalho & Fernandes, s.d; Saarinen, 2008).

No mundo ocidental, os espaços rurais pelas suas fragilidades e respetivas propriedades difusas constituem um excelente laboratório de análise das novas sensibilidades territoriais que entretanto se anunciam (Lane, 1994a). Com efeito, estes deixaram de ser exclusivamente sentidos e olhados sob a ótica das suas potencialidades produtivas para, num contexto diferente, poderem ganhar em complexidade, diversidade funcional e sustentabilidade, ou seja, aquilo que perderam nas últimas décadas do século XX.

O desenvolvimento dos espaços rurais não vai depender somente do dinamismo do setor agrícola, mas sim da sua capacidade para atrair outras atividades económicas. A dinâmica social nos espaços rurais é resultado da convergência de diversos fatores, nomeadamente da descentralização económica, através do desenvolvimento industrial e comercial, bem como da proliferação de serviços.

A conservação da natureza e dos espaços rurais têm cada vez maior importância. Edifícios históricos e tradicionais estão a sofrer intervenções e a sua restauração e conservação têm recebido mais atenção. Em algumas zonas rurais mais acessíveis, tem havido um maior afluxo de pessoas, que se sentem frustradas com a qualidade de vida das grandes cidades, uma tendência conhecida, como “contra urbanização” (Lane, 1994b). Nos últimos anos o mundo rural tem enfrentado novos desafios e surge uma revalorização destes espaços e dos valores da ruralidade, tais como, “guardiões da natureza” e “das memórias do passado” para o equilíbrio e coesão do próprio sistema (Figueiredo, 2003b).

Nesta revalorização do rural, não se esquece o papel central da atividade agrícola. Ao agricultor fica reservado um papel muito importante na tarefa da preservação dos valores patrimoniais e paisagísticos do mundo rural. Ou seja, a agricultura assume-se mesmo como

base da multifuncionalidade que se pretende para os espaços rurais. A agricultura é fulcral para todo o processo de estruturação rural, não só porque se trata de uma atividade económica, mas porque é quem cria as paisagens que atraem os visitantes e é o suporte organizacional deste mundo (Santos & Cunha, 2007). Estes espaços passam, para além do uso da terra, a ser utilizados para outras atividades diferentes, como a indústria, a silvicultura, o turismo e o lazer. Estas são atividades que emergem no rural como soluções para o vazio deixado pela agricultura. O processo de reestruturação das economias das zonas rurais, passa pelo passo mais óbvio de todos, procurar atividades económicas alternativas à agricultura, não se podendo, de forma alguma, abandonar esta atividade económica (Wanderley, 2000; Figueiredo, 2003b).

O desenvolvimento rural pode ser um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo económico e à melhoria da qualidade de vida da população. Para tal, o desenvolvimento local sustentável deve mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir para um aumento da qualidade de vida, viabilizar a competitividade económica local e simultaneamente assegurar a conservação dos recursos naturais existentes, uma vez que estes são a base do desenvolvimento turístico destes destinos.

O desenvolvimento rural é imprescindível para a coesão e equidade dos territórios, uma vez que oferece um conjunto de oportunidades que poderão proporcionar novas dinâmicas (Natálio *et al*, 2011). Segundo Cordovil (1997), o desenvolvimento rural define-se como uma melhoria da qualidade de vida das pessoas nas áreas ou zonas rurais, através de processos que estejam associadas a uma melhoria económica, respeitando os aspetos sociais locais, a equidade social e territorial, a qualidade ambiental e patrimonial, sustentabilidade, participação democrática e responsabilidade cívica. São necessários alguns requisitos nos quais este conceito se deve basear, tais como:

- (i) necessidade de estratégias abertas e muito seletivas das coletividades locais, de forma a criar vantagens competitivas e duradoras, que assentem em princípios de qualidade, diferenciação e flexibilidade;
- (ii) uma abertura ao relacionamento com outros territórios e com agentes externos de forma a gerar uma procura para os produtos regionais e cimentando uma cultura inovadora e de qualidade;

(iii) a necessidade de ser seletiva decorre da concorrência interterritorial num contexto de globalização;

(iv) recusar a dicotomia “mundo rural/mundo urbano”, tal dicotomia, é totalmente inadequada no plano de compreensão da realidade contemporânea dos países desenvolvidos, uma vez que é uma contradição aos valores de solidariedade e interdependência entre o meio rural e o urbano, que interessa estimular;

(v) tem de existir uma intervenção reguladora e proactiva do Estado nos processos de desenvolvimento regional, nomeadamente rural, que estimule iniciativas privadas ou associativas, apostando na capacidade de concertação, aprendizagem e responsabilização das coletividades locais, mas sem fugir às responsabilidades específicas que lhe correspondem na defesa do interesse público;

(vi) a intervenção do governo no desenvolvimento local e rural, pressupõe a capacidade de definir em tempo oportuno, estratégias de desenvolvimento e de ordenamento do território de todo o espaço nacional, compatíveis com o contexto supranacional de inserção do país e suscetíveis de gerar mobilização de interesses e iniciativas fortes para prevalecer sobre adversidades, nomeadamente sobre agentes que atuam a uma escala de especulação global e ambientalmente agressiva.

O setor do turismo tem sido visto como um instrumento de desenvolvimento das áreas rurais, afirmando-se como uma alternativa económica, que assenta numa estratégia de sustentabilidade promovendo a valorização do património e potenciando os seus recursos endógenos (Lane, 1994b; Santos & Cunha, 2007; Pais & Silva, 2008; Simões, s.d). Devido à sua natureza multissetorial e elevada fragmentação da estrutura da oferta das áreas rurais, o desenvolvimento do turismo sustentável é considerado uma ferramenta eficaz de regeneração rural, assim como, para o desenvolvimento de uma grande variedade de setores complementares e inter-relacionados, centrados em torno da atividade agrícola (Hjalager, 1996).

As alterações referidas limitaram em muito as opções de desenvolvimento económico das comunidades rurais, levando à procura de novas estratégias para o desenvolvimento destes espaços. A aposta no desenvolvimento turístico tem sido uma das estratégias que tem sido utilizada por muitos destinos rurais. As áreas rurais possuem atrativos especiais para os

visitantes devido ao misticismo que lhes está associado, assim como à sua cultura, à sua história, à sua ética e características geográficas.

O turismo é visto por muitos políticos como a panaceia para o mundo rural, como o setor mais promissor na criação de emprego e no desenvolvimento económico regional. Numa era de nostalgia, na procura da autenticidade, natureza no seu estudo puro, assim como espaço para ação turística, muitos visitantes escolhem os espaços rurais como destinos turísticos (Caalders, 2001; Figueiredo, 2011).

O turismo nas últimas décadas assume-se cada vez mais como um setor capaz de rentabilizar os recursos naturais e patrimoniais locais, revitalizando algumas das atividades tradicionais, como a agricultura, pastorícia e o artesanato, dinamizando assim as economias locais. Desta forma, quanto maior for o seu património, os recursos naturais e a capacidade das comunidades locais em aproveitar e promover esses mesmos recursos, maior serão as receitas provenientes do turismo nesse local. As relações com as atividades humanas e o meio ambiente, o facto de os recursos existentes serem utilizados de forma direta ou indireta, assim como as próprias características do turismo, contribuem para o desenvolvimento destes destinos (Castro & Fernandes, 2007).

O desenvolvimento do turismo em destinos rurais é uma opção economicamente acessível e de mais fácil implementação do que o desenvolvimento de outros tipos de atividade económica, como por exemplo atividades industriais. O turismo em destinos rurais pode ser desenvolvido localmente com a participação dos governos locais, com o desenvolvimento de pequenos negócios por parte das populações locais, não dependendo o desenvolvimento necessariamente de empresas ou investimentos externos. O turismo também pode proporcionar a base para que os pequenos negócios que já existem sobrevivam nas suas comunidades rurais, uma vez que devido à sua pequena densidade populacional provavelmente acabariam por fechar.

3.2- Turismo como atividade dinamizadora de destinos rurais

Os destinos rurais estão a utilizar o turismo para desenvolverem a sua economia por diversas razões. Os destinos rurais possuem características únicas, as paisagens e os campos agrícolas são recursos naturais extramente atrativos e o turismo pode trazer rendimentos extra para os residentes destes destinos. Muitas comunidades rurais utilizam o

turismo para revitalizar a economia local. Esta revitalização tem de ter o apoio e ser encorajada por diferentes níveis governativos e tem que envolver, obrigatoriamente, os residentes (Johnson, s.d).

Como estratégia para o desenvolvimento rural, o turismo possui aspetos positivos e negativos. O desenvolvimento turístico pode estimular novos investimentos, criar novos empregos, aumentar as receitas fiscais, sendo muitas vezes considerado como um setor em crescimento, ambientalmente limpo, exigindo pouco dos serviços públicos. Por outro lado, tem sido argumentado que muitos dos empregos gerados por este setor são sazonais, mal pagos e com poucos benefícios adicionais (Johnson, s.d; Lane 1994a).

O desenvolvimento turístico pode destruir a cultura local, degradar o meio-ambiente local, obstruir os serviços públicos, levar a um aumento do custo de vida local e causar conflitos entre residentes e visitantes (Ap & Crompton, 1998; Choi & Sirakaya, 2006).

O desenvolvimento dos destinos turísticos requer a construção de equipamentos, atrações e infraestruturas. A construção de tudo isto implica uma transformação permanente do ambiente físico da área de destino e consequentemente existe uma usurpação/lapidação dos ecossistemas naturais, com a ocupação de grandes áreas de terrenos nos quais se poderia desenvolver outra atividade económica, como por exemplo a agricultura. Apesar dos elevados potenciais benefícios económicos que o turismo pode proporcionar para as economias de destino, esta atividade económica pode também originar efeitos negativos. O aumento do nível de dependência de uma economia local ao setor do turismo é um dos custos económicos do turismo (Telfer & Sharpley, 1998). Alguns dos impactes económicos positivos e negativos estão descritos na Tabela 3.1.

Tabela 3.1 - Potenciais impactes económicos do turismo para os destinos rurais.

Impactes Económicos Positivos	Impactes Económicos Negativos
Aumento de rendimentos dos residentes	Aumento do preço dos bens e serviços
Aumento das oportunidades de emprego	Aumento do preço da habitação e terrenos
Aumento do investimento	Aumento do custo de vida e impostos sobre propriedades
Criação de oportunidades de negócio e de pequenas empresas para os residentes na aldeia	Existência de conflitos entre a atividade turística e outras atividades económicas
Desenvolvimento e melhoramento das infraestruturas de serviços públicos	Diminuição da agricultura
Desenvolvimento das atividades económicas locais	
Aumento da procura de produtos locais (mel, artesanato, etc.)	
Atração de mais investimento	

Fonte: Elaborado a partir de: Ap & Crompton (1998); Telfer & Sharpley (1998); WTO (2004);

Choi & Sirakaya (2006); Souza & Eusébio (2011);

Para que o destino se mantenha viável é fundamental manter a sustentabilidade dos recursos base do turismo. A análise dos impactes ambientais, geralmente, aborda a poluição, a erosão e a degradação dos elementos naturais ou construídos que fazem parte da área de destino. O turismo gera muitos resíduos que poluem a terra, a água e o ar. Por definição o turismo envolve o transporte de pessoas de um lado para o outro, consequentemente todos os meios de transporte irão ter efeitos ambientais consideráveis (Telfer & Sharpley, 1998; WTO, 2004). Alguns dos potenciais impactes ambientais positivos e negativos para os destinos rurais estão enunciados na Tabela 3.2.

Tabela 3.2 - Potenciais impactes ambientais do turismo para os destinos rurais.

Impactes Positivos	Impactes Negativos
Conservação do ambiente natural	Efeitos de poluição (ar, água, barulho e lixo)
Melhoria da aparência da área	Perda de paisagem natural incluindo área agrícola
Medição e/ou monitorização das alterações ambientais	Destruição de fauna e flora
	Degradação da paisagem
	Efeitos de competição pelos recursos naturais

Fonte: Elaborado a partir de: Ap & Crompton (1998); Telfer & Sharpley (1998); WTO (2004);

Choi & Sirakaya (2006); Souza & Eusébio (2011);

O turismo pode contribuir para alterações sociais que podem originar problemas sérios na comunidade de acolhimento, incluindo alterações no sistema de valores, no comportamento individual, no relacionamento familiar, nas cerimónias tradicionais e na própria organização da comunidade (Harill, 2004).

Segundo Telfer & Sharpley (1998) os destinos turísticos podem, também mudar ou adaptar a sua cultura, como consequência direta ou indireta da presença de visitantes. Exemplos destas adaptações são festivais, carnavais, rituais religiosos, produtos de arte local que foram transformados em recordações vulgarmente chamados “*souvenirs*”, entre outros. Existem mudanças nos valores das sociedades, nos códigos morais, comportamentos e identidade, como a forma de vestir ou a forma de falar. Também é verdade que o turismo encoraja a revitalização ou ressurgimento de atividades culturais tradicionais. Alguns dos potenciais impactes socioculturais que o turismo pode originar nos destinos rurais estão descritos na Tabela 3.3.

Tabela 3.3 - Potenciais impactes socioculturais do turismo para os destinos rurais.

Impactes socioculturais positivos	Impactes socioculturais negativos
Melhoria da qualidade de vida dos residentes	Aumento da prostituição
Aumento do número de atividades recreativas e eventos para os residentes locais	Aumento do alcoolismo
Aumento da segurança pública	Aumento do vandalismo
Melhoria da compreensão e interação entre diferentes comunidades e culturas	Alterações dos hábitos, costumes e modos de vida da comunidade
Intercâmbio cultural	Aumento de doenças
Espaço para encontros e reuniões com visitantes	Stress para a comunidade e vida pessoal
Conservação da identidade cultural	Perda de identidade cultural
Aumento da procura por exposições culturais e históricas	Aumento do congestionamento do tráfego e congestionamento por multidões em espaços públicos
Conservação do património	Diminuição da paz e tranquilidade
Valorização e promoção das tradições	

Fonte: Elaborado a partir de: Ap & Crompton (1998); Telfer & Sharpley (1998); WTO (2004);

Choi & Sirakaya (2006); Souza & Eusébio (2011);

Residentes hostis ou indiferentes podem ter um impacto negativo nos visitantes. Devem ser tomadas decisões que resolvam os conflitos entre os valores da comunidade e o desenvolvimento turístico. Os planos de desenvolvimento turístico têm que ter em consideração os valores das comunidades, assim como os potenciais benefícios e custos económicos, socioculturais e ambientais (Tabelas 3.1, 3.2 e 3.3) que o turismo provoca nos destinos (Siegal & Jakus, s.d.).

Mas o que é a comunidade? Como se define comunidade em termos espaciais, sociais e económicos? Quem na comunidade beneficia com o desenvolvimento do turismo? Como deverá estar representada a comunidade no setor do turismo? (Richards & Hall, 2001).

Urray (citado por Richards & Hall, 2001), defende que o conceito de comunidade inclui o uso de termos distintos, como a ideia de que comunidade pertence a uma localização topográfica específica, que define um sistema local em particular, um sentimento de união, uma ideologia geral escondida por detrás de poderosas relações que inevitavelmente ligam as pessoas.

A transição da economia tradicional para uma nova economia não ocorre sem que isso acarrete efeitos sociais significativos. Sociólogos rurais reconhecem que as comunidades possuem três necessidades sociais: oferecer aos residentes segurança pessoal e económica, um lugar ao qual pertencem socialmente e manter ligações ou não às atividades económicas tradicionalmente locais (Johnson, s.d).

Com o envolvimento dos residentes nos processos de desenvolvimento turístico assiste-se à formulação de decisões mais apropriadas e é uma forma de aumentar a motivação das comunidades rurais. Quando os residentes são envolvidos existe um maior suporte para a conservação e proteção ambiental. Além disso, como o turismo é uma indústria de serviços, a boa vontade e cooperação da comunidade recetora são fundamentais no sucesso desta atividade. Importa, também, salientar que quando se pretende o desenvolvimento de um turismo sustentável nos destinos turísticos é importante envolver os residentes, conhecendo as suas perceções e atitudes face ao desenvolvimento da atividade turística (Choi & Murray, 2010).

O desenvolvimento sustentável de uma comunidade requer não só a compreensão das relações da comunidade e o seu ambiente, assim como as ligações políticas, económicas e sociais entre comunidades (Richards & Hall, 2001).

As comunidades são a razão básica para a existência de viagens no turismo, como uma forma de experimentar uma existência diferente da do dia a dia, ou outra forma de vida, assim como provar produtos diferentes oriundos de outras comunidades. A sustentabilidade da própria comunidade é um elemento essencial para a sustentabilidade do turismo. O desenvolvimento racional do turismo sustentável significa uma segurança assim como, um renovar de benefícios económicos, socioculturais para a comunidade e para o seu ambiente. Sem uma comunidade sustentável, não se pode esperar um desenvolvimento turístico sustentável (Richards & Hall, 2001).

O complexo crescimento das comunidades e as relações entre si colocam mudanças significativas ao desenvolvimento do turismo sustentável. As estruturas locais da comunidade podem proporcionar problemas ou potenciais soluções na esfera do desenvolvimento sustentável. A comunidade local torna-se não só importante em termos de ação para a preservação imediata do próprio ambiente como do ambiente de uma forma geral. O desenvolvimento sustentável de uma comunidade requer uma compreensão não só das relações entre comunidade local e o seu ambiente, mas também as relações políticas, económicas e sociais entre comunidades (Richards & Hall, 2001).

Nem todos os residentes de uma comunidade local beneficiam da mesma forma com o desenvolvimento do turismo, a verdade é que muitas vezes existem conflitos ou discussões à volta dos assuntos ligados ao desenvolvimento do turismo ou outras formas de desenvolvimento. Em muitos casos o desenvolvimento do turismo apenas serve para trazer à luz as desigualdades existentes na comunidade (Richards & Hall, 2001).

As comunidades locais assim como as autoridades locais são a chave para a implementação das disposições da Agenda 21 (Howie, 2001). Um dos principais objetivos da Cimeira da Terra no Rio de Janeiro em 1992, ao criar a Agenda 21, era que os diferentes governos estabelecessem caminhos para a adoção de políticas cujos objetivos incorporassem os princípios de desenvolvimento sustentável, que envolvessem as comunidades, estimulando a sua colaboração no processo de aplicação dessas políticas (Jackson & Morphet, 2001).

O desenvolvimento sustentável deve ser baseado em soluções a nível local através de iniciativas que envolvam os residentes. Uma gestão partilhada, ou seja uma partilha adequada de responsabilidades locais na gestão dos recursos endógenos entre governos nacionais e locais, organizações não-governamentais e residentes, tem sido a política aceite pelas entidades internacionais para o desenvolvimento local. A comunidade pode albergar a noção de continuidade espacial, interação social, flexibilidade e noção de partilha de valores. As comunidades não devem ser encaradas como ligações geográficas ou entidades homogéneas, mas sim como entidades diversificadas e diferenciadas entre si (Hall, 2000).

A aceitação dos princípios de sustentabilidade devem estimular as empresas do setor do turismo, os residentes dos destinos e os visitantes a adotar boas práticas ambientais,

havendo um aumento do reconhecimento de que a realização de um turismo sustentável deve avançar para a criação de organizações e estruturas de gestão amigas do ambiente, assim como, a implementação de procedimentos de monitorização (Goodall & Stabler, 2001).

Os atributos dos destinos, ou seja os seus recursos e potenciais impactes, são a base sobre a qual as comunidades devem procurar um tipo de turismo específico que se adequa a cada caso, podem eles ser étnicos, culturais, históricos, ambientais e recreativos, sendo os primeiros os mais fáceis de controlar. A principal barreira ao desenvolvimento do turismo, é a complacência dos seus governantes locais e residentes em relação ao que têm para oferecer. Para compreender a evolução do conceito de sustentabilidade, há que entender que este é inseparável do conceito de comunidade, meio ambiente e planeamento das dimensões económica, sociocultural e ambiental (Howie, 2001).

Conclusão

O mundo ocidental nos últimos séculos assistiu a uma transformação económica. A industrialização e urbanização alteraram por completo a situação económica e política, das zonas rurais deixando estas de produzir alimentos para alimentar as cidades, que por sua vez passaram a ser abastecidas por unidades agrícolas modernizadas, o que levou ao desmoronamento da economia rural e do mundo rural tal como se conhecia.

Desde as últimas décadas do século XX a conceção de desenvolvimento rural tem sofrido alterações. Isto levou à atribuição de novos papéis para os espaços rurais. Os responsáveis pelo desenvolvimento de espaços rurais procuram atividades económicas alternativas à agricultura capazes de os revitalizar em termos económicos e sociais. O território surge como uma estratégia mais ativa e interativa, onde os recursos locais são mais valorizados englobando os aspetos socioculturais, técnicos e económicos. Os responsáveis pelo desenvolvimento rural passam a apostar em outras atividades económicas, para além das atividades tradicionais (agricultura e silvicultura). Neste contexto o turismo surge como um importante instrumento de desenvolvimento destas áreas.

O desenvolvimento dos espaços rurais deve assegurar a melhoria das condições de vida dos seus residentes, bem-estar, assim como das suas capacidades para determinar o seu

futuro, tais como, aumento de rendimentos, aptidões pessoais e modos de produção (Cavaco, 2004).

O desenvolvimento destes espaços deve ser sustentável em todas as suas dimensões que integram este conceito (ecológica, económica, social, cultural, política e tecnológica). Para tal deve-se ter em especial atenção qual a forma de turismo que mais se adapta a cada espaço, assim como ao seu desenvolvimento. Deve dar-se especial atenção aos impactes que o desenvolvimento turístico pode provocar e saber desenvolver planos capazes de evitar os impactes negativos, ou pelo menos minimizar esses mesmos impactes.

A natureza e magnitude desses impactes passam por várias fases evolutivas, desde a defesa incondicional do desenvolvimento turístico até à avaliação científica dos benefícios e custos do setor do turismo nas suas várias dimensões. Quem planeia o turismo tem de ter um plano efetivo de desenvolvimento com o envolvimento dos residentes de forma a minimizar os impactes negativos e a demonstrar quais são os impactes positivos do turismo. Ao minimizar os impactes negativos e ao serem comunicados os benefícios do turismo, os agentes responsáveis pelo planeamento da atividade turística podem ganhar o apoio dos residentes para iniciativas específicas e desta forma obter uma atitude positiva por parte deles (Ap, 1992; Ap & Crompton, 1998; Snepenger *et al*, 2001).

Os aspetos positivos e negativos do desenvolvimento turístico necessitam de ser avaliados a curto-prazo e também ao longo do tempo. A chave para o sucesso é um equilíbrio entre os benefícios e os custos desse desenvolvimento a longo-prazo. O turismo sustentável em destinos rurais deve envolver os diferentes residentes a participar na tomada de decisões, porque a atividade do turismo vai afetar as suas vidas (Bramwell & Sharman, 2001; Choi & Murray, 2010). Sem o apoio dos residentes o desenvolvimento turístico pode não ser bem-sucedido, pelo que é imperativo, avaliar as perceções e atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico.

Para avaliar as perceções e atitudes dos residentes, nomeadamente o seu apoio ao turismo, na literatura sobre esta temática têm sido publicados vários modelos neste domínio. Com estes modelos podemos avaliar em que fase se encontra o desenvolvimento do turismo nos destinos rurais em estudo nesta dissertação e tentar explicar as atitudes e comportamentos dos residentes face ao desenvolvimento turístico.

Capítulo 4- Os residentes e o desenvolvimento do turismo sustentável em destinos rurais

Introdução

Durante as últimas décadas, muitos investigadores do setor do turismo prestaram especial atenção à descrição, explicação e previsão de como os residentes das diferentes comunidades respondem ao desenvolvimento turístico nos espaços rurais (Gursoy *et al*, 2002; Gursoy & Rutherford, 2004; Silva, 2011; Souza & Eusébio, 2011).

Existem vários fatores que explicam as atitudes e comportamentos dos residentes face ao desenvolvimento do turismo, tais como a perceção dos benefícios e custos associados, a ligação à comunidade, fatores sociodemográficos, entre outros. Para isso, foram apresentados modelos por diferentes investigadores de forma a compreender as diferentes respostas dos residentes ao desenvolvimento turístico. Butler, citado por Snepenger *et al* (2001), já em 1980 fazia notar que as atitudes dos residentes podiam ser favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento turístico e que o seu comportamento na receção dos visitantes nas suas comunidades poderia ser ativo ou passivo.

Este capítulo é dividido em duas seções. A primeira seção descreve a relevância do envolvimento da comunidade no desenvolvimento turístico, recorrendo a alguns exemplos de modelos explicativos das atitudes e comportamentos dos residentes ao desenvolvimento turístico. Na segunda seção apresentam-se os potenciais fatores que poderão influenciar as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico, tais como a perceção dos impactos, tipo e frequência de interação, as emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes, a ligação ou *place-attachment* dos residentes às suas comunidades e as suas características sociodemográficas.

4.1 – Relevância do envolvimento da comunidade

O turismo tornou-se numa componente económica importante para os programas de desenvolvimento de todo o mundo. Para terem o apoio dos residentes, quem planeia o desenvolvimento do turismo procura compreender como é que as pessoas encaram o turismo. Para que esse desenvolvimento ocorra de uma forma sustentável, devem existir planos e/ou estratégias adequadas. Estes planos e estratégias devem promover uma distribuição equitativa dos benefícios económicos por todos os *stakeholders* do destino

rural, de forma a evitar a revolta, que pode ser transformada em hostilidade para com os visitantes, contribuindo eventualmente para o declínio do destino turístico (Harril, 2004).

Segundo Ap (1992), para que o turismo possa contribuir para o desenvolvimento de um destino é fundamental que os seus impactes negativos sejam minimizados e tem de ser visto pela população residente como uma atividade que lhes proporciona benefícios. Neste sentido, para que o turismo possa ser considerado sustentável num determinado destino, para além de necessitar do apoio dos residentes deve envolver todos os *stakeholders* da atividade turística no planeamento do desenvolvimento desta atividade. O desenvolvimento do turismo num destino rural, geralmente, parte do desejo de alguns residentes da comunidade de melhorar as condições económicas e sociais da comunidade, não é algo decidido por todos, ou seja, para alguns elementos da comunidade, o turismo pode ser algo imposto pelos que o defendem. Independentemente da forma como o turismo é introduzido num destino rural, os residentes têm um papel fundamental no sucesso ou insucesso desta atividade. Os residentes podem contribuir de forma negativa para o desenvolvimento desta atividade, através da sua oposição ou exibindo um comportamento hostil para com aqueles que defendem o seu desenvolvimento, ou mesmo, para com os visitantes. Para existir um desenvolvimento do turismo sustentável nos destinos rurais, as necessidades dos residentes e dos visitantes desses destinos têm de ser satisfeitas através de experiências de qualidade, porque é através desta satisfação que poderá ocorrer um aumento da fidelização dos visitantes a esse destino, bem como o desenvolvimento de atitudes positivas dos residentes face aos visitantes. Estas atitudes poderão traduzir-se, por exemplo num aumento da interação social entre residentes e visitantes (Ap, 1992; Choi & Murray, 2010).

As atitudes são respostas reforçadas pelas perceções e convicções da realidade mas estão estritamente relacionadas com valores profundamente enraizados, ou com a personalidade, que ao contrário das opiniões, faz com que estas não mudem tão rapidamente (Ap, 1992; Wang & Pfister, 2008). A razão para compreender as atitudes e comportamentos dos residentes parece estar fundamentada em várias perspetivas.

O envolvimento dos residentes de uma comunidade na tomada de decisão é muito importante para o planeamento e implementação de um turismo sustentável (Choi & Murray, 2010).

Para Pearce & Stringer (1991), é necessário contextualizar atitudes em relação ao desenvolvimento turístico. Não é só o aspeto geográfico e económico que são importantes para a formação de valores, também a visão do mundo por parte dos membros da comunidade influenciam as atitudes e comportamentos.

Por exemplo, os residentes que são contra o turismo ou que pelo contrário o apoiam, possuem fortes opiniões sobre o processo de desenvolvimento turístico, enquanto aqueles que se resignam com a presença do turismo, são geralmente uma maioria silenciosa (Madrigal, 1995).

Desde os anos oitenta que têm sido realizados estudos sobre a importância de envolver os residentes nos processos de decisão relacionados com o desenvolvimento turístico dos destinos rurais (como por exemplo, Siegel & Jakus, s.d; Smith & Krannich, 1998; Snepenger, *et al*, 2001; Wilson *et al*, 2001; Wang & Pfister, 2008). A literatura neste domínio evidencia que todos os *stakeholders* de um destino turístico devem estar envolvidos no planeamento, porque um turismo planeado pela comunidade tenderá a ter melhores resultados (Choi & Murray, 2010). Neste sentido é fundamental avaliar o comportamento dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística em todos os destinos, assumindo este aspeto ainda maior importância quando o destino em análise é um destino rural, onde a componente humana é um elemento fundamental da oferta turística desse destino.

4.2 - Modelos de avaliação da atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística

Como avaliar as atitudes e comportamentos dos residentes relativamente ao desenvolvimento turístico? Esta tem sido uma das questões trabalhada por vários autores, tendo dado origem a várias abordagens.

Doxey propôs um modelo designado por “Modelo Irridex” (citado por Smith & Krannich (1998) e Harril (2004)). Este modelo é um modelo linear que integra cinco fases em termos de nível de irritação dos residentes face ao turismo (euforia, apatia, incomodo, antagonismo e conformismo). Segundo este modelo, na fase inicial de desenvolvimento turístico, os residentes recebem muito bem os visitantes e os rendimentos começam a entrar na comunidade. Esta fase é designada de euforia. Nesta fase os visitantes encontram

o destino sem ser necessário muita promoção turística e a comunidade tem poucas atividades turísticas para oferecer. Novos visitantes surgem através do passa-palavra e estes novos visitantes são caracterizados por serem aventureiros e sem necessidade de muitos equipamentos de apoio. Contudo, com o tempo a novidade espalha-se e aumenta o número de visitantes, alguns residentes começam a ter vantagens económicas com o crescimento do turismo, enquanto que outros começam a perceber e a criticar as mudanças que estão a ocorrer no destino. Este estado é designado de apatia, onde a presença do turismo no destino não é considerada novidade e o estado de euforia começa a diminuir. Nesta altura, começam a ser desenvolvidas campanhas de marketing, infraestruturas e atividades turísticas começam a aumentar. Com o crescimento da atividade turística os residentes começam a ficar irritados pelo número de visitantes no seu local de residência e preocupados com a presença do turismo no geral. A esta fase chama-se de incómodo ou irritação), na qual a comunidade está muito próxima de atingir um nível de saturação em relação ao turismo. Durante esta fase, os empresários e entidades públicas responsáveis começam a desenvolver planos para a criação de mais infraestruturas e atividades turísticas para satisfazer as necessidades dos visitantes. Nesta fase os interesses comerciais e políticos externos à comunidade começam a pressionar os pequenos negócios existentes. A fase final do desenvolvimento turístico é quando o destino turístico já se transformou num destino de massas e, nesta fase, os residentes passam a ser contra o turismo, ocorrendo a fase designada de antagonismo dos residentes face ao turismo. Os residentes já não veem os turistas com bem-vindos e podem exibir um comportamento que pode ir desde a indiferença à hostilidade. Por fim, ocorre a fase final, designada por conformismo, em que os residentes aprendem a viver com o facto de que a sua aldeia nunca será a mesma ou podem tentar atrair outro tipo de visitantes. Este modelo é utilizado para explicar as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico tendo como base os impactes que são gerados pela atividade turística nos residentes.

A teoria da troca social tem sido também muito utilizada na análise das atitudes dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística. Os residentes avaliam o turismo em termos de trocas sociais, isto é, avaliam os custos e benefícios obtidos ou esperados em troca dos serviços fornecidos. Por isso, assume-se que os residentes procuram o desenvolvimento turístico para a sua comunidade de forma a satisfazer as suas necessidades económicas, sociais, psicológicas e para melhorar a sua qualidade de vida.

Quando os benefícios percebidos pelos residentes são superiores aos custos, de acordo com a teoria da troca social, os residentes tenderão a ter uma atitude favorável face ao desenvolvimento turístico. No entanto, quando os custos percebidos são superiores aos benefícios, o mais provável é que os residentes tenham uma atitude negativa face ao desenvolvimento do turismo (Ap, 1992; Ap & Crompton, 1998; Snepenger *et al*, 2001).

Na teoria de troca social é assumido que os atores estão bem informados e são suficientemente inteligentes para estimarem o nível de utilidade a obter para as diferentes ações alternativas antes de decidirem e de atuarem. No entanto, muitas vezes, as pessoas nas suas relações sociais agem muito mais com base nos sentimentos e hábitos para tomarem as suas decisões, do que em razões e factos objetivos (Wang & Pfister, 2008).

A troca social envolve troca e partilha de recursos entre indivíduos e grupos. Os recursos podem ser de natureza material, social ou psicológica. Esta teoria tem sido largamente utilizada na investigação sobre as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico, uma vez que permite relacionar os benefícios e os custos que os residentes percebem do desenvolvimento turístico com as atitudes que desenvolvem face ao turismo (Ap, 1992; Ap & Crompton, 1998; Snepenger *et al*, 2001).

Segundo Ap (1992), a Teoria da Troca Social (SET), assume que as relações sociais envolvem uma troca de recursos entre partes que procuram benefícios mútuos a partir de uma relação. As atitudes dos residentes face ao turismo são parcialmente influenciadas pelas contrapartidas sociais, económicas (efetivas ou expectadas) desse desenvolvimento.

Ap (1992) sugeriu que quando a troca de recursos é elevada e equilibrada, para o grupo de acolhimento, os impactos do turismo são vistos de uma forma positiva pelos residentes. Quando a troca de recursos é pequena, seja numa relação de troca equilibrada ou desequilibrada, os impactos são vistos pelos residentes como negativos.

Resumindo, o Modelo da Troca Social é um modelo muito importante quando se pretende perceber e medir as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística.

4.3 – Fatores que influenciam a atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística

Em concordância, com o que já se referiu anteriormente, existem fatores que afetam a atitude dos residentes para com o turismo. Estes podem ser classificados como fatores extrínsecos e intrínsecos (Fredline & Faulkner, 2000; Souza & Eusébio, 2011; Chiappa, *et al*, 2012).

Os fatores extrínsecos, são aqueles que afetam as reações ao desenvolvimento turístico a nível macro, uma vez que tem um impacto na comunidade como um todo e baseiam-se no grau ou estado de desenvolvimento turístico e no nível de sazonalidade do turismo do destino que está a ser objeto de análise.

Os fatores intrínsecos reconhecem que a comunidade é heterogénea e a atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo varia de acordo com as características dos visitantes, dos residentes e da interação entre visitantes e residentes. Alguns destes fatores são os seguintes:

- (i) perceções dos residentes dos impactes do turismo;
- (ii) proximidade geográfica dos residentes das infraestruturas turísticas;
- (iii) duração do tempo de residência no destino que está a ser objeto de análise;
- (iv) dependência dos residentes face ao turismo;
- (v) nível de contacto/interação com os turistas;
- (vi) características sociodemográficas dos residentes.

A perceção dos residentes dos impactes do turismo é um fator que influencia a atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo, desempenhando, desta forma, um papel muito importante para que o destino turístico se mantenha a longo prazo. Segundo a Teoria da Troca Social, quando os residentes percecionam que existe um equilíbrio entre benefícios e custos no desenvolvimento turístico os residentes apoiam esse mesmo desenvolvimento. Pelo contrário, quando os residentes percecionam que os custos são superiores aos benefícios, eles podem rejeitar o desenvolvimento turístico e tornarem-se menos simpáticos com os visitantes, colocando em causa a sobrevivência do destino turístico (Ap, 1992; Ap & Crompton, 1998; Snepenger *et al*, 2001).

A frequência e o tipo de interação que os residentes estabelecem com os visitantes influenciam a atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística. Os estudos que têm sido publicados sobre esta temática (exemplo: Fredline & Faulkner, 2000 e Jackson & Inbakaran, 2006), revelam que quanto maior for o contacto entre residentes e visitantes, mais os residentes se adaptam ou se retraem em relação aos visitantes e ao desenvolvimento turístico. Associada à interação entre residentes e visitantes são desenvolvidas determinadas emoções, tanto por parte dos residentes como por parte dos visitantes. Segundo o modelo de Doxey, inicialmente os residentes não sentem muito desconforto com a presença dos visitantes, porque veem vantagens económicas e sociais, mas à medida que o tempo passa e o número de visitantes aumenta, eles começam a desenvolver sentimentos desfavoráveis ao desenvolvimento turístico (Simth & Krannich, 1998; Harril, 2004).

Também o facto de os residentes viverem há muito tempo, ou mesmo nascerem nos destinos turísticos, se manifesta no seu apoio ao desenvolvimento turístico, quanto maior for a ligação, maior será o seu apoio ao desenvolvimento turístico. No entanto, este tipo de relação é fortemente influenciado pelo estado de desenvolvimento turístico em que o destino se encontra. Numa fase inicial de desenvolvimento, os residentes podem aceitar muito bem e mesmo apoiar o desenvolvimento da atividade turística, porque acreditam que isso lhes trará a revitalização da comunidade, mas mais uma vez com o aumento do número de visitantes os residentes vão sentir-se mais desconfortáveis com a sua presença e podem mesmo retirar o seu apoio ao turismo, como se verifica no modelo de Doxey (Simth & Krannich, 1998; Harril, 2004). Para além dos fatores descritos, referem-se as características dos residentes como fatores que poderão influenciar a atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística.

Neste subcapítulo far-se-á uma abordagem a todos estes fatores e como podem eles afetar o apoio dos residentes ao turismo num determinado destino rural.

4.3.1 – Perceção dos Impactes

Segundo a Teoria da Troca Social, no contexto residente/turista o uso do termo perceção é mais apropriado, isto porque os residentes podem atribuir ao turismo impactes sem necessariamente terem ocorrido (Ap, 1992).

As comunidades são constituídas por grupos de indivíduos com visões distintas. Este facto contribui para que exista heterogeneidade entre os residentes em termos de percepção dos impactes do turismo. Neste contexto, observa-se que poderá ocorrer a situação em que para alguns dos residentes do destino turístico em análise o desenvolvimento turístico é aparentemente bom, enquanto para outros, esse mesmo desenvolvimento poderá ter efeitos negativos (Mason & Cheyne, 2000).

Tendo como base o modelo da troca social, Perdue *et al* (1990) analisaram a relação entre a percepção dos residentes dos impactes e o seu apoio face ao desenvolvimento turístico. Estes autores verificaram que o apoio dos residentes face ao desenvolvimento do turismo depende das percepções dos impactes do turismo, tendo verificado que quanto maior é a percepção de impactes positivos do turismo maior é o apoio dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística.

4.3.2- Interação

Madrigal (1995) refere que a percepção dos impactes dos residentes ao desenvolvimento turístico e, conseqüentemente, o seu apoio ao desenvolvimento turístico é influenciado por uma série de fatores, tais como a dependência económica da atividade turística, a importância desta a nível local e do tipo e frequência de interação entre residentes e visitantes.

A interação social que os residentes possuem com a família, com os amigos e com os visitantes influencia a formação de percepções, o conteúdo da comunicação pode alterar positivamente ou negativamente a percepção que os residentes têm sobre determinado objeto ou evento e influenciar, desta forma, a atitude que desenvolvem face a esse objeto ou evento. Nem todos os membros da comunidade estão expostos ou contactam da mesma forma com os visitantes (Fredline & Faulkner, 2000).

A interação que se estabelece entre residentes e visitantes, é um fator essencial para o desenvolvimento turístico de um destino (Souza & Eusébio, 2011). Desta forma, o tipo e frequência de interação entre residentes e visitantes irão influenciar a atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística.

Existe ainda pouca literatura que analisa a relação entre o tipo e frequência de interação entre residentes e visitantes e as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento da

atividade turística. No entanto, como base em alguns estudos publicados nesta área (Fredline & Faulkner, 2000; Jackson & Inbakaran, 2006), defende-se nesta dissertação que quanto maior for a interação, maior será a probabilidade dos residentes desenvolverem atitudes favoráveis face ao desenvolvimento turístico. No entanto, alguns autores referem que quando aumenta a interação entre residentes e os visitantes, os residentes passam a conhecer melhor a atividade turística, nomeadamente os seus efeitos negativos, contribuindo, muitas vezes, para que desenvolvam atitudes negativas. Por exemplo, Jackson & Inbakaran (2006) referem que quanto maior é o contacto dos residentes com os visitantes, maior é a propensão de os residentes desenvolverem atitudes negativas face ao desenvolvimento da atividade turística.

4.3.3 - Emoções dos residentes no contacto com os visitantes

A etimologia da palavra emoção sugere corretamente uma direção externa: emoção significa literalmente “movimento para fora” (Damásio, 1994). As emoções fazem os seres humanos agir perante determinado objeto ou acontecimento (Santos, 2011). Segundo Ortony *et al* (citado por Richins, 1997), as emoções são a base das reações afetivas às situações percebidas (Richins, 1997).

As emoções são a combinação de um processo de avaliação mental, simples ou complexo, com respostas adaptadas a esse processo, maioritariamente dirigidas ao corpo, resultando num estado emocional do corpo (Damasio, 1994). Segundo Gross (1998), as emoções resultam de diferentes adaptações a situações, são quem facilita a tomada de decisões, quem prepara o indivíduo para um conjunto de respostas e proporcionam informação para um jogo contínuo entre o organismo e o meio-ambiente. As emoções também servem como funções sociais, informam o indivíduo acerca das intenções dos outros, dando pistas se será algo bom ou mau, descrevendo assim o nosso comportamento social.

As emoções, segundo Hansen (2005), são vistas como mecanismos inconscientes mais primitivos, extremamente rápidos, que controlam as respostas individuais a uma série de situações distintas. São como um comportamento adaptativo e uma resposta psicológica a tendências que têm fortemente a ver com a evolução significativa de situações. Segundo Laros & Steenkamp (2005), as emoções são conceptualizadas como dimensões generalizadas, como afetos positivos e negativos.

É necessário fazer uma distinção entre emoção e sentimento, porque muitas vezes estes dois conceitos são confundidos. Os sentimentos, não são mais do que um processo para viver uma emoção. Os sentimentos, juntamente com emoções que lhes dão origem, não devem ser vistos como luxos, servem sim, como guias internos que nos ajudam a comunicar aos outros, sinais que também os podem guiar (Damásio, 1994; Hansen, 2005; Santos, 2011).

Emoções são variáveis afetivas mais intensas que o humor e mais relacionadas com os estímulos que as desencadeiam. Numa perspetiva mais compreensiva, as emoções podem ser defendidas como um conjunto de interações entre fatores subjetivos e objetivos, mediados por sistemas neuro/hormonal, que podem dar origem a experiências afetivas tais como, sentimentos de prazer e estímulos (Gross, 1998).

Muitos são os que tentaram ordenar o universo das emoções através da identificação de um conjunto de emoções básicas, embora nunca se tenha obtido um consenso sobre tal. De uma forma geral as emoções básicas são vistas sob uma base biológica e experiência universal (Richins, 1997).

Plutchik (1980) e Izard (1977) (citados por Richins, 1997), reconheceram o importante papel das emoções no desempenho da sobrevivência dos organismos. Plutchik (1980) usou a perspetiva evolucionista para identificar oito “emoções básicas”, que consistem em: medo, fúria, alegria, tristeza, aceitação, desgosto, expectativa e surpresa. Izard (1977), identificou 10 emoções fundamentais: interesse, alegria, surpresa, tristeza, fúria, desgosto, desprezo, medo, vergonha e culpa (Richins, 1997; Gross, 1998). Tanto Plutchik como Izard, defendiam que as emoções complexas são uma mistura das emoções básicas. Ou seja, o amor, ódio, inveja, alívio e orgulho, podem ser identificadas pelas escalas desenvolvidas respetivamente por Plutchik e Izard. Mas estas escalas não explicam tudo na sua totalidade, o que levou ao aparecimento de críticas e à apresentação de outras escalas (Richins, 1997).

Ao longo das últimas décadas vários estudos têm sido realizados para avaliar as emoções. Ao nível do turismo foram também já desenvolvidos alguns estudos nesta área. Muitos destes estudos, utilizaram escalas para medir as emoções, nomeadamente a *PNAS Scale* (*Positive Affect Negative Affect*) de Watson *et al* (1988), a *PAD Scale* (*Pleasure Arouse*

Dominance) de Mahrabian & Russell (1974) e a CES (*Consumption Emotions Set*) de Richins (1997) (Richins, 1997; Santos, 2011). No anexo 4.1 apresentam-se as principais escalas que têm sido utilizadas para medir as emoções no turismo de acordo com o estudo de revisão realizado por Santos (2011).

A atividade turística não é somente entendida como uma atividade económica, mas como uma prática social complexa e multifacetada. Esta atividade implica, essencialmente a deslocação de pessoas e a relação das pessoas entre si e com a comunidade recetora. Neste sentido, para além de todos os serviços inerentes ao turismo (viagens, transporte, hospedagem, gastronomia, publicidade, entre outros) não podemos deixar de considerar a dimensão das relações humanas e as emoções que resultam da interação entre residentes e visitantes (Garrod & Fyall, 1998). Apesar da relevância das interações entre residentes e visitantes e da avaliação das emoções sentidas nesta interação, tanto por visitantes como pelos residentes, não se conhecem estudos neste domínio. Neste sentido, nesta dissertação considera-se que as emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes influenciam a sua atitude face ao desenvolvimento da atividade turística. Para avaliar as emoções utilizou-se a *PAD scale*.

As emoções e os sentimentos que são desencadeadas na interação entre residentes e visitantes são vitais para compreender o apoio dos residentes ao turismo em destinos rurais. Como já foi referido anteriormente, residentes hostis podem afugentar os turistas e dessa forma comprometer o futuro do turismo nestes destinos.

As emoções e os sentimentos que são desencadeados na interação entre residentes e visitantes são vitais para compreender o apoio dos residentes ao turismo em destinos rurais. Como já foi referido anteriormente, residentes hostis podem afugentar os turistas e dessa forma comprometer o futuro do turismo nestes destinos. A experiência turística deve satisfazer ambas as partes, ou seja, a troca deve ser encarada como benéfica para ambos (residentes e visitantes).

4.3.4– Ligação ao destino

A ligação das pessoas aos lugares é um fenómeno complexo que envolve interpretações sociais, psicológicas e culturais significativamente construídas sobre a interação indivíduo-lugar (Silva, 2011). *Place-attachment* é o estudo sobre os sentimentos que as pessoas

desenvolvem para com os lugares onde nasceram ou cresceram e a função que estes lugares ocupam nas suas vidas. *Place-attachment* pode ser definido como a ligação afetiva entre as pessoas a lugares específicos. Podem ser encontrados termos semelhantes como ligação à comunidade, sentimento de comunidade, dependência ao lugar e sentimento de pertencer a um lugar (Hidalgo & Hernandez, 2001).

Os estudos que têm sido publicados que avaliam a relação entre a ligação ao destino e a atitude que os residentes desenvolvem face ao turismo têm utilizado como variável para medir essa ligação o tempo de residência no destino em análise. Alguns estudos têm demonstrado que os residentes que residem há mais tempo nos destinos são mais sensíveis aos impactes socioculturais do que os residentes que vivem nesses destinos há menos tempo (Williams *et al*, 1995; Harril, 2004).

Um & Crompton, citados por Harril (2004), combinaram o tempo de residência com a naturalidade (ter nascido ou não naquele destino) e criaram a escala de *Guttman* de ligação ao lugar. Estes autores observaram que quanto maior for a ligação dos residentes ao lugar menor era a perceção dos impactes positivos do turismo.

Place-attachment é ainda considerado como uma dimensão e um padrão da participação e integração social na vida comunitária, sentimento ou afeto para com a comunidade onde residem. É um conceito positivo, onde se assume que é um bom lugar, ao qual se está ligado e que este estado psicológico se traduz em benefícios para a comunidade e para os que aí residem (Silva, 2011).

O turismo é uma indústria com grande potencial para melhorar a qualidade de vida dos residentes, mas também pode contribuir para piorar a sua qualidade de vida. Nos estudos de turismo as ligações à comunidade tem sido um conceito popular e frequentemente utilizado para analisar a influência deste fator na atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística. Alguns estudos (exemplo: Choi & Murray, 2010) revelam que os residentes que nasceram ou vivem há mais tempo num determinado local possuem uma visão menos positiva do turismo.

Finalmente, a satisfação do visitante parece ser muito maior quando os residentes da comunidade recetora sentem orgulho da sua cultura e da sua comunidade e

consequentemente o apoio dos residentes para com o desenvolvimento turístico será maior (Hall, 2000).

4.3.5- Características Sociodemográficas

Alguns estudos têm revelado que as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico variam de acordo com suas características sociodemográficas. Por exemplo, Jackson & Ibakaran (2006), verificaram que os residentes do género feminino, com atividade profissional, com habilitações literárias mais elevadas e com um nível de rendimento mais elevado tendem a ter uma atitude mais favorável face ao desenvolvimento do turismo.

Carneiro & Eusébio (2010), defendem que no que respeita a habilitações literárias dos residentes, não existe um consenso na bibliografia que permita afirmar que existe uma relação entre as habilitações literárias dos residentes e a perceção de impactes do desenvolvimento turístico. No entanto Haralambopoulos & Pizam (1996) afirmam que quanto maior for o grau de habilitações dos residentes maior será a perceção dos impactes positivos e mais positiva será a sua atitude para com o desenvolvimento turístico. Estes autores, também afirmam que quanto maior for o rendimento médio do agregado familiar, mais positiva será a atitude dos residentes para com o desenvolvimento da atividade turística.

Wang & Pfister (2008) verificaram que as pessoas com mais de 65 anos, têm uma menor perceção dos benefícios resultantes do desenvolvimento da atividade turística, enquanto as pessoas com menos de 65 anos possuem uma maior perceção dos benefícios desta atividade. Estes autores verificaram ainda, que os homens percecionavam menos os benefícios do desenvolvimento da atividade turística do que as mulheres.

Segundo Simth & Krannich (1998), num estudo realizado em 20 comunidades do estado do Colorado (USA), ficou demonstrado que, com exceção da idade e do grau de habilitações literárias, não se verificaram diferenças significativas num conjunto de variáveis sociodemográficas (género, estado civil, situação perante o emprego, idade e habilitações literárias) dos residentes e o seu apoio ao desenvolvimento da atividade turística. No entanto Mason & Cheyne (2000) verificaram diferenças significativas entre homens e mulheres em termos da perceção dos impactes do desenvolvimento turístico. As

mulheres percecionam mais impactes negativos do desenvolvimento turístico que os homens.

Conclusão

Neste capítulo foram apresentadas algumas considerações sobre a relevância de avaliar as perceções dos residentes sobre os impactes do desenvolvimento turístico, assim como, uma revisão bibliográfica sobre os modelos apresentados por diferentes autores sobre as atitudes e comportamentos dos residentes face ao desenvolvimento turísticos que influenciam essas atitudes e comportamentos. Existem fatores intrínsecos e fatores extrínsecos que afetam as atitudes e comportamentos dos residentes relativamente ao desenvolvimento turístico.

De acordo com na revisão da literatura, os residentes podem ser a favor do desenvolvimento turístico ou contra esse desenvolvimento. Quem planeia e defende o desenvolvimento turístico deve envolver os residentes para que estes desenvolvam atitudes favoráveis face ao desenvolvimento da atividade turística. As pessoas devem estar conscientes que existem benefícios e custos do desenvolvimento da atividade turística. Para isso, dirigentes políticos e outros *stakeholders* devem ter uma informação completa sobre os impactes ambientais, económicos e socioculturais que o turismo proporciona para as comunidades recetoras.

Os diferentes modelos apresentados neste capítulo para avaliar as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística revelam claramente que as atitudes dos residentes passam de positivas para negativas quando os custos da atividade turística percecionados pelos residentes são superiores aos benefícios.

Para além da perceção dos impactes, observou-se neste capítulo a existência de outros fatores que poderão influenciar as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística, nomeadamente o tipo e frequência da interacção entre residentes e visitantes, as emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes, a ligação dos residentes à comunidade e as suas características sociodemográficas.

Como podemos constatar a partir deste capítulo muitos são os fatores a ter em conta num processo de planeamento de desenvolvimento turístico para um destino rural, mas se existir

o envolvimento da comunidade, uma distribuição equitativa dos custos e benefícios, sem deixar de ter atenção aos limites de capacidade de carga do destino em análise, poder-se-á desenvolver um turismo sustentável, que satisfaça os residentes desse destino e os visitantes.

No capítulo seguinte será definida a metodologia e as hipóteses do estudo empírico que é desenvolvido no âmbito desta dissertação. Este estudo permite avaliar os fatores que influenciam as atitudes dos residentes de destinos turísticos rurais localizados no Centro de Portugal face ao desenvolvimento do turismo nesses destinos.

Capítulo 5- Metodologia e Modelo de Investigação

Introdução

Este capítulo apresenta o modelo de investigação desenvolvido nesta dissertação e a metodologia adotada para testar este modelo. O capítulo, para além desta nota introdutória, está estruturado em três secções. Na primeira secção é descrito o modelo de investigação que foi desenvolvido com base na revisão da literatura. A segunda secção descreve a metodologia adotada para recolher os dados necessários para testar o modelo de investigação proposto. Por fim a terceira secção descreve os métodos de análise de dados utilizados.

5.1 - Modelo de investigação

O principal objetivo desta dissertação é avaliar as atitudes dos residentes de destinos rurais face ao desenvolvimento do turismo e os fatores que influenciam essas atitudes.

Associado ao objetivo principal já referido, foram também definidos para este estudo uma série de objetivos específicos que serão seguidamente enumerados:

- (i) avaliar a perceção dos residentes das comunidades rurais dos impactes do turismo;
- (ii) verificar o envolvimento dos residentes no desenvolvimento turístico nas comunidades rurais em estudo;
- (iii) avaliar as atitudes dos residentes de destinos rurais face ao desenvolvimento da atividade turística;
- (iv) identificar os fatores que influenciam a atitude dos residentes de destinos rurais face ao desenvolvimento da atividade turística (perfil sociodemográfico dos residentes, perceção dos residentes dos impactes do turismo, nível de interação entre residentes e visitantes, emoções sentidas pelos residentes na interação com os visitantes e ligação dos residentes aos destinos turísticos em análise).

Analisar as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico é imprescindível para promover uma gestão sustentável dos destinos turísticos, pois os residentes são um elemento fundamental da oferta turística destes destinos (Souza & Eusébio, 2011).

Conscientes desta relevância, desenvolveu-se o modelo de investigação que se apresenta na Figura 5.1.

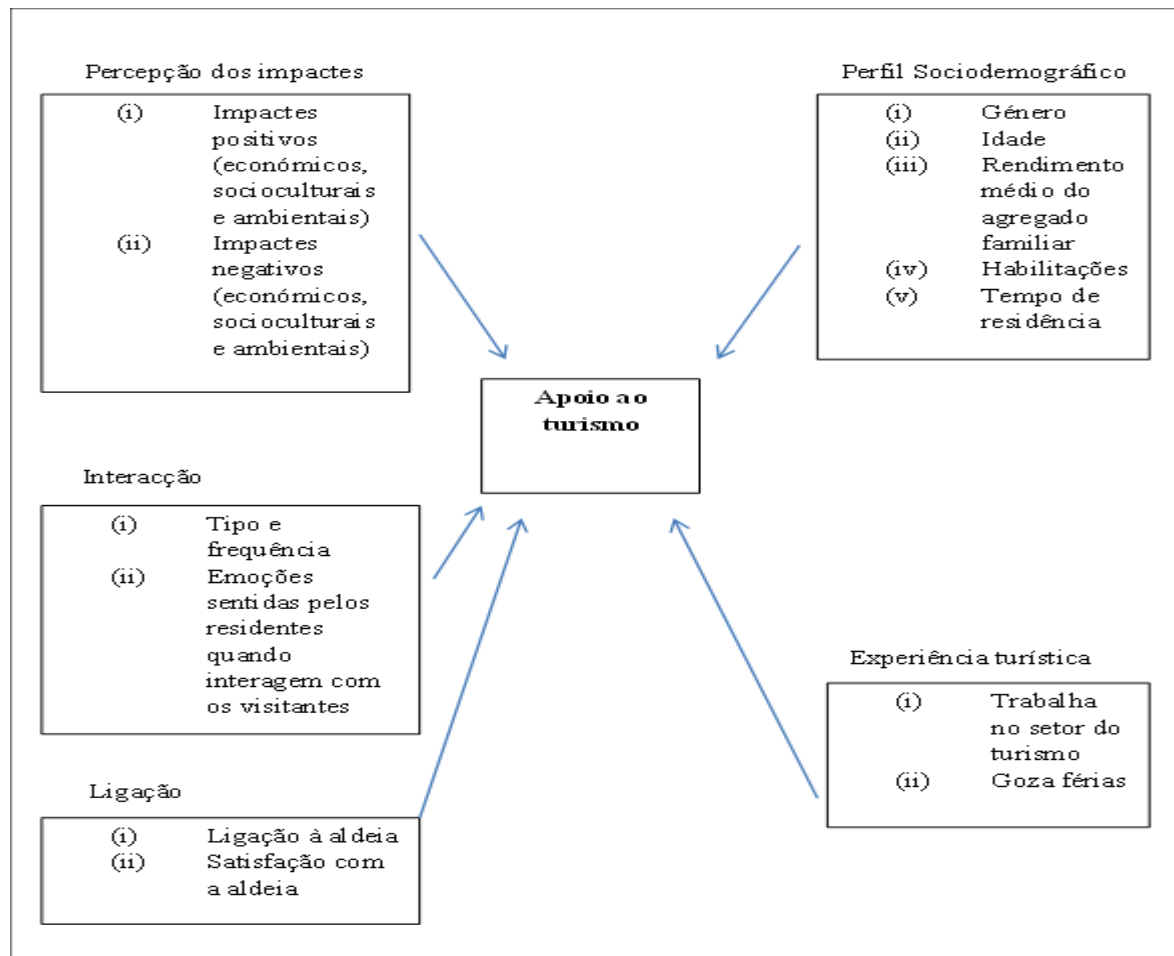


Figura 5.1 - Fatores que influenciam a atitude dos residentes de destinos rurais face ao desenvolvimento do turismo.

Em termos de influência da percepção dos residentes dos impactes do turismo na sua atitude face ao desenvolvimento da atividade turística, foram desenvolvidas as seguintes hipóteses de investigação com base na revisão da literatura:

H1: A percepção dos residentes dos benefícios do turismo influencia de forma positiva o nível de apoio dos residentes de destinos rurais ao desenvolvimento do turismo.

H2: A percepção dos residentes dos custos do turismo influencia de forma negativa o apoio dos residentes de destinos rurais ao desenvolvimento do turismo.

Vários estudos (exemplo: Choi & Murray, 2010) revelam que quanto mais benefícios económicos e socioculturais os residentes percecionarem do turismo maior será o seu apoio ao desenvolvimento desta atividade, verificando-se uma situação contrária quando são percecionados os custos que esta atividade proporciona.

Os fatores sociodemográficos podem contribuir para um maior ou menor apoio ao desenvolvimento do turismo, por exemplo a idade ou o tempo de residência geralmente levam a que os residentes apoiem menos o desenvolvimento do turismo. A revisão da literatura permitiu constatar que os resultados obtidos nos estudos que avaliaram a influência dos fatores sociodemográficos na atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística não são conclusivos (exemplo: Simth & Krannich (1998) e Carneiro & Eusébio (2010)). Neste contexto, optou-se por colocar nesta dissertação a seguinte hipótese:

H3: Existem diferenças estatisticamente significativas na atitude dos residentes dos destinos rurais face ao desenvolvimento do turismo de acordo com as suas características sociodemográficas.

A experiência turística dos residentes, como por exemplo, o gozar férias, pode contribuir para o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo. Neste sentido, coloca-se nesta dissertação a seguinte hipótese:

H4: A experiência turística dos residentes dos destinos rurais está positivamente relacionada com o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo.

Outro dos fatores que foi identificado na revisão da literatura com potencial influência nas atitudes dos residentes de destinos rurais face ao desenvolvimento do turismo é o nível de interação que existe entre residentes e visitantes. Neste sentido, nesta dissertação considera-se que quanto maior for a interação entre visitantes e residentes maior será o apoio que os residentes manifestam face ao desenvolvimento da atividade turística. Assim, no que se refere ao fator interação foram definidas, com base na revisão da literatura, as seguintes hipóteses de investigação:

H5: Existe uma relação direta entre a frequência da interação entre residentes e visitantes e o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo.

H6: A interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade está relacionada de forma positiva com o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo.

H7: Existe uma relação direta entre as emoções positivas sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes e o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo.

A ligação à comunidade por parte dos residentes e o seu nível de satisfação com a aldeia onde residem foram também identificados como potenciais fatores que poderão influenciar a atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo (Hidalgo & Hernandez, 2001; Choi & Murray, 2010). O fator designado por ligação à comunidade (*Place-attachment*) tem sido objeto de análise em alguns estudos que têm analisado a problemática da atitude dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística (Williams *et al*, 1995). Neste contexto considera-se que quanto maior for a ligação dos residentes face ao destino maior será o seu apoio ao desenvolvimento da atividade turística. Neste sentido, foram formuladas as seguintes hipóteses de investigação:

H8: Quanto maior for a ligação dos residentes à aldeia maior será o seu apoio ao desenvolvimento do turismo.

H9: Quanto maior for a satisfação dos residentes com a aldeia maior será o seu apoio ao desenvolvimento do turismo.

5.2 – Método de recolha de dados

5.2.1 - População em estudo e técnica de amostragem utilizada

Uma vez que esta dissertação tem como área de estudo destinos rurais, foram selecionadas cinco comunidades rurais localizadas na Região Centro de Portugal. Os destinos rurais selecionados foram Benfeita, Piódão, Fajão, Góis e Alvares (Chãs de Alvares). Todos estes destinos estão localizados nas Serras do Açor e Serra da Lousã. Nestas comunidades rurais, a agricultura há muito que está em declínio, praticando-se neste momento uma agricultura de subsistência, em parte devido à forte imigração que se efetuou no século XX. Segundo dados primários e os resultados dos Censos 2011 a Tabela 5.1 apresenta o número de habitantes, por género, dos destinos rurais em análise.

Optou-se por analisar nesta dissertação apenas as aldeias onde já existia algum contato entre residentes e visitantes, ou seja, Benfeita, Enxudro, Pardieiros, Luadas (todas as

aldeias da freguesia de Benfeita), Pena e Aigra Nova (freguesia de Góis), Chã de Alvares (freguesia de Alvares), Fajão e Piódão.

Tabela 5.1 - Distribuição da população por freguesia em estudo

Freguesia	Número de habitantes	Homens	Mulheres
Piódão (Aldeia Histórica) Concelho de Arganil	178 habitantes divididos pelas aldeias: Piódão, Malhada Chã, Chã de Égua, Tojo, Fórnea, Foz de Égua, Barreiros, Covita, Torno, Casal Cimeiro e casal Fundeiro	93	85
Benfeita (Aldeia de Xisto) Concelho de Arganil	394 habitantes divididas pelas aldeias de Benfeita, Deflores, Dreia, Enxudro; Luadas, Monte Frio, Pai das Dornas, Pardieiros e Sardal	182	212
Góis (Aldeias de Xisto da Freguesia) Concelho de Góis	2171 habitantes (15 habitantes na Pena, 5 habitantes na Aigra Nova, 2 habitantes na Aigra Velha, 2 habitantes na Comaeira)	1034	1137
Alvares Concelho de Góis	812 habitantes divididos pelas aldeias de Alvares, Chãs de Alvares e Cortes de Alvares (Chãs de Alvares possui aproximadamente 150 pessoas)	363	449
Fajão (Aldeia de Xisto) Concelho de Pampilhosa da Serra	215 habitantes divididas pelas aldeias de Fajão, Açor, Boicas, Camba, Castanheira, Cavaleiros de Baixo, Cavaleiros de Cima, Ceiroco, Ceiroquinho, Covanca, Gralhas, Mata, Ponte Fajão, Porto da Balsa e Vale do Pardieiro	100	115

Fonte: Elaborado a partir de dados primários e dados secundários retirados do INE (2011).

Pela análise da Tabela 5.1, podemos verificar que se trata de uma zona demograficamente deprimida, onde a maioria da população que encontramos tem mais de 65 anos. A título de exemplo, o índice de envelhecimento de Benfeita é de 719 um dos mais altos de Portugal (<http://benfeita.net/>).

Após ter sido identificada e caracterizada a população em estudo nesta dissertação, procedeu-se à definição da técnica de amostragem a adotar.

As técnicas de amostragem dividem-se em técnicas de amostragem probabilística ou aleatória e não probabilística ou não aleatória.

Na amostragem probabilística todos os indivíduos de uma população possuem igual probabilidade de serem selecionados, o mesmo não acontece numa amostragem não probabilística, onde existe um critério na seleção da amostra, isto é, existem elementos da população que possuem mais probabilidade de serem selecionados do que outros (Reis & Moreira, 1993). A amostragem deste estudo é não probabilística, por motivos que passamos a explicar.

Inicialmente optou-se por utilizar uma amostragem por quotas, que seria realizada nas freguesias de Benfeita, Piódão e Vila Cova de Alba, todas estas freguesias no concelho de Arganil. A partir dos dados fornecidos pelo INE nos Censos de 2011, pretendíamos entrevistar 200 pessoas. Mas tal não foi possível, porque as pessoas não se disponibilizaram a responder e também devido ao facto da maioria possuir mais de 65 anos, o que dificultou a aplicação do questionário seguindo a amostragem por quotas inicialmente definida. A situação mais complicada foi mesmo em Vila Cova de Alba, as pessoas foram muito desagradáveis, isto talvez devido ao facto de a freguesia, só ter sido incluída recentemente no programa das “Aldeias de Xisto”, os seus monumentos se encontrarem em fase de requalificação. A ADXTUR - Agência Desenvolvimento Turístico das Aldeias de Xisto ainda não fez a marcação dos percursos pedestres, encontrando-se estes ainda em estudo. Por tudo isto, acreditamos que as pessoas ainda não se encontram sensibilizadas para qualquer contacto com os visitantes motivo pelo qual foi difícil administrar o questionário nesta aldeia.

Uma vez que não foi possível colocar em prática a técnica de amostragem inicialmente prevista, optou-se por utilizar a técnica de amostragem por conveniência. Outra das técnicas utilizadas, foi a amostragem por bola de neve, onde se identificaram alguns indivíduos da população em amostra e depois estes sugeriam outros indivíduos a inquirir (Reis & Moreira, 1993). O recurso a esta técnica de amostragem teve como base o facto de não ser fácil o contacto direto com os elementos da população destes destinos, devido à elevada desconfiança existente, transmitida pela comunicação social e também pelos alertas das autoridades locais, para o vandalismo e assaltos de que podem ser vítimas devido à sua idade.

As principais vantagens destas técnicas são a rapidez, a economia e simplicidade administrativa. Por outro lado, a grande desvantagem pode ser o enviesamento introduzido pelo investigador na seleção dos indivíduos (Reis & Moreira, 1993).

Após a definição das técnicas de amostragem foi necessário definir a dimensão da amostra, tendo-se decidido realizar duzentos questionários divididos proporcionalmente pelas aldeias objeto de análise. O processo de inquirição terminaria quando o valor de questionários pré-estabelecido fosse atingido, o que não foi possível, devido à recusa das

peessoas em colaborar, pelos motivos já aqui apresentados, sendo a taxa de resposta obtida neste estudo de aproximadamente 50%.

5.2.2 - Instrumento de inquirição

Depois da definição da técnica de amostragem, procedeu-se à definição do instrumento de recolha de dados a utilizar, que neste estudo é um inquérito por questionário.

Segundo Ghiglione & Matalon (1993), um questionário é um instrumento rigorosamente estandardizado, tanto no texto das questões como na sua ordem, garantindo a comparabilidade das respostas de todos os indivíduos. As questões devem ser efetuadas da mesma forma a todos os indivíduos, de uma forma clara, sem dar origem a ambiguidades, não deve sugerir resposta alguma em particular, não deve exprimir expectativas e não deve excluir nada que possa passar pela cabeça do indivíduo a quem está a ser aplicado o questionário.

O questionário utilizado neste estudo deve permitir a recolha de dados relativos ao tipo e frequência de interação, emoções na interação dos residentes com os visitantes, perceções dos residentes dos impactes causados pelo desenvolvimento turístico, ligação à aldeia, satisfação com a aldeia, nível de apoio ao desenvolvimento da atividade turística e dados sociodemográficos dos residentes.

O questionário foi elaborado com base na revisão da literatura efetuada no âmbito desta dissertação (exemplos: Ap & Crompton ,1998; Choi & Murray, 2010; Souza & Eusébio, 2011), assim como, nos inquéritos de Silva (2011), Eusébio & Carneiro (2010) e Santos (2011). Ao construir o questionário, fez-se a sua divisão por secções com o objetivo de se obter a informação pretendida por temas (Tabela 5.2), sendo o último tema referente a questões relacionadas com o perfil sociodemográfico dos inquiridos. Como o mesmo questionário é aplicado em aldeias distintas, o conteúdo é o mesmo, só se fez alteração ao nome do destino (Anexo 5.1).

O questionário aplicado nesta dissertação inclui perguntas relativas ao local de residência e o tempo de residência, local onde exerce a sua atividade profissional, nível de conhecimento e experiência turística dos residentes, frequência e tipo de interação dos residentes com os visitantes, as emoções sentidas pelos residentes na interação com os visitantes, as atitudes e comportamentos dos residentes relativamente ao desenvolvimento

turístico, quem beneficia com o desenvolvimento turístico, a ligação dos residentes à atividade turística, a ligação dos residentes à aldeia e satisfação com aldeia onde reside.

O tipo e a frequência de interação com os visitantes, foram avaliadas recorrendo a uma escala tipo *Likert*, de 1 a 5, onde 1 significa “nunca” a 5 significa “muito frequentemente”, baseado em Eusébio & Carneiro (2012) e foram utilizados 14 itens. As emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes foram avaliadas, através de uma escala PAD (*Pleasure, Arousal, Dominance*) adaptada a partir de Santos (2011), onde 1 é a emoção negativa e 5 a emoção positiva, com 18 itens. Segundo Santos (2011) esta escala já foi testada pelos autores Lee *et al* (2008) no seu estudo sobre a avaliação entre as emoções, satisfação e fidelização num festival cultural. Estes autores basearam-se na escala PAD de Mehrabian & Russell (1974). A perceção dos impactes foi avaliada através de 40 itens, numa escala tipo *Likert*, de 1 a 5, onde 1 significa “discordo completamente” e 5 significa “concordo completamente” com base na revisão da literatura (Ap & Crompton, 1998; Choi & Murray, 2010; Souza & Eusébio, 2011). A perceção das entidades que beneficiam com o turismo foi avaliada recorrendo a uma escala tipo *Likert* de 1 a 5, onde 1 significa “nunca” a 5 significa “muito” e foram utilizados 7 itens. A ligação à aldeia e satisfação com a aldeia onde vive foram avaliadas com recurso a uma escala tipo *Likert* de 1 a 5, onde 1 significa “discordo completamente” e 5 significa “concordo completamente”, com base em Silva (2011) e Hidalgo & Hernandez (2001) e foram utilizados 18 itens. O questionário administrado aos residentes dos destinos rurais em análise integra também uma questão aberta com a finalidade de se conhecer a opinião pessoal dos inquiridos sobre quem na realidade deveria beneficiar com o desenvolvimento turístico.

Na Tabela 5.2 estão descritos os objetivos de investigação e o tipo de questão introduzida no questionário para dar resposta a esses objetivos.

Tabela 5.2 - Relação entre as questões do questionário e os objetivos da investigação.

Informação a obter:	Objetivos:	Questão:
Experiência Turística		
Experiência Turística	-Saber qual a experiência turística dos inquiridos e se trabalham no setor do turismo nas aldeias em análise.	-Se gozam férias e onde é que gozam férias. -Se trabalham no setor do turismo ou se têm familiares a trabalhar no setor do turismo.
Tipo e frequência de interação dos residentes com os visitantes e emoções associadas à interação		
Frequência e tipo de interação e grau de satisfação relativo à interação. Emoções dos residentes quando interagem com os visitantes.	-Conhecer o nível de interação entre residentes e visitantes; -Saber se os residentes consideram positiva a sua interação com os visitantes. -Avaliar a influência da interação e das emoções sentidas pelos residentes na interação com os visitantes.	-Frequência da interação em diferentes locais (escala de <i>Likert</i>). -Frequência de diferentes tipos de interação (escala de <i>Likert</i>). -Emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes (escala bipolar).
Perceção dos residentes dos impactos nas comunidades		
Perceção dos efeitos positivos do turismo para a aldeia.	- Identificar os principais efeitos positivos percebidos pelos residentes. -Avaliar a influência da perceção dos efeitos positivos na atitude dos residentes face ao desenvolvimento turístico.	- Efeitos positivos (económicos, socioculturais e ambientais) provocados pelo turismo (escala de <i>Likert</i>).
Perceção dos efeitos negativos do turismo para a aldeia.	-Identificar os principais efeitos negativos percebidos pelos residentes. -Avaliar a influência da perceção dos efeitos negativos na atitude dos residentes face ao desenvolvimento turístico.	-Efeitos negativos (económicos, socioculturais e ambientais) provocados pelo turismo (escala de <i>Likert</i>).

Tabela 5.2 - Relação entre as questões do questionário e os objetivos da investigação (continuação).

Informação a obter:	Objetivos:	Questão:
Perceção dos residentes dos impactes nas comunidades (continuação)		
Atitudes e comportamento dos residentes face ao desenvolvimento turístico.	-Identificar atitudes e comportamentos face ao desenvolvimento turístico.	-Atitude e comportamento dos residentes face ao desenvolvimento turístico (escala de <i>Likert</i>).
Custos versus Benefícios		
Quem beneficia com o desenvolvimento turístico na aldeia.	- Identificar os principais beneficiários do desenvolvimento turístico na aldeia.	- Potenciais beneficiários (escala de <i>Likert</i>).
Quem deve beneficiar com o desenvolvimento turístico.	-Verificar na realidade quem beneficia e quem deveria beneficiar com o desenvolvimento turístico.	-Questão específica aberta para saber a opinião individual de quem deveria beneficiar com o desenvolvimento turístico.
Ligação ao destino		
Grau de ligação e satisfação com a aldeia.	-Conhecer o grau de ligação e satisfação ao destino e como se reflete no apoio ao turismo.	-Identificar o grau de ligação e satisfação à comunidade (escala de <i>Likert</i>).
Grau de ligação dos residentes às pessoas da aldeia e aos visitantes.	-Conhecer o grau de ligação dos residentes às pessoas que vivem e visitam o destino e como se reflete no apoio ao turismo.	- Escala de <i>Likert</i> .
Grau de fidelização á aldeia.	- Verificar o grau de fidelização à aldeia por parte dos residentes e como essa ligação se reflete no apoio ao turismo.	- Escala de <i>Likert</i> .
Características sociodemográficas dos residentes		
Características sociodemográficas dos residentes.	-Conhecer o perfil sociodemográfico dos inquiridos. -Avaliar se existem diferenças no nível de apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico de acordo com o seu perfil sociodemográfico.	-Idade; sexo; estado civil; habilitações literárias; situação profissional e atividade que exerce; rendimento liquido mensal do agregado familiar e dimensão do agregado familiar.

5.2.3 – Método de administração

Após a construção do questionário procedeu-se à realização de um pré-teste no mês de junho, com o intuito de verificar se o mesmo era entendido pelos inquiridos ou se se teria de fazer algum ajuste ou alteração às questões aí incluídas. Foram inquiridas 7 pessoas nas aldeias de Benfeita, Pardieiros e Piódão. Com a aplicação do pré-teste verificou-se que havia um item na frequência da interação entre residentes e visitantes que não se aplicava a nenhuma das aldeias em estudo que era “contacta com visitantes nos parques de campismo”, que foi posteriormente retirado do questionário (Anexo 5.2).

Durante os meses de junho, julho e agosto de 2012, foi aplicado o questionário nas aldeias referidas anteriormente, recorrendo ao método de administração direta, tendo sido obtidos 102 inquéritos, respondidos por indivíduos maiores de 15 anos que residem e/ou trabalham nas aldeias de Benfeita, Pardieiros, Enxudro e Luadas da freguesia de Benfeita, Piódão da freguesia do Piódão, nas aldeias da Pena e Aigra Nova da freguesia de Gois, Chã de Alvares da freguesia de Alvares e aldeia de Fajão da freguesia de Fajão.

Apesar de se ter definido inicialmente uma amostra de dimensão de 200 questionários, tal não foi possível, devido à relutância das pessoas em responder, muitas delas não permitindo qualquer aproximação, deixando bem claro que não iriam responder. Outras que permitiram ser inquiridas, os questionários não foram considerados validos, em primeiro lugar devido à idade avançada que lhes traz uma debilidade física e mental muito grande e em segundo lugar, quando tentávamos aplicar o questionário falavam somente dos assuntos não relacionados com as questões que colocávamos, não que não entendessem o que lhes era questionado, mas porque viam ali uma oportunidade para falar com alguém, o que não é de estranhar devido ao forte isolamento e solidão em que vivem uma parte significativa dos residentes destes destinos rurais.

Também devido à crise que o país está a sofrer, as pessoas mais novas que habitavam nestas aldeias, partiram em busca de trabalho em outros lugares, o que se traduz em comunidades muito envelhecidas.

5.3 – Métodos de análise de dados

Após a administração do questionário aos residentes dos destinos rurais anteriormente enunciados foi construída uma base de dados com recurso ao programa *Statistical Package*

for *Social Sciences* (SPSS) e procedeu-se à análise e tratamento dos dados, tendo-se utilizados os seguintes métodos:

- (i) Métodos de análise estatística univariada;
- (ii) Métodos de análise estatística bivariada;
- (iii) Métodos de estatística multivariada.

Nesta dissertação a análise univariada foi utilizada para caracterizar a amostra. Foram analisados os dados relativos à distribuição dos inquiridos por freguesia, caracterização sociodemográfica dos inquiridos, a ligação ao setor do turismo e experiência turística, perceção dos inquiridos dos impactes causados pela atividade turística, perceção dos inquiridos em relação às entidades que beneficiam com o desenvolvimento do turismo nos destinos em análise, opinião dos inquiridos sobre quem deve beneficiar com o desenvolvimento turístico e caracterização dos inquiridos quanto à residência, tempo de permanência e se exerce ou exerceu alguma atividade profissional no destino (Tabela 5.3).

Tabela 5.3 - Descrição dos métodos de análise univariada.

Objetivos	Tipo de análise	Métodos utilizados
Caracterização da distribuição dos inquiridos por freguesia	Univariada	Análise de frequências
Caracterizar o perfil sociodemográfico dos inquiridos	Univariada	Análise de frequências, média e desvio padrão
Caracterizar a ligação à atividade turística e experiência turística	Univariada	Análise de frequências
Caracterizar a perceção dos inquiridos dos impactes causados pela atividade turística	Univariada	Análise de frequências, média e desvio padrão
Caracterizar a perceção dos inquiridos em relação às entidades que beneficiam com o desenvolvimento do turismo na zona	Univariada	Análise de frequências, média e desvio padrão
Caracterizar a opinião dos inquiridos sobre quem deve beneficiar com o desenvolvimento turístico	Univariada	Análise de frequências
Caracterização dos inquiridos quanto à residência, tempo de permanência e se exerce ou exerceu alguma atividade no destino	Univariada	Análise de frequências

Os métodos estatísticos de análise bivariada utilizados foram o *teste-t* e o coeficiente de correlação de *Spearman*

Os métodos de estatística multivariada utilizados foram a análise de componentes principais e a regressão linear múltipla. A análise de componentes principais foi aplicada à interação, emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes e ao *place-attachment*. Por sua vez, para identificar os fatores que influenciam o apoio dos residentes ao desenvolvimento da atividade turística nos destinos rurais em análise foi desenvolvido e estimado um modelo de regressão linear múltipla.

Conclusão

Neste capítulo foram definidos os objetivos gerais desta dissertação, isto é, a avaliação do apoio ao turismo dos residentes nos destinos rurais e os fatores que influenciam esse mesmo apoio, assim como os objetivos específicos. O instrumento de recolha de dados selecionado foi um inquérito por questionário aplicado diretamente durante os meses de junho, julho e agosto de 2012.

Foi também, caracterizada a população em estudo, tendo-se verificado que se trata na sua maioria de pessoas com mais de 65 anos. Trata-se de uma zona demograficamente deprimida, não tendo sido possível aplicar a técnica de amostragem por quotas inicialmente prevista para a realização deste estudo. Em substituição foram utilizadas a amostragem por conveniência e a amostragem tipo bola de neve.

O capítulo seguinte descreve de forma sumária as principais características das aldeias que são objeto de análise nesta dissertação.

Capítulo 6 - Caracterização dos destinos rurais em estudo

Introdução

Os destinos rurais em estudo nesta dissertação situam-se na Região Centro de Portugal, nomeadamente no Pinhal Interior Norte, mais concretamente nos concelhos de Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra.

Um dos problemas mais graves destes destinos rurais resultam da perda de população, envelhecimento e uma rutura do modelo produtivo agrossilvo-pastoril, que se manteve até meados do século XX (Fernandes, 2011).

O despovoamento e o envelhecimento populacional, a escassez de oportunidades de trabalho, a falta de um ordenamento eficiente, acessibilidades deficientes, a rutura com as atividades económicas que predominaram durante séculos nestas zonas, deu origem a uma marginalização destes territórios.

Nos últimos anos assiste-se a uma tentativa de fomentar o desenvolvimento deste território através de um desenvolvimento sustentado, baseado em três dimensões, ambiental, sociocultural e económica. Em termos ambientais existe uma preservação e valorização dos seus recursos naturais, dando especial atenção à conservação dos seus *habitats* naturais e paisagens como uma referência ecocultural. Em termos económicos existe um aproveitamento turístico destes espaços com a criação de dois programas as “Aldeias de Xisto” e “Aldeias Históricas de Portugal”, que têm uma especial atenção à fragilidade ambiental e económica destes destinos, privilegiando formas de turismo de natureza, ecoturismo e turismo rural. A nível social a maior preocupação vai para o reequilíbrio demográfico, que passa pela fixação de população, promoção do património tradicional, preservando a identidade e as referências naturais (Fernandes, 2011).

Neste capítulo, é feita a caracterização da localização geográfica dos destinos que foram objeto de análise nesta dissertação, bem como, uma breve caracterização demográfica, económica e da atividade turística.

6.1 – Localização dos destinos rurais em estudo

As aldeias que são objeto de análise nesta dissertação estão localizadas na Região Centro de Portugal, mais precisamente no Pinhal Interior. A área de estudo considerada nesta dissertação situa-se na zona norte do Pinhal Interior, mais concretamente nos concelhos de Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra (Figura 6.1).



Figura 6.1- Imagens da área de estudo. Fonte: *Google Earth*, 2012.

Nesta zona existem dois grupos de ação local a Associação Pinhais do Zêzere e a ADXTUR- Agência Desenvolvimento Turístico das Aldeias de Xisto. Para além destas duas associações de desenvolvimento, temos também as autarquias, que com os seus planos de ordenamento e outras iniciativas levam a cabo ações de incidência local que têm impactes diretos e indiretos no desenvolvimento turístico destas aldeias (Pais & Gomes, 2008).

A região caracteriza-se por um perfil orogénico muito acentuado, como as serras do Açor e Lousã, com picos superiores a 1200 m, o que resulta numa cobertura vegetal irregular, com crescimento florestal nas encostas e vários outros tipos de cultivo nos vales (Rocha-Trindade, 1986).

A Serra do Açor e da Lousã fazem parte da cordilheira central que atravessa a meseta ibérica no sentido nordeste-sudoeste dividindo-a sensivelmente ao meio. É um dos contrafortes da Serra da Estrela e geologicamente integra-se no maciço xisto-grauváquico da Região Centro. Esta região é atravessada por pequenas ribeiras das bacias hidrográficas dos rios Alva e Ceira.

As Serras do Açor e Lousã são de domínio do xisto cujas dobras e fraturas originam um tipo de relevo característico, imponente mas com contornos arredondados, com vales de grandes queda de nível, onde é possível testemunhar alguns acidentes geológicos como é o

caso da queda de água da Fraga da Pena. Perto desta foi criada em 1982 a Área Protegida da Serra do Açor que inclui a Mata da Margaraça, uma “reliquia vegetal” constituída por um coberto vegetal com espécies de flora raras e característicos de uma floresta que outrora cobriu todo o território nacional a “Laurissilva”, cujo interesse científico nacional e internacional levou à sua conservação.

Fatores ecológicos, sociais, culturais e económicos conjugam-se com fatores climáticos e geomorfológicos para dar uma dinâmica à paisagem das Serras do Açor e Lousã. Nestas aldeias quase não existe indústria, pratica-se uma agricultura de subsistência e começaram a aparecer algumas atividades comerciais ligados ao turismo (Silveira, 2001).

Nas Serras do Açor e Lousã vamos encontrar para além da área protegida, zonas de “Rede Natura 2000”, pequenas aldeias, que hoje se encontram praticamente despovoadas, devido à emigração. Estas pequenas aldeias apresentam construções, todas elas feitas em xisto, o que lhes traz um toque especial e muito atrativo. O Programa das “Aldeias de Xisto” (este programa foi colocado em prática a partir de 2001 pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro - CCDRC, utilizando fundos comunitários para a recuperação de aldeias de xisto na zona do Pinhal Interior) e “Aldeias Históricas” (este programa foi formulado pelo governo português em 1991 e recuperou várias aldeias na Beira Interior) são umas dessas iniciativas que se tornou imagem de marca da região, que desencadeou intervenções estruturadas vocacionadas a visitantes e aos residentes locais (Pais & Gomes, 2008).

Dentro da área de estudo vamos encontrar junto aos Penedos de Gois, território predominantemente de xisto onde sobressaem em algumas zonas de afloramento quartzíticos, as aldeias da Pena (15 habitantes), Aigra Nova (5 habitantes), Aigra Velha (2 habitantes) e Comoeira (2 habitantes). Na Serra do Açor, junto à Fraga da Pena e Mata da Margarça vamos encontrar a freguesia de Benfeita (Benfeita, Pardieiros, Luadas e Enxudro). Mais a Este vamos encontrar a aldeia de Fajão, que inicialmente se começou por estar integrada no programa das “Aldeias Históricas”, mas que mais tarde se veio integrar no programa das “Aldeias de Xisto”. Nas “Aldeias do Xisto”, como no caso de Benfeita, Pena, Aigra Nova e Fajão há subtilezas de cor e paisagem, mas também pormenores patrimoniais e arquitetónicos que só se descobrem depois de as percorrer. Estas aldeias,

podem ser constituídas por casas com a pedra à vista, mas há outras cobertas de branco ou cor (www.aldeiasdoxisto.pt).

A aldeia de Alvares, mais concretamente Chã de Alvares, encontra-se entre as aldeias da Pena e Fajão, embora não fazendo parte de qualquer programa, possui uma unidade de Turismo Rural que se insere dentro das ofertas do Programa “Aldeias de Xisto”.

As “Aldeias de Xisto” apresentam rotas, percursos, um património rico, praias fluviais, gastronomia, artesanato, arte rupestre entre outros recursos turísticos.

Na Serra do Açor vamos encontrar, o Piódão, uma aldeia que se encontra no programa de “Aldeias Históricas de Portugal”. As “Aldeias Históricas de Portugal” são antiquíssimos núcleos urbanos de fundação bastante antiga. Desempenharam um papel importantíssimo na história nacional, nomeadamente com núcleos de defesa e formação das populações que nelas se estabeleceram (www.pt.wikipedia.org). Devido ao património natural, histórico e cultural da região, à arquitetura, ao artesanato e à gastronomia, nesta aldeia têm sido desenvolvidos alguns negócios o que consequentemente tem contribuído para o desenvolvimento da atividade turística na Serra do Açor.

A criação dos programas enunciados resultou numa preocupação em criar símbolos de uma ruralidade profunda, num país que se urbanizou rapidamente. Com estes programas, passou a existir uma tentativa de reabilitar representações territoriais e patrimoniais reais ou imaginárias de uma sociedade, que sente a necessidade de pensar e de se idealizar (Peixoto, s.d).

O rural proposto pelo programa “Aldeias Históricas” é desejado pelos visitantes e preservado nas suas características mais tradicionais (Figueiredo, 2003b). Aqui os visitantes contactam com paisagem, as tradições, gastronomia e com o artesanato locais.

6.2 – Caracterização demográfica

De acordo com os resultados Preliminares dos Censos de 2011 e comparativamente aos Censos realizados em 2001, pode-se verificar na Tabela 6.1 uma perda de população.

Tabela 6.1 - Comparação da densidade populacional das freguesias em estudo no ano de 2001 e 2011.

Freguesia	Número de Habitantes					
	2001		2011		% da perda de população	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Piodão (Aldeia Histórica) Concelho de Arganil	108	116	93	85	13,89	26,72
Benfeita (Aldeia de Xisto) Concelho de Arganil	228	275	182	212	20,18	22,90
Góis (possui quatro Aldeias de Xisto na Freguesia) Concelho de Gois	1127	1218	1034	1137	8,25	6,65
Alvares Concelho de Gois	451	556	363	449	19,51	19,24
Fajão Concelho de Pampilhosa da Serra	136	159	100	115	26,47	27,67

Fonte: INE: 2001 e 2011.

Como podemos verificar pela análise da Tabela 6.1, nos últimos dez anos houve perdas significativas de população, nomeadamente nas aldeias do Fajão e Benfeita, verificando-se também no Piódão mais concretamente no género feminino. Trata-se de uma zona demograficamente deprimida, que tem vindo a perder população ao longo das últimas décadas. Neste momento a maioria da população que habita estas aldeias é constituída por seniores. Devido às características destas aldeias, começaram a habitá-las alguns estrangeiros. Inicialmente, vieram para se instalar de uma forma muito ligada à natureza. Os seus comportamentos também eram muito diferentes dos comportamentos dos residentes destas aldeias, o que fez com que hoje em dia exista algum desconforto por parte dos residentes a estes novos habitantes. Nestes últimos anos surgiu uma nova vaga, de pessoas com capacidade financeira (artistas e reformados), que se instalaram em algumas das aldeias em estudo. Estes novos residentes recuperaram algumas habitações e começaram a desenvolver o cultivo de produtos biológicos.

O problema da região, como em quase todo o interior do território português, é de carácter estrutural que revela o seu carácter periférico e marginal do território no processo de desenvolvimento nacional, acentuado por acessibilidades reduzidas e precárias, pela insuficiência de recursos humanos jovens e qualificados, pela desvitalização social das

comunidades locais e fraca capacidade reivindicativa face à administração central (Simões, s.d).

Para o processo de desenvolvimento é essencial o elemento humano, por este motivo é fundamental criar condições imprescindíveis à sua fixação. Ao garantir o seu bem-estar social, é necessário procurar o progresso global por meio de um crescimento equilibrado e integrado, procurando conjugar esforços de desenvolvimento local com iniciativas exógenas (Simões, s.d.).

6.3 – Atividades económicas

Nesta zona praticamente não existe indústria, sendo a agricultura de subsistência, pastorícia e a silvicultura as poucas atividades económicas tradicionais ainda existentes.

Existe uma rede de serviços de Centros de Dia, uma vez que, como já foi referido, a população é constituída maioritariamente por pessoas com mais de 65 e é aqui que trabalha uma grande parte da população ativa, maioritariamente mulheres.

Outra grande percentagem da população ativa, trabalha em organismos públicos, na construção civil ou nas poucas indústrias ainda existentes na sede de concelho.

Nos últimos anos têm sido desenvolvidas algumas atividades económicas que fazem parte da indústria turística, como por exemplo, unidades de alojamento e de restauração. Nestas aldeias existem também alguns artesãos mas que trabalham por conta própria, não existindo qualquer tipo de associação que os represente, divulgue ou promova os seus trabalhos.

6.4 - Atividades turísticas

Na freguesia de Benfeita vamos encontrar a Liga de Melhoramentos de Benfeita, responsável pela reabilitação da Casa Museológica e do Moinho de Figueiral (Figura 6.2) e a Comissão de Melhoramentos dos Pardieiros, que possui uma Casa de Turismo Rural, restaurante com pratos típicos da zona e um café. Para além destes equipamentos, nestas aldeias existe, também, uma artesã de lãs e dois artesãos de colheres de pau e miniaturas de casas de xisto. Estes artefactos são comercializados na Comissão de Melhoramentos dos Pardieiros e em alguns estabelecimentos comerciais no Piódão.



Figura 6.2 - Imagens do Moinho do Figueiral, na aldeia de Benfeita.

No Piódão, para além do Posto de Turismo, existe ainda uma Pousada do Inatel (Figura 6.3), uma unidade de Turismo Rural, dois restaurantes com pratos típicos da zona, como a chanfana e a coalhada, dois cafés e um Núcleo Museológico, onde está reunida toda a história da aldeia e arredores.



Figura 6.3 - Imagem da Estalagem do Inatel no Piódão.

Na aldeia da Pena, freguesia de Góis, existem duas unidades de Turismo Rural (Figura 6.4) e um pequeno café. Em Aigra Nova, freguesia de Góis existe, a Lousitânea - Liga dos Amigos da Serra da Lousã, com as suas múltiplas atividades, por exemplo, a maternidade das árvores, que fornece árvores para a Mata da Oitava e para a reflorestação da Serra da Lousã. A aldeia tem também, uma loja de Xisto (Figura 6.5), onde se podem encontrar produtos artesanais e o mel tão característico desta zona. Foram adquiridos recentemente dois burros (Figura 6.6), para efetuar passeios, mas que de momento ainda não é possível devido à idade jovem dos animais. A Lousitânea é responsável por muitas atividades culturais na Aigra Nova, que vão desde o recitar de poesia, até à recriação de atividades agrícolas em desuso, como a desfolhada do milho.



Figura 6.4 - Casa de Turismo Rural na Aldeia da Pena (Góis).



Figura 6.5 - Loja de artesanato na Aldeia de Aigra Nova (Góis).

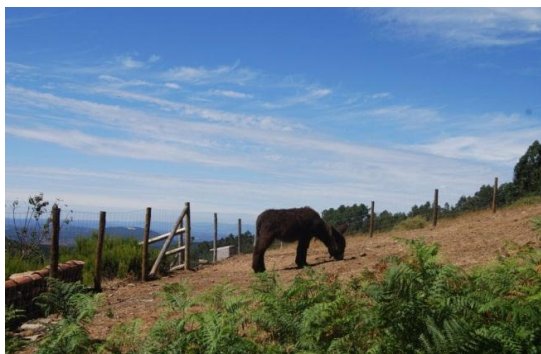


Figura 6.6 – Imagem de um burro utilizado pela Lousitânea para passeios pela aldeia de Aigra Nova.

Em Chã de Alvares existe uma Casa de Turismo Rural e um café-restaurante que trabalham em parceria.

No Fajão existe uma unidade de Turismo Rural, a pousada “Casa da Cadeia”, (cujo nome se deve ao facto de durante muitos séculos ter sido uma cadeia), um café e um restaurante - “O Juiz”- com pratos típicos, onde o javali assado e as trutas são os seus pratos mais apelativos. Nesta aldeia existe também um Posto de Turismo (Figura 6.7) onde vamos encontrar uma loja de produtos de Xisto, um pequeno centro de congressos e o Ponto do Fajão, onde se pode encontrar distintos serviços (exemplo, finanças, registo civil, etc.) disponibilizados pela autarquia da Pampilhosa da Serra à população local.



Figura 6.7 - Posto de Turismo e Centro de Congressos da Aldeia do Fajão.

Em todas as aldeias existem igrejas e capelas, que durante os meses de julho, agosto e setembro ganham uma nova vida, com as romarias a convidarem a uma visita.

Entre estas igrejas, há que destacar a igreja do Fajão, que é dos finais do século XVIII, possuindo uma arquitetura típica da época. É um edifício de linhas sóbrias ladeado à direita pela torre sineira, unida de forma original ao corpo da igreja através de um arco. A porta principal é de verga curta, com cimalha ondulada. Possui ainda uma capela, onde se podem apreciar obras de um discípulo de José Malhoa, grande nome da pintura portuguesa.

Não se pode esquecer a igreja matriz do Piódão do século XXVII (Figura 6.8), muito peculiar, mandada construir ao estilo manuelino.



Figura 6.8 - Imagem da Igreja Matriz do Piódão.

Em todas estas aldeias podemos observar a natureza no seu estado mais puro, com paisagens magníficas, atrações naturais de nos deixar sem palavras, com os seus casarios típicos e os seus produtos regionais tão apelativos.

Conclusão

A área de estudo encontra-se localizada na Região Centro, na Zona do Pinhal Interior Norte, mais concretamente nos concelhos de Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra.

Quase todas as aldeias estudadas se incluem nos programas “Aldeias de Xisto”, caso de Benfeita, Pena, Aigra Nova e Fajão e “Aldeias Históricas”, caso do Piódão. Há uma exceção, Chãs de Alvares, apesar de não fazer parte de nenhum dos programas mencionados, localiza-se entre duas aldeias de xisto Pena e Fajão.

Todas as aldeias que foram objeto de análise nesta dissertação possuem atrações naturais e património construído único, que transportam os visitantes para um Portugal profundo, onde a agricultura foi a atividade predominante durante séculos, mas que devido à industrialização e globalização já descrita na revisão bibliográfica levou a que as pessoas abandonassem estas paragens em busca de outros lugares que lhe oferecessem uma melhor qualidade de vida. É por este motivo, que nestas aldeias, a população tem vindo a desaparecer, conforme se constata na comparação dos resultados dos Censos efetuados em 2001 e de 2011, restando somente os mais velhos, pessoas idosas e reformadas, muitos destes últimos, regressados das grandes cidades.

A agricultura praticada hoje em dia, nestas aldeias, é uma agricultura de subsistência e a indústria é praticamente inexistente. Com o surgimento dos programas “Aldeias Históricas” e “Aldeias do Xisto”, tenta-se através do turismo sustentável apostar no crescimento integrado da região, com capacidade de enaltecer a modernização, diversificação e revitalização da economia local.

Capítulo 7- Análise e discussão dos resultados

Introdução

Neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos no inquérito realizado junto dos residentes de comunidades rurais do Pinhal Interior Norte, localizadas nos concelhos de Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra, na Região Centro de Portugal. As comunidades rurais foram objeto de estudo foram as aldeias de Benfeita, Enxudro, Luadas, Pardieiros, Piódão, Pena, Aigra Nova, Chã de Alvares e Fajão.

Este capítulo integra oito secções. Na primeira secção a amostra dos inquiridos é caracterizada em termos de perfil sociodemográfico. Na segunda secção apresentam-se os resultados em termos de ligação dos residentes à atividade turística e a sua experiência turística. Na terceira secção é analisado o nível de interação que os residentes estabelecem com os visitantes, tanto em termos de frequência de interação como o tipo de interação que ocorre. Esta secção também integra uma análise das emoções que os residentes sentem quando interagem com os visitantes. Na quarta secção apresentam-se os resultados referentes às perceções dos residentes dos impactes do turismo. Na quinta secção descrevem-se os resultados das perceções dos residentes dos principais beneficiários desta atividade. Na sexta secção apresentam-se os resultados referentes à ligação dos residentes ao destino e as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico. Na sétima secção é feita a uma identificação dos potenciais fatores que influenciam o apoio dos residentes à atividade turística. Por fim, na oitava secção apresenta-se um modelo de regressão linear múltipla para identificar os fatores que influenciam o apoio dos residentes ao desenvolvimento da atividade turística.

7.1 – Caracterização do perfil sociodemográfico da amostra

Neste estudo foram inquiridas 102 pessoas, 43,1% na freguesia de Benfeita, 27,5% na aldeia do Piódão, 4,9% na aldeia da Pena e 1,96% na aldeia de Aigra Nova, ambas as aldeias da freguesia de Góis, 10,78% na aldeia de Chã de Alvares da freguesia de Alvares e 11,76% na aldeia de Fajão (Tabela 7.1)

Tabela 7.1 - Distribuição dos inquiridos por aldeia.

Aldeia	N	%
Benfeita	44	43,14
Piódão	28	27,45
Pena	5	4,91
Aigra Nova	2	1,96
Chãs de Alvares	11	10,78
Fajão	12	11,76
Total	102	100

A caracterização sociodemográfica dos inquiridos num total de 102 pessoas, efetuou-se com base nas seguintes variáveis: género, idade, estado civil, habilitações literárias, situação perante o emprego, profissão e rendimento médio do agregado familiar (Tabela 7.2).

Em termos de género a amostra obtida, é equilibrada, onde 51% dos inquiridos são do género masculino e 49% são do género feminino.

No que diz respeito à idade, quase metade dos inquiridos tem mais de 64 anos (48%), o que demonstra, claramente, que estes destinos são habitados, principalmente por seniores. Esta característica está também evidente na elevada percentagem de viúvos (33,3%) que integra a amostra. Relacionado com estas características está o facto de a média do número de elementos do agregado familiar ser apenas de 2,43, uma vez que a maioria dos agregados familiares inquiridos é constituída por uma ou duas pessoas.

No que concerne às habilitações literárias, 30,4% dos inquiridos possui só o primeiro ciclo, 15,7% possui o segundo ciclo, 8,8% possuem terceiro ciclo (quase todos os que se incluem nesta classe obtiveram este grau através do programa das novas oportunidades), 16,7% possui o ensino secundário, 14,7% possui formação superior e 13,7% não possui qualquer habilitação. Nesta última classe, incluem-se os inquiridos mais idosos e principalmente mulheres.

Quanto à situação perante o trabalho, uma grande parte dos inquiridos é reformado (40,2%) e 52,9% dos inquiridos estão a exercer uma atividade profissional. No sentido de perceber quais são as profissões predominantes dos residentes que estão a exercer uma atividade profissional remunerada foi adotado o sistema de classificação das profissões

utilizado pelo INE (CITP/ISCO/2008). Os resultados apresentados na Tabela 7.2 evidenciam, claramente uma grande heterogeneidade em termos de atividades profissionais exercidas pelos residentes empregados das comunidades rurais que foram objeto de análise nesta dissertação. Relacionado com a situação profissional dos inquiridos está o seu rendimento médio mensal. Os resultados evidenciam, claramente, que a população inquirida apresenta rendimentos baixos, uma vez que a maioria da população (77,5%) apresenta um rendimento médio mensal do agregado familiar inferior a 1000 €.

Tabela 7.2 - Caracterização sociodemográfica dos inquiridos.

	N	%	Média	Desvio-Padrão
Género				
Masculino	52	51,0		
Feminino	50	49,0		
Total	102	100		
Idade				
15-24	4	3,90		
25-45	25	24,5		
46-64	24	23,5		
> 64	49	48,1		
Total	102	100		
Estado Civil				
Solteiro	9	8,80		
Casado	55	53,9		
Viúvo	34	33,3		
Divorciado	4	3,90		
Total	102	100		
Habilitações Literárias				
Primeiro Ciclo	31	30,4		
Segundo Ciclo	16	15,7		
Terceiro Ciclo	9	8,80		
Ensino Secundário	17	16,7		
Ensino Superior	15	14,7		
Analfabeto	14	13,7		
Total	102	100		
Situação perante o trabalho				
Doméstica	2	2,0		
Reformado	41	40,2		
Procura do 1º emprego	3	2,90		
Empregado	41	40,2		
Outra	13	12,7		
Inválido por doença	2	2,0		
Total	102	100		
Profissão				
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura	4	3,9		
Profissões intelectuais e científicas	5	4,9		
Pessoal administrativo	7	6,9		
Quadros superiores e dirigentes	13	12,7		
Técnicos e profissionais de nível intermédio	3	2,9		
Pessoal dos serviços e vendedores	10	9,8		
Trabalhadores não qualificados	15	14,7		
Total	102	100		
Dimensão do Agregado familiar			2,43	1,263
Rendimento Médio Mensal do Agregado Familiar				
[0-500[38	37,3		
[500-1000[41	40,2		
[1000-2000[16	15,7		
[2000-4000[7	6,9		
Total	100	102		

7.2.- Ligação à atividade turística e experiência turística dos residentes

Quanto à ligação à atividade turística cerca de 30,4% dos inquiridos está a exercer atividade profissional relacionada com o turismo, nomeadamente na restauração e alojamento turístico. Por sua vez, cerca de 14,7% tem algum familiar a trabalhar no setor do turismo, muitos também na restauração devido ao facto de serem pequenos negócios familiares (Tabela 7.3).

Tabela 7.3 - Ligação à atividade turística e experiência turística dos inquiridos.

		N	%
Trabalha no setor do Turismo	Sim	31	30,4
	Não	71	69,6
	Total	102	100
Tem algum familiar a trabalhar no setor do turismo	Sim	15	14,7
	Não	87	85,3
	Total	102	100
Goza Férias	Sim	34	33,3
	Não	68	66,7
	Total	102	100
Local onde goza férias	Local de residência	7	6,90
	Portugal	27	26,5
	Estrangeiro	2	2,00
	Total	36 (a)	35,4

Nota: (a) este valor é diferente do anterior porque na questão “local onde goza férias” os inquiridos podiam escolher mais do que uma opção.

Dos 102 inquiridos apenas cerca de um terço (35,4%) goza férias, destes 6,9% goza férias no seu local de residência, 26,5% em Portugal (a maioria vem até ao litoral, para aproveitar as praias) e somente 2% admite fazer férias no estrangeiro (Tabela 7.3). Estes resultados revelam que a experiência turística da população dos destinos rurais que foram objeto de análise nesta dissertação é muito limitada, fato que estará relacionado com as características sociodemográficas destas populações, que são na maior parte dos casos populações envelhecidas com baixos níveis de escolarização e também baixos níveis de rendimento (Tabela 7.2).

7.3 – Caracterização da interação entre residentes e visitantes

7.3.1 – Frequência e tipo de interação

Para a avaliação da interação entre residentes e visitantes foram utilizadas duas questões, a primeira abordava a frequência com que os inquiridos contactavam com os visitantes em determinados locais e a segunda com que frequência eram realizados determinados tipos de interação. Para o efeito, cada uma das questões integrava uma escala de *Likert* com sete

itens (ver o questionário no Anexo 5.1), de 1 a 5, onde 1 significava “nunca” e 5 “muito frequentemente”.

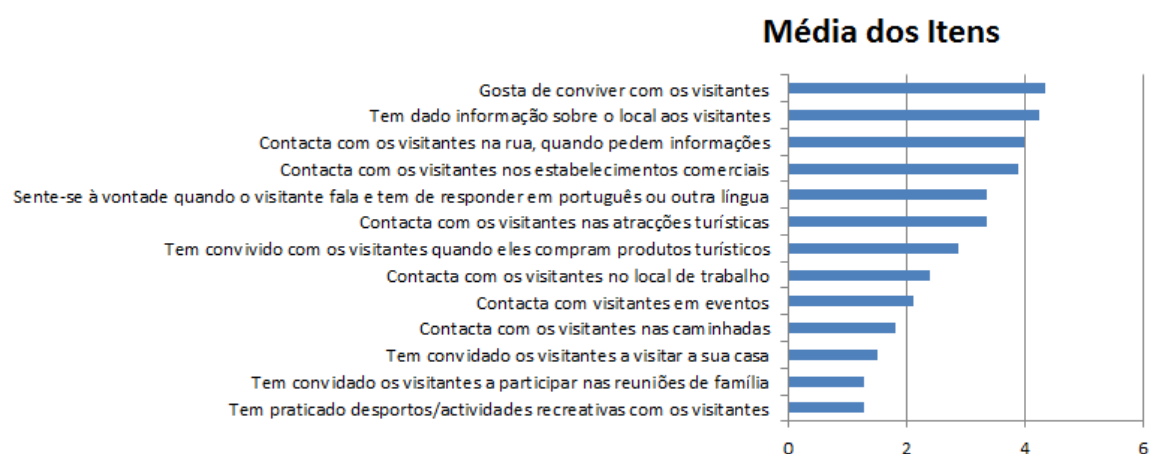


Figura 7.1 – Interação entre residentes e visitantes

De forma a reduzir o número de itens utilizados para avaliar a frequência de interação entre residentes e visitantes, originando dimensões comuns, foi aplicada uma Análise de Componentes Principais aos 14 itens utilizados para avaliar a interação com rotação *varimax*. Destes 14 itens foram retirados da análise 3 itens (“contacta com os visitantes nas atrações turísticas”, “contacta com os visitantes nas caminhadas” e “contacta com os visitantes nos eventos (religiosos, culturais, desportivos)”) devido ao facto de não cumprirem os requisitos exigidos para validarem a matriz de componentes principais obtidas, apresentado por exemplo, comunalidades muito baixas e/ou *loadings* muito baixos. Após a aplicação da Análise de Componentes Principais, emergiram três fatores, que se designaram por “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*”, “*interação formal*” e “*interação informal*”.

Em termos de validação da matriz de atributos, os indicadores apresentados na Tabela 7.4 revelam que esta análise fatorial é uma análise razoável ($KMO=0,682$). O valor do teste de Bartlett é de 328,938 ($sig=0,00$) e os três fatores gerados explicam 64,14% do total da variância. Para além disso, o teste utilizado para avaliar a consistência interna dos fatores o Alpha de Cronbach, demonstra que os três fatores apresentam uma consistência interna razoável.

Tabela 7.4 - Análise de componentes principais da interação entre residentes e visitantes.

Itens	Média dos Itens	Média dos Fatores	Comunalidades	Fator 1- “Interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade”	Fator 2 – “Interação formal”	Fator 3 – “Interação informal”
Tem convidado os visitantes a visitar a sua casa	1,51	1,37	0,871	0,924		
Tem convidado os visitantes a participar nas suas reuniões de família	1,29		0,715	0,840		
Tem praticado desportos/atividades recreativas com os visitantes	1,29		0,587	0,757		
Contacta com os visitantes no local de trabalho	2,40	3,25	0,732		0,849	
Gosta de conviver com os visitantes	4,35		0,565		0,726	
Sente-se à vontade quando o visitante fala e tem de responder em português ou outra língua	3,37		0,537		0,631	
Tem convivido com os visitantes quando eles compram produtos turísticos	2,87		0,413		0,549	
Contacta com os visitantes na rua, quando pedem informações	4,00	4,05	0,779			0,877
Tem dado informação sobre o local aos visitantes	4,25		0,689			0,699
Contacta com os visitantes nos estabelecimentos comerciais	3,90		0,526			0,657
			% de variância explicada	23,18	22,65	18,31
			% de variância explicada acumulada	23,18	45,83	64,14
			Eingenvalues	3,302	1,881	1,231
			Cronbach’s Alpha	0,816	0,646	0,654
			KMO	0,682		
			Bartlett’s Test Sphericity	328,938 (0.00)		

Observa-se que os itens que se incluem no fator “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*”, possuem médias entre 1,29 e 1,51, sendo a média deste fator de 1,37, o que nos leva a concluir que não existe uma interação muito próxima entre os residentes dos destinos turísticos rurais que foram objeto de análise nesta dissertação e os visitantes desses destinos. A média dos itens que se incluem no fator “*interação formal*” é de 3,25. A média deste fator relativamente ao anterior já é mais elevada, uma vez que já não supõe uma interação tão próxima, mas sim algo que ocorre porque lhes é imposto, quer pelo facto de trabalharem em locais que implica a sua interação como pelo facto de isso lhes trazer alguma vantagem, principalmente em termos económicos. A média do fator “*interação informal*” é de todas a mais alta, 4,05, uma vez que esta não implica qualquer interação próxima ou imposta pelas circunstâncias. Isto deve-se ao facto da área de estudo ainda se encontrar numa fase inicial do desenvolvimento turístico e como tal a interação ainda ser algo que ocorre de uma forma muito natural, com encontros casuais na rua, locais públicos e cafés ou restaurantes, onde aos residentes quando questionados pelos visitantes interagem, na medida em que percebem benefícios económicos gerados pela atividade turística, mas que devido à incerteza e desconfiança têm dificuldade em estabelecer uma ligação muito próxima com os visitantes.

Segundo Ap e Crompton (1998), os destinos turísticos rurais em análise estarão na fase de acolhimento, isto é, ao adotarem esta atitude, os residentes dão as boas vindas aos visitantes, desde que beneficiem com o turismo, sejam benefícios económicos ou de natureza social e cultural. Os residentes gostam deste intercâmbio social com os turistas e acreditam que estes trazem mais benefícios que custos para as aldeias.

7.3.2 – Emoções dos residentes na interação com os visitantes

Para a avaliação das emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes foi inserido no questionário uma escala adaptada de Santos (2011), esta escala já foi testada pelos autores Lee *et al* (2008) no seu estudo sobre a avaliação entre as emoções, satisfação e fidelização num festival cultural. Estes autores basearam-se na escala PAD de Mehrabian & Russell (1974) que integra 18 itens.

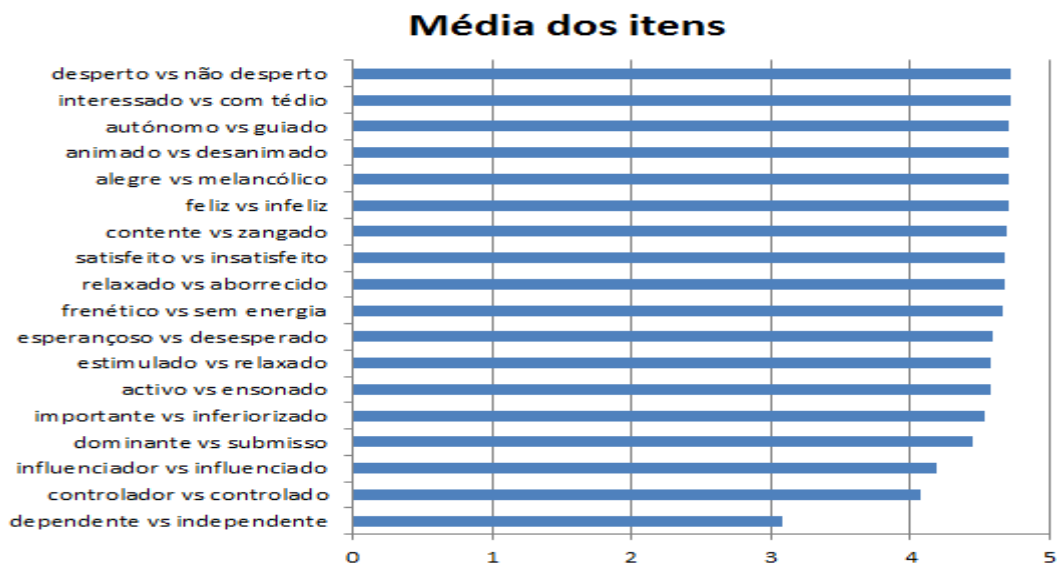


Figura 7.2 – Emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes.

De forma a identificar dimensões comuns na escala de emoções aplicada aos residentes dos destinos rurais que foram objeto de análise nesta dissertação foi aplicada uma Análise de Componentes Principais aos 18 itens, com rotação *varimax*, tendo emergido dois fatores (“*Arouse-Pleasure*” e “*Dominance*”). Tendo em atenção os critérios para validar a matriz de atributos foram retirados da análise 3 itens (“ativo vs ensonado”, “dependente vs independente” e “estimulado vs relaxado”). Os valores das comunalidades são todos superiores ou iguais a 0,6, o valor de KMO é de 0,873, o que significa que é uma boa solução, o valor do teste de Bartlett é de 2531,242 (sig=0,00) e os dois fatores juntos explicam 80,33% do total da variância. Para além disso, o teste utilizado para avaliar a consistência dos fatores, o Alpha de Cronbach, demonstra que os dois fatores apresentam uma consistência interna considerável, embora a consistência do fator “*Arouse-Pleasure*” (0,977) seja superior à do fator “*Dominance*” (0,791) (Tabela 7.5).

Tabela 7.5 - Análise de componentes principais das emoções sentidas pelos residentes na interação com os visitantes.

Itens	Média dos Itens	Média dos Fatores	Comunalidades	Fator 1- "Arouse-Pleasure"	Fator 2- "Dominance"
Animado-desanimado	4,71	4,67	0,936	0,948	
Interessado-com tédio	4,72		0,970	0,937	
Contente-zangado	4,69		0,905	0,928	
Autônomo-guiado	4,71		0,945	0,928	
Satisfeito-insatisfeito	4,68		0,891	0,920	
Relaxado-aborrecido	4,67		0,824	0,868	
Desperto-não desperto	4,72		0,816	0,802	
Feliz-infeliz	4,70		0,803	0,781	
Esperançoso-desesperado	4,59		0,705	0,746	
Frenético- sem energia	4,66		0,701	0,731	
Alegre-melancólico	4,70		0,742	0,714	
Importante-inferiorizado	4,53		0,690	0,704	
Influenciador-influenciado	4,18	4,23	0,759		0,844
Controlador-controlado	4,07		0,644		0,784
Dominante-submisso	4,45		0,717		0,737
			% de variância explicada	71,67	8,66
			% de variância explicada acumulada	71,67	80,33
			Eingenvalues	10,751	1,298
			Cronbach's Alpha	0,977	0,791
			KMO	0,873	
			Bartlett's Test Sphericity	2531,242(0,00)	

Observa-se pelos resultados apresentados na Tabela 7.5 que todos os itens considerados para avaliar as emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes apresentam uma média superior a 4 valores, sendo a média dos itens que se incluem no fator "Arouse-Pleasure" de 4,67 e a média dos itens que se incluem no fator "Dominance" de 4,23. Estes resultados poderão estar relacionados com o facto de os destinos rurais que foram objeto de análise nesta dissertação ainda se encontrarem numa fase inicial em termos de desenvolvimento turístico. Por este facto os residentes revelam algum prazer em

receber os visitantes, não se sentindo dominados pela sua presença. Estes resultados estão de acordo com o que é proposto pelo modelo de Doxey para avaliar o nível de irritação dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística. De acordo com este modelo, numa fase inicial de desenvolvimento, os residentes recebem muito bem os visitantes (Simth & Krannich, 1998; Harril, 2004), por este motivo as emoções que sentem quando interagem com os visitantes são emoções positivas.

7.4- Perceção dos residentes dos impactes provocados pelo turismo

A avaliação das perceções dos residentes dos impactes provocados pelo turismo é fundamental para que se possam compreender as atitudes e os comportamentos dos residentes, assim como, para a definição de políticas e de estratégias de desenvolvimento turístico para os destinos (Ap, 1992).

Neste estudo foi utilizada uma escala composta por 40 itens para avaliar as perceções dos impactes, tanto positivos como negativos, a nível económico, social, cultural e ambiental. Pediu-se uma avaliação aos inquiridos entre 1 a 5, onde 1 é “discordo completamente” e 5 “concordo completamente”.

Devido ao elevado número de itens e à dimensão reduzida da amostra não foi possível aplicar uma Análise de Componentes Principais, pelo que se optou por agrupar os impactes em três grupos (económicos, socioculturais e ambientais) e dentro de cada grupo categorizá-los em positivos e negativos.

Ao analisar a Tabela 7.6 é evidente que a perceção dos impactes económicos positivos e socioculturais positivos são os mais relevantes, uma vez que as médias dos itens que integram estes grupos são, respetivamente, 3,13 para os impactes económicos positivos e 2,89 para os impactes socioculturais positivos.

Na dimensão económica o impacto económico positivo “desenvolvimento das atividades locais” é o mais percecionado pelos residentes dos destinos rurais em análise, apresentando uma média de 3,50, seguindo-se o impacto “aumento dos produtos locais” com uma média de 3,40 e o impacto “aumento do rendimento dos residentes da aldeia” com uma média de 3,25 respetivamente (Tabela 7.6). Estes resultados evidenciam, claramente, que os residentes destes destinos consideram que o turismo contribui para a dinamização económica destes espaços.

Em termos de impactes económicos negativos, sobressai como sendo o impacto negativo mais percecionado pelos residentes o “aumento do valor das casas e dos terrenos”, cuja média é de 3,95 muito acima da média geral dos itens que integram o grupo dos impactes económicos negativos, cuja a média é de 1,94. Como se pode perceber a média geral da percepção dos impactes económicos positivos, 3,13, é superior à média geral da percepção dos impactes económicos negativos 1,94 (Tabela 7.6).

Estes resultados sugerem que em termos económicos os residentes dos destinos rurais em análise percecionam impactes económicos líquidos positivos.

Na dimensão sociocultural, os impactes mais percecionados são os positivos. Neste grupo os mais percecionados, são por ordem decrescente de importância os seguintes: “reforço do reconhecimento e do prestígio local como destino turístico” (M=4,39); “conservação do património” (M=4,17); “estimula a reabilitação das casas de habitação” (M=3,96); “intercâmbio cultural que permite um maior conhecimento e compreensão de outras culturas” (M=3,95); “melhoria das infraestruturas locais” (M=3,92). Com médias próximas temos ainda os impactes “reforço do orgulho e da cultura da comunidade”, com uma média de 3,85 e “melhoria das condições de vida” com uma média de 3,71 (Tabela 7.6). Em termos gerais os residentes ainda não percecionam impactes socioculturais negativos da atividade turística, com exceção dos impactes “aumento do congestionamento rodoviário” (M=3,12) e “alterações dos hábitos, costumes e modos de vida da comunidade” (M=2,66).

Em termos de efeitos ambientais do turismo, nesta dissertação apenas foram objeto de análise os efeitos negativos. Os resultados descritos na Tabela 7.6 revelam que os residentes dos destinos rurais em análise não percecionam efeitos ambientais negativos do turismo. Este facto poderá estar relacionado com a fase de desenvolvimento turístico em que estes destinos se encontram.

Tabela 7.6 - Percepção dos impactes económicos, socioculturais e ambientais provocados pelo turismo por parte dos residentes.

	Impactes		N	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Económicos	Positivos	Aumento do rendimento dos residentes da aldeia	102	3,25	1,280	3,13	0,847
		Desenvolvimento das atividades económicas locais	102	3,50	1,150		
		Aumento do emprego	102	3,01	1,270		
		Aumento da procura de produtos locais (mel, artesanato, etc.)	102	3,40	1,373		
		Aumento/atração de investimentos para a zona	102	3,22	1,310		
		Criação de oportunidades de negócio e de pequenas empresas para os residentes na aldeia	102	2,37	1,421		
	Negativos	Aumento do preço dos produtos e custo de vida	102	1,54	1,096	1,94	0,553
		Existência de conflitos entre a atividade turística e outras atividades económicas	102	1,13	0,539		
		Diminuição da agricultura	102	1,15	0,636		
		Aumento do valor das casas e dos terrenos	102	3,95	1,047		
Sociais-Culturais	Positivos	Melhoria das condições de vida	102	3,71	0,960	2,89	0,617
		Aumento da oferta e qualidade de serviços	102	1,98	1,449		
		Melhoria das infraestruturas locais	102	3,92	1,303		
		Intercâmbio cultural que permite um maior conhecimento e compreensão de outras culturas	102	3,85	1,075		
		Promoção e acesso à educação e à formação profissional dos residentes	102	1,35	0,908		
		Reforço do espírito de comunidade	102	2,45	1,453		
		Promove o envolvimento das comunidades na gestão e planeamento do turismo local	102	2,17	1,561		
		Reforço do reconhecimento e do prestígio local como destino turístico	102	4,39	0,858		
		Aumento do número de atividades recreativas e eventos para os residentes locais	102	1,70	1,265		
		Estimula a capacidade de criação de redes de troca de conhecimento entre os residentes na comunidade	102	2,01	1,389		
		Aumento da segurança pública	102	1,53	1,132		
		Estimula a reabilitação das casas de habitação	102	3,96	0,933		
		Conservação do património	102	4,17	0,857		

Tabela 7.6 - Percepção dos impactes económicos, socioculturais e ambientais provocados pelo turismo por parte dos residentes (continuação).

	Impactes		N	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Sociais-Culturais	Positivos (cont.)	Valorização e promoção das tradições locais	102	2,35	1,507	2,89	0,617
		Reforço do orgulho e da cultura da comunidade	102	3,85	0,979		
	Negativos	Alterações dos hábitos, costumes e modos de vida da comunidade	102	2,66	1,551	1,86	0,644
		Alteração dos hábitos de consumo dos residentes	102	1,72	1,323		
		Diminuição da paz e tranquilidade	102	1,73	1,329		
		Aumento da criminalidade (assaltos, vandalismo...)	102	1,27	0,858		
		Aumento do consumo de álcool e drogas	102	1,47	1,069		
		Aumento da prostituição	102	1,14	0,598		
		Aumento do congestionamento rodoviário	102	3,12	1,655		
		Aumento do congestionamento provocado por multidões nas infraestruturas locais e locais públicos	102	2,52	1,699		
		Aumento do <i>stress</i> por parte dos residentes	102	2,09	1,470		
		Perda de identidade cultural	102	1,25	0,826		
		Perturbação das práticas religiosas dos residentes pela presença de visitantes nos templos religiosos	102	1,54	1,158		
Ambientais	Negativos	Degradação ambiental da aldeia e área envolvente	102	1,15	0,604	1,30	0,708
		Aumento de lixo, poluição águas dos rios e ribeiras e ruído	102	1,45	1,068		

Segundo Ap & Crompton (1998), a Teoria da Troca Social tem sido utilizada no turismo para explicar a influência das trocas materiais e sociais nas atitudes dos residentes.

Os fatores económicos e socioculturais são utilizados de uma forma regular para explicar a necessidade do desenvolvimento turístico nas comunidades rurais, sendo a dependência económica talvez a mais relevante. Ou seja, quanto mais dependentes economicamente as pessoas da comunidade estiverem do turismo, mais favorável será a sua atitude para com o turismo. Os residentes que não obtenham benefícios a partir do turismo, não o irão apoiar. O apoio das comunidades em geral divide-se, entre aqueles que beneficiam direta ou indiretamente com o turismo e aqueles que não beneficiam (Ap & Cropmton, 1998). Neste sentido, na secção seguinte é descrita a perceção dos residentes em termos de entidades que beneficiam com o desenvolvimento da atividade turística nestes destinos rurais.

7.5 – Perceção dos residentes das entidades que beneficiam com o desenvolvimento turístico.

Nesta secção foi utilizada uma escala de 7 itens, com uma avaliação de 1 a 5, onde 1 significa “nunca” e 5 “muito”. Optou-se por uma análise univariada descritiva para descrever quem na opinião dos inquiridos tem benefícios com o desenvolvimento turístico nos destinos rurais que estão a ser objeto de análise nesta dissertação. Como complemento a esta questão foi introduzida no questionário uma questão aberta sobre quem é que deveria beneficiar com o desenvolvimento turístico nestes destinos rurais. Os resultados obtidos (Tabela 7.7) evidenciam que na opinião dos residentes são as atividades económicas que fazem parte da indústria turística (restauração, alojamento e venda de artesanato) os principais beneficiários do desenvolvimento turístico nestes destinos.

Tabela 7.7 - Perceção dos residentes das entidades que beneficiam com o desenvolvimento do turismo.

	N	Média	Desvio Padrão
População	102	2,23	1,462
Agricultores	102	1,25	0,817
Restauração	102	4,32	0,869
Alojamento	102	4,37	0,744
Artesanato	102	4,07	0,122
Outro tipo de Comércio	102	2,59	1,143

A população, de uma forma geral, não está a beneficiar com o turismo, apesar de muitos defenderem que a população beneficia, pelo facto de as suas aldeias apresentarem infraestruturas que sem a presença do turismo não existiriam.

Em relação aos agricultores, a resposta é praticamente unânime, não existe qualquer vantagem para eles. Isto é o reflexo da agricultura ser praticamente inexistente e o facto de a população ser muito envelhecida e quase ninguém praticar a agricultura, aqueles que a praticam é uma agricultura de subsistência, para uso familiar, não havendo excedentes que possam vender para que possam ser consumidos pelos visitantes.

Existe ainda a menção, de que para além dos mencionados na tabela, as empresas de táxis e de guias turísticos também estejam a beneficiar com o desenvolvimento turístico nestes destinos.

Tabela 7.8 - Opinião dos inquiridos sobre quem deve beneficiar com o desenvolvimento turístico.

	N	%
População	96	94,10
Setor do Turismo	6	5,90

A opinião da maioria dos inquiridos revela que deverá ser a população no seu todo a beneficiar com o desenvolvimento do turismo (94,1%), embora 5,9% defenda que deverá ser o setor do turismo a beneficiar, uma vez que defendem que a maioria das pessoas que habitam aquela zona não se querem envolver na dinamização e desenvolvimento turístico, quer seja pela idade avançada, quer seja porque se sentem demasiado cómodos com a sua vida atual e não veem qualquer vantagem em alterar o quer que seja (Tabela 7.8). Neste sentido, é importante também conhecer qual a ligação que os residentes possuem com os destinos turísticos que estão a ser objeto de análise nesta dissertação e qual é a sua atitude face ao desenvolvimento turístico destes destinos.

7.6 – Ligação dos residentes ao destino e atitudes face ao desenvolvimento turístico.

Como se pode constatar na Tabela 7.9, cerca de 87,3% dos inquiridos reside nas freguesias em estudo e 12,7% residem nas freguesias vizinhas. Dos inquiridos 78,4% exerceu ou exerce uma atividade profissional na zona. A maioria dos inquiridos (88, 28 %) vive há mais de 5 anos nas freguesias em estudo, 8,82% vive entre um a cinco anos e só 4,9 % vive há menos de um ano. Estas características refletem-se na ligação ou *place-attachment* dos residentes a estes destinos rurais e no seu nível de satisfação. Estes resultados estão em consonância com os obtidos em outros estudos, como por exemplo McDonald *et al* (1995), Harril (2004) e Chiappa *et al* (2012).

Tabela 7.9 - Caracterização dos residentes quanto à residência, tempo de permanência e se exerce ou exerceu alguma atividade no destino.

		N	%
Reside na freguesia	Sim	89	87,30
	Não	13	12,70
Exerce ou exerceu alguma atividade profissional nestas freguesias	Sim	80	78,40
	Não	22	21,60
Tempo de permanência	<1 ano	5	4,90
	[1,5] anos	9	8,82
	> a 5 anos	88	86,28

Para a avaliação da ligação dos inquiridos aos destinos rurais em análise e as suas atitudes face ao desenvolvimento turístico foram incorporadas no questionário 18 afirmações. Em relação a cada afirmação os inquiridos apresentavam o seu nível de concordância numa escala de *Likert* de 5 pontos, onde 1 corresponde a “discordo completamente” e 5 a “concordo completamente”.

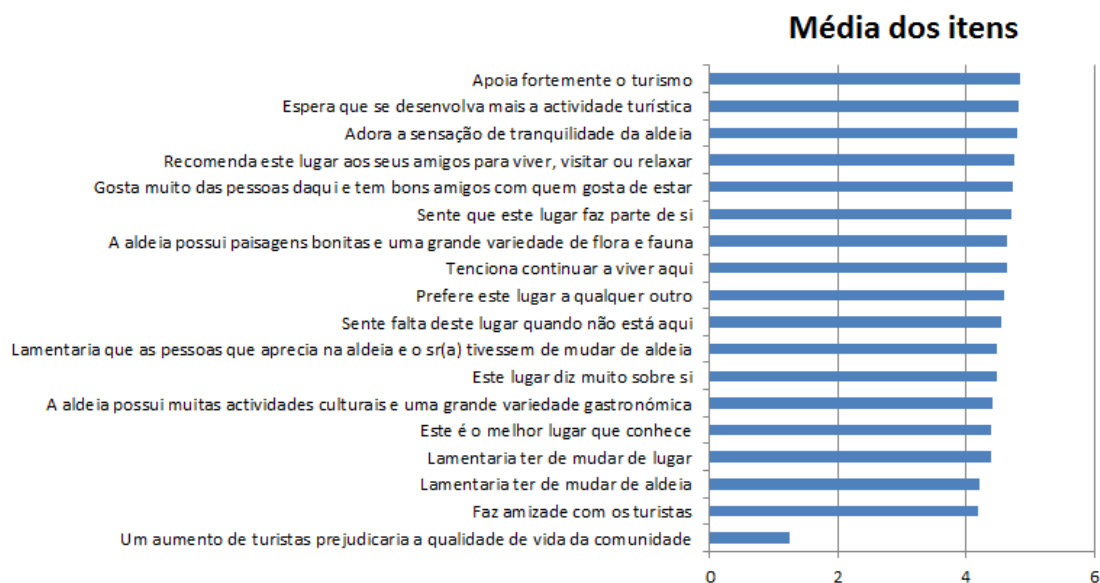


Figura 7.3 - Ligação e satisfação dos residentes em relação ao local de residência.

De forma a identificar dimensões comuns foi aplicada uma Análise de Componentes Principais com rotação *varimax* aos 18 itens. Foram retirados da análise, por não satisfazerem os requisitos exigidos para validar a matriz de atributos, os itens: “gosto muito

das pessoas daqui e tenho bons amigos com quem gosto de estar”; “apoio fortemente o turismo na minha aldeia”; “lamentaria que as pessoas que aprecio nesta comunidade e eu tivéssemos de mudar de aldeia”; “um aumento de turistas prejudicaria a qualidade de vida da nossa comunidade”; “este é o melhor lugar que conheço”; “faço amizade com turistas”.

Após a aplicação desta análise multivariada, emergiram três fatores, que se designaram por “*Place-attachment*”, “*Satisfação com a aldeia*” e “*Apoio ao turismo*” (Tabela 7.10).

Os valores estimados das comunalidades são todos superiores ou iguais a 0,6, o valor de KMO é de 0,859 o que significa que é uma boa solução, o teste de Bartlett é de 802, 67 (sig=0,00) e os três fatores juntos explicam 72,48% da variância. Para além disso, o teste utilizado para avaliar a consistência interna, das componentes obtidas, o Alpha de Cronbach, é considerável, embora a consistência do fator “*Place-attachment*” (0,917) seja superior ao fator “*apoio ao turismo*” (0,701) e ao fator “*satisfação com a aldeia*” (0,690).

Ao analisar as médias dos três fatores e dos itens que os compõem, verifica-se que não existe uma grande discrepância entre as médias, estão todas acima de 4 valores, ou seja, os inquiridos de uma forma geral sentem uma ligação muito forte ao local, apoiam o desenvolvimento da atividade turística e estão satisfeitos com a sua aldeia. O fator “*apoio ao turismo*” é o que apresenta a média mais elevada, 4,79, seguindo-se pelo fator “*satisfação com a aldeia*” com uma média de 4,62 e por último o fator “*Place-attachment*” com uma média de 4,51.

Como já se verificou, a maioria dos inquiridos (87,30%) reside na zona e há mais de 5 anos (86,28%), por este facto, tal como defendem Hidalgo e Hernandez (2001) e Harril (2004), as pessoas desenvolvem sentimentos para com os lugares onde nasceram e cresceram. Os resultados deste estudo aos destinos rurais que estão a ser objeto de análise encontram-se na Tabela 7.10. A “*satisfação com a aldeia*” é uma consequência e ao mesmo tempo uma causa dessa forte ligação ao lugar.

Tabela 7.10 - Análise dos componentes principais da ligação dos residentes ao destino.

Itens	Média dos Itens	Média dos Fatores	Comunalidades	Fator 1- <i>Place-attachement</i>	Fator 2 – <i>satisfação com a aldeia</i>	Fator 3 – <i>apoio ao turismo</i>
Prefere este lugar a qualquer outro	4,6	4,51	0,830	0,883		
Lamentaria ter de mudar de lugar	4,39		0,817	0,873		
Este lugar diz muito sobre mim	4,48		0,786	0,842		
Sinto que este lugar faz parte de mim	4,71		0,677	0,805		
Lamentaria ter de mudar de aldeia	4,20		0,688	0,784		
Sinto falta deste lugar quando aqui não estou	4,56		0,688	0,735		
Tenciono continuar a viver aqui	4,63		0,641	0,618		
A aldeia possui paisagens bonitas e uma grande variedade de flora e fauna	4,64	4,62	0,807		0,897	
A aldeia possui muitas atividades culturais e uma grande variedade gastronómica	4,42		0,646		0,711	
Adoro a sensação de tranquilidade da aldeia	4,79		0,604		0,612	
Espero que se desenvolva mais a atividade turística	4,83	4,79	0,730			0,847
Recomendo este lugar aos meus amigos para viver, visitar ou relaxar	4,76		0,782			0,822
			% de variância explicada	40,01	16,43	16,16,03
			% de variância explicada acumulada	40,01	56,44	72,48
			Eingenvalues	6,161	1,339	1,198
			Cronbach´s Alpha	0,917	0,690	0,701
			KMO	0,859		
			Bartlett´s Test Sphericity	802,67 (0.00)		

Em termos de atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico, os resultados deste estudo evidenciam que, como o desenvolvimento turístico nestes destinos se encontra numa fase inicial em termos de processo de desenvolvimento, os inquiridos só veem as possíveis vantagens económicas e socioculturais que o turismo pode proporcionar para estes destinos. Estes resultados evidenciam que de acordo com o Modelo de Doxey os residentes dos destinos em análise ainda se encontram na “fase de euforia” em relação ao desenvolvimento turístico. Os residentes veem nesta atividade económica uma forma de devolução da vitalidade perdida aquando o declínio da agricultura e da emigração dos seus entes queridos para locais que lhes ofereciam melhores condições de vida. Ou seja, veem no turismo um setor capaz de revitalizar o destino.

Acontece que as atitudes que os residentes dos destinos rurais em análise desenvolvem face ao desenvolvimento da atividade turística dependem de um conjunto de variáveis, relacionadas não apenas com o perfil dos inquiridos, mas também com outras dimensões que foram identificadas na literatura e descritas no capítulo 4. No sentido de identificar essas variáveis apresentam-se na secção seguinte alguns testes estatísticos que permitem verificar se existem associações estatisticamente significativas entre esses fatores e o apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico dos destinos rurais que são objeto de análise nesta dissertação.

7.7 - Identificação dos fatores que influenciam o apoio de residentes de destinos rurais ao turismo.

Para identificar os fatores que influenciam o apoio dos residentes dos destinos em estudo ao desenvolvimento da atividade turística procedeu-se, numa primeira fase à utilização do coeficiente de correlação de *Spearman* entre os fatores identificados e a variável “apoio ao turismo”.

No que respeita à relação entre a perceção dos residentes dos impactos do turismo e o seu apoio ao desenvolvimento da atividade turística, os resultados apresentados na Tabela 7.11 evidenciam que existe uma associação estatisticamente significativa negativa entre a perceção dos impactos negativos (económicos, socioculturais e ambientais) e o apoio dos residentes ao desenvolvimento da atividade turística, na medida em que quanto maior é a perceção dos residentes dos impactos negativos menor será o seu apoio ao turismo ou vice-versa. Com base neste resultado, a hipótese H2: a perceção dos custos do turismo

influencia de forma negativa o apoio dos residentes dos destinos rurais ao desenvolvimento do turismo, foi verificada. Quanto à hipótese H1: a percepção dos benefícios influencia de uma forma positiva o apoio dos residentes dos destinos rurais ao desenvolvimento do turismo, não foi verificada.

Tabela 7.11 - Coeficiente de correlação de *Spearman* entre a percepção dos residentes dos impactes do turismo e o seu apoio ao desenvolvimento da atividade turística.

Percepção dos residentes dos impactes do turismo	Apoio ao turismo		
	Correlação de <i>Spearman</i>		
	N	Coeficiente	Sig (0,05)
Média dos itens dos impactes económicos positivos	102	-0,149	0,134
Média dos itens dos impactes económicos negativos	102	-0,271	0,005
Média dos itens dos impactes socioculturais positivos	102	-0,055	0,580
Média dos itens dos impactes socioculturais negativos	102	-0,300	0,002
Média dos itens dos impactes ambientais negativos	102	-0,214	0,030

Em termos de relação entre o perfil sociodemográfico dos inquiridos e o seu apoio ao desenvolvimento da atividade turística (Tabela 7.12), apenas se verifica uma associação estatisticamente significativa positiva entre o rendimento médio mensal do agregado familiar e o apoio ao desenvolvimento da atividade turística. Com base neste resultado, é possível concluir que a hipótese H3 não se verificou na totalidade.

Tabela 7.12 - Coeficiente de Correlação de *Spearman* entre variáveis do perfil sociodemográfico dos inquiridos e o seu apoio ao desenvolvimento do turismo.

Características sociodemográficas	Apoio ao turismo		
	Correlação de <i>Spearman</i>		
	N	Coeficiente	Sig (0,05)
Idade	102	0,132	0,187
Valor médio do rendimento líquido mensal do agregado familiar	102	0,244	0,016
Habilitações Literárias	102	0,012	0,902
Tempo de residência nesta aldeia	102	0,069	0,487

No sentido de verificar se existem diferenças estatisticamente significativas no apoio dos residentes à atividade turística e algumas variáveis qualitativas nominais do perfil sociodemográfico dos inquiridos, utilizou-se o teste-t (Tabela 7.13).

Tabela 7.13 - Análise da relação entre o género e experiência turística dos residentes e o fator apoio ao turismo (teste t).

			Estatísticas descritivas			Teste-t	
			N	Média	Desvio Padrão	V- Test	P-Value
	Genero	Masculino	52	4,80	0,435	-0,230	0,981
		Femenino	50	4,80	0,391		
Experiência turística	Trabalha no Setor do Turismo	Sim	31	4,74	0,498	-0,924	0,358
		Não	71	4,82	0,369		
	Costuma gozar férias	Sim	34	4,83	0,456	0,678	0,499
		Não	68	4,78	0,390		

Pela análise dos resultados da tabela 7.13, podemos verificar que para todas as variáveis o nível de significância do *teste-t* é superior a 0,05. Por esta razão, verifica-se que tanto homens como mulheres apoiam o turismo na mesma medida, ou seja, não existe um género que apoie mais do que o outro. O mesmo se passa para a experiência turística, quem trabalha ou não no setor do turismo, apoia o turismo da mesma forma, assim como, para quem goza férias. Com base nestes resultados, a hipótese H4: a experiência turística dos residentes dos destinos rurais está positivamente relacionada com o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo, não foi verificada.

Em termos de interação, os resultados da Tabela 7.14 demonstram que não existe uma associação estatisticamente significativa tanto em termos de frequência da interação como em termos de emoções sentidas na interação com a variável apoio ao desenvolvimento da atividade turística. Em termos de ligação aos destinos rurais e satisfação com esses destinos e o apoio ao desenvolvimento da atividade turística, também não se verificou a existência de uma associação estatisticamente significativa (Tabela 7.15). Com base nestes resultados, a hipótese H5: existe uma relação direta entre a frequência da interação entre os residentes e visitantes e o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo, não foi verificada. Também não foram verificadas as hipóteses H6: a interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade está relacionada de forma positiva com o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo e a H7: existe uma relação direta entre as emoções positivas sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes e o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo. A hipótese H8: quanto maior for a ligação

dos residentes à aldeia, maior será o seu apoio ao desenvolvimento do turismo, também não se verificou, assim como a hipótese H9: quanto maior a satisfação dos residentes com a aldeia maior será o seu apoio ao desenvolvimento do turismo.

Tabela 7.14 - Coeficiente de Correlação de *Spearman* entre a interação residentes visitantes e as emoções sentidas pelos residentes nessa interação e a variável apoio ao desenvolvimento da atividade turística.

Interação e emoções sentidas pelos residentes na interação	Apoio ao turismo		
	Correlação de <i>Spearman</i>		
	N	Coeficiente	Sig (0,05)
Fator 1 da Interação- <i>Interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade</i>	102	0,097	0,330
Fator 2 da Interação- <i>Interação formal</i>	102	0,054	0,587
Fator 3 da Interação- <i>Interação informal</i>	102	-0,090	0,369
Fator 1 das Emoções - <i>Arouse-Pleasure</i>	102	0,112	0,261
Fator 2 das Emoções- <i>Dominance</i>	102	-0,027	0,787

Tabela 7.15 - Coeficiente de Correlação de *Spearman* entre a ligação ao destino e satisfação com o destino e a variável apoio ao desenvolvimento da atividade turística.

Ligação ao destino e satisfação com o destino	Apoio ao turismo		
	Correlação de <i>Spearman</i>		
	N	Coeficiente	Sig (0,05)
Fator 1 da Ligação- <i>Place-attachment</i>	102	-0,038	0,699
Fator 2 da Ligação - <i>Satisfação com a aldeia</i>	102	-0,022	0,823

No que respeita à relação entre a opinião dos inquiridos em termos de entidades que beneficiam com o desenvolvimento da atividade turística e o seu apoio ao desenvolvimento do turismo observa-se na Tabela 7.16, que existem associações estatisticamente significativas negativas entre a identificação de empresas que fazem parte da indústria turística como os principais beneficiários do turismo (cafés e restaurantes, unidades de turismo rural e lojas de artesanato) e o apoio ao desenvolvimento da atividade turística. Estes resultados revelam que os residentes consideram que apenas as atividades que fazem parte da indústria turística estão a beneficiar com o desenvolvimento desta atividade.

Tabela 7.16 - Coeficiente de Correlação de *Spearman* entre o a percepção dos residentes dos principais beneficiários da atividade turística e o seu apoio face ao desenvolvimento da atividade turística.

Opinião dos residentes dos principais beneficiários da atividade turística	Apoio ao turismo		
	Correlação de <i>Spearman</i>		
	N	Coeficiente	Sig (0,05)
A população em geral beneficia com o turismo	102	0,063	0,531
Os agricultores beneficiam com o turismo	102	-0,149	0,134
Os donos dos cafés e restaurantes beneficiam com o turismo	102	-0,200	0,043
Os donos de hotéis ou turismo rural beneficiam com o turismo	102	-0,215	0,029
Os donos das lojas de artesanato beneficiam com o turismo	102	-0,226	0,022

Após a análise da relação existente entre um conjunto de variáveis que poderiam influenciar o apoio dos residentes face ao desenvolvimento turístico apresenta-se na secção seguinte um modelo de regressão linear múltipla para identificar as determinantes do apoio revelado pelos residentes dos destinos rurais em análise ao desenvolvimento da atividade turística nestes destinos.

7.8 – Modelo de Regressão linear múltipla para identificar os fatores que influenciam o apoio ao turismo

O modelo proposto para identificar os fatores que influenciam o apoio de residentes de destinos rurais ao turismo é o seguinte:

$$AT = b_0 + b_1 MIEP_i + b_2 MIEN_i + b_3 MISCP_i + b_4 MISCN_i + b_5 MIAN_i + b_6 GF_i + b_7 TST_i + b_8 GFP_i + b_9 GFES_i + b_{10} I_i + b_{11} H_i + b_{12} VMRF_i + b_{13} MIA_i + b_{14} MIF_i + b_{15} MIIF_i + b_{16} MAP_i + b_{17} MD_i + b_{18} MPA_i + b_{19} MAS + \varepsilon_i$$

Onde:

$$i = 1, \dots, n$$

AT- fator apoio ao turismo

MIEP- Média dos impactes económicos positivos

MIEN- Média dos impactes económicos negativos

MISCP- Média dos impactes socioculturais positivos

MISCN- Média dos impactes socioculturais negativos

MIAN- Média dos impactes ambientais negativos

GF- *dummy* costuma gozar férias (1=sim, 0=não)

TST- *dummy* trabalha no setor do turismo (1=sim, 0=não)

GFP – *dummy* goza férias em Portugal (1=sim, 0=não)

GFES- *dummy* goza férias no estrangeiro (1=sim, 0=não)

I – *dummy* idade (1=mais de 64 anos, 0=menos de ou igual 64 anos)

H – *dummy* habilitações (1= habilitações baixas, 0=outras habilitações)

VMRF – *dummy* valor médio do rendimento familiar (1=rendimento inferior ou iguala dos 1000 euros, 0= rendimento superior a 1000 euros)

MIA- Média do fator *interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*

MIF- média do fator *interação formal*

MIIF- média do fator *interação informal*

MAP- média do fator *arouse-pleasure*

MD- média do fator *dominance*

MPA- média do fator *place-attachment*

MAS- média do fator *satisfação com a aldeia*

ε - resíduos

A partir deste modelo vamos verificar quais os determinantes que influenciam o apoio da comunidade ao desenvolvimento do turismo nos destinos em análise.

Tabela 7.17 – Resultados da regressão linear múltipla

Variável Dependente: Factor Apoio ao turismo													
Variáveis Independentes	Coefficients			Collinearity diagnostics					F	sig	R	R²	Adjusted R²
	Unstandardized coefficients		Standardized Coefficients	t	sig	Tolerance	VIF	Condition Index					
	B	St. Error	Beta										
a (constante)	-2,095	0,579		-3,619	0,00			1	14,365	0,00	0,361	0,130	0,121
MSA	0,467	0,123	0,361	3,790	0,00	1,000	1,000	15,573					
a (constante)	-1,600	0,561		-2,852	0,05			1	14,841	0,00	0,488	0,238	0,222
MSA	0,524	0,117	0,405	4,480	0,00	0,982	1,018	6,497					
MISCN	-0,407	0,111	-0,331	-3,668	0,00	0,982	1,018	18,898					
a (constante)	-1,738	0,555		-3,219	0,02			1	11,704	0,00	0,521	0,272	0,249
MSA	0,520	0,115	0,402	4,526	0,00	0,982	1,018	4,185					
MISCN	-0,450	0,111	-0,366	-4,055	0,00	0,949	1,054	7,323					
MIA	0,170	0,081	0,188	2,092	0,39	0,964	1,037	21,326					

Legenda: MSA – Média do fator “*satisfação com a aldeia*”; MISCN- Média dos impactos socioculturais negativos; MIA- Média do fator “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*”.

Com base nos resultados da estimação do modelo descrito na equação 1, observa-se a partir da Tabela 7.17 que do total das variáveis independentes incluídas no modelo apenas três variáveis têm poder explicativo (média do fator “*satisfação com a aldeia*”, média dos impactos socioculturais negativos e média do fator “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*”). O modelo estimado apresenta um coeficiente de determinação relativamente baixo (Adjusted R²) o que poderá revelar a existência de outros fatores que não foram considerados no modelo como determinantes do apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico dos destinos rurais em análise. O fator “*satisfação com a aldeia*” e o fator “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*” influenciam de forma positiva o apoio dos residentes ao desenvolvimento da atividade turística nestes destinos rurais. Por sua vez, a percepção dos residentes dos impactos socioculturais negativos do turismo influenciam de forma negativa o apoio ao desenvolvimento da atividade turística.

Com base nestes resultados, podemos verificar que o apoio dos residentes dos destinos rurais em análise ao desenvolvimento da atividade turística é influenciado de forma positiva pela frequência de interação existente entre residentes e visitantes para desenvolver relações de amizade e pelo grau de satisfação dos residentes com a aldeia, ou seja, verificam-se as hipóteses de estudo H6 e H9. Por sua vez, o apoio é influenciado de forma negativa pela percepção dos residentes dos custos socioculturais do turismo, ou seja, mais uma vez verificamos a hipótese de estudo H2.

O facto de os inquiridos estarem satisfeitos com a sua aldeia, significa uma forte ligação aos destinos rurais em análise, o que pode significar que gostam de receber visitantes e como tal apoiam o turismo, uma vez que como ainda se encontram na fase inicial do desenvolvimento do turismo, só percebem os benefícios e não os custos associados a esse desenvolvimento. O fator “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*” vem confirmar isso, apesar da desconfiança eles tentam agradar aos visitantes tentando que eles repitam as visitas ou passem a palavra de forma a atrair mais visitantes. Mas à medida que vão tendo a percepção de que a troca trará mais custos do que benefícios, confirma-se a teoria da troca social, os inquiridos começam a constatar que a troca não é equilibrada e isso reflete-se na diminuição do seu apoio ao turismo, até chegarem a um ponto em que irão assumir uma atitude diferente.

Conclusão

Neste estudo foram inquiridas 102 pessoas residentes nas comunidades rurais objeto de estudo, mais concretamente nas aldeias de Benfeita, Enxudro, Luadas, Pardieiros, Piódão, Pena, Aigra Nova, Chã de Alvares e Fajão.

Cerca de 51% dos inquiridos são homens e 49% são do género feminino, onde quase metade dos inquiridos possui mais de 64 anos. Conforme o verificado nos capítulos anteriores, estes destinos rurais são habitados principalmente por seniores. A nível de agregado familiar a média é de 2,43, porque a grande maioria dos agregados familiares serem compostos por uma ou duas pessoas e aí também sobressai o facto de existir uma grande percentagem de viúvos (33,3%).

Quanto ao nível de habilitações literárias a maioria da população não vai além do segundo ciclo, havendo mesmo 13,7% da população sem qualquer habilitação. Cerca de 40,2% da população é reformada, outros 52,9% dos inquiridos estão a exercer uma atividade profissional.

No que concerne à atividade turística, cerca de 30,4% dos inquiridos está a exercer uma atividade profissional relacionada com o turismo e 14,7% tem um familiar a trabalhar no setor do turismo.

Dos 102 inquiridos apenas um terço goza férias, o que está relacionado com o facto de se tratar de uma população envelhecida e cujo rendimento médio mensal do agregado familiar ser inferior a 1000 €.

Na interação entre residentes e visitantes, emergem 3 fatores que explicam o tipo e frequência de interação, são eles: “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*”, “*interação formal*” e “*interação informal*”. A “*interação informal*” é o fator que apresenta uma média superior, uma vez que ao contrário das outras duas componentes, não implica uma interação muito próxima ou imposta pelas circunstâncias, como por exemplo o facto de trabalhar na indústria do turismo. Pelo facto de estes destinos rurais ainda se encontrarem numa fase inicial de desenvolvimento turístico, este tipo de interação é o que ocorre de uma forma mais natural devido a encontros casuais na rua ou em estabelecimentos comerciais.

Nas emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes, emergem dois fatores, “*Arouse-Pleasure*” e “*Dominance*”, onde o fator mais relevantes é o “*Arouse-Pleasure*” com uma média de 4,67 e a média do fator “*Dominance*” de 4,23. Mais uma vez pelo facto de ainda se encontrarem numa fase inicial, que segundo o “Modelo Irridex” de Doxey, é intitulado de euforia, as pessoas sentem prazer em contactar com os visitantes e não se sentem dominados por eles.

A perceção dos residentes dos impactes provocados pelo turismo é imprescindível para compreender as atitudes e os comportamentos dos residentes, tal como, para a definição de planos e estratégias para um desenvolvimento turístico bem-sucedido. Da análise dos 40 itens constata-se que a perceção dos impactes económicos positivos e socioculturais positivos são os mais percecionados, sendo o impacte económico “desenvolvimento das atividades locais” o mais percecionado e na dimensão sociocultural “reforço do reconhecimento e do prestígio local do destino turístico”. Em termos de impactes negativos, o impacte económico negativo que mais sobressai é o “aumento do valor das casas e dos terrenos” e o sociocultural é o “aumento do congestionamento rodoviário”. Em termos de impactes ambientais, não se percecionam qualquer tipo de impactes, sejam eles positivos ou negativos.

Na opinião da maioria dos inquiridos, quem está realmente a beneficiar com o desenvolvimento turístico são as atividades económicas que fazem parte da indústria do turismo, sendo unânimes, de que os agricultores não estão a beneficiar com o desenvolvimento do turismo, uma vez que estes praticam uma agricultura de subsistência, quase exclusivamente para consumo próprio, sem excedentes para venda aos visitantes. Mas na opinião da maioria dos inquiridos, quem deveria beneficiar com o desenvolvimento turístico era a população no geral.

Da ligação dos residentes aos destinos rurais em análise, emergiram três fatores que explicam essa mesma ligação e satisfação com a comunidade à qual pertencem, são eles: *“place-attachment”*, *“satisfação com a aldeia”* e *“apoio ao turismo”*. Os resultados desta análise, estão em consonância com os estudos descritos no capítulo 4, onde o facto de residir na aldeia, exercer uma atividade profissional na aldeia e o tempo de residência, revelam uma forte ligação afetiva dos residentes inquiridos assim como uma grande satisfação com a comunidade onde residem.

Em termos de atitude, mais uma vez sobressai que por estes destinos se encontrarem numa fase inicial de desenvolvimento turístico, verifica-se um apoio ao turismo, porque os residentes esperam que através deste, haja uma revitalização dos destinos.

Para identificar os fatores que influenciam o apoio dos residentes dos destinos rurais em análise ao turismo e testar as hipóteses de investigação, efetuaram-se análises estatísticas às variáveis que surgiram durante o estudo.

Verificou-se que existia uma correlação significativa negativa entre a perceção dos residentes dos impactes económicos negativos, assim como, entre os impactes socioculturais negativos e ambientais negativos e o apoio ao turismo. Isto é, a perceção dos custos do turismo está negativamente relacionado com o apoio dos residentes dos destinos rurais ao desenvolvimento do turismo.

Existe uma correlação significativa positiva entre o valor médio do rendimento líquido mensal do agregado familiar o que significa que existem diferenças na atitude dos residentes face ao desenvolvimento turístico de acordo com o seu perfil sociodemográfico.

Não existe qualquer correlação estatisticamente significativa entre o tipo e frequência de interação e o apoio ao turismo. Mas o fator “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*” é um dos fatores explicativo que surge no modelo de regressão linear múltipla desenvolvido como um fator que influencia o apoio ao turismo. Como tal, podemos dizer, que a interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade está relacionada de uma forma positiva com o apoio ao desenvolvimento do turismo.

Apesar de não existir uma correlação significativa entre a ligação ao destino, satisfação com a aldeia e o apoio dos residentes face ao desenvolvimento do turismo, surge como fator explicativo do apoio ao turismo no modelo de regressão linear múltipla desenvolvido a “*satisfação dos residentes com a aldeia*”, ou seja, quanto maior for a satisfação dos residentes com a aldeia maior será o seu apoio ao desenvolvimento do turismo.

Não existe qualquer correlação estatisticamente significativa entre a experiência turística e o apoio ao turismo, como tal não podemos concluir que a experiência turística está relacionada com o apoio dos residentes dos destinos rurais ao turismo.

Resumindo, da análise dos resultados do modelo de regressão linear múltipla estimado, verificamos que do total das variáveis independentes incluídas no modelo apenas três variáveis têm poder explicativo da variável dependente (apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo), são elas: a componente “*satisfação com a aldeia*”, a variável impactes socioculturais negativos e a componente “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*”.

Capítulo 8 - Conclusões

Introdução

Ao longo desta dissertação analisou-se o papel do turismo na dinamização de destinos rurais, tendo-se estudado para o efeito alguns dos destinos rurais localizados no Pinhal Interior. Este capítulo sistematiza, as principais conclusões obtidas nesta dissertação, descreve os contributos desta investigação e as suas limitações. O capítulo termina com a descrição de alguns temas de investigação sobre a temática a desenvolver no futuro.

8.1- Principais conclusões

O objetivo principal desta dissertação foi avaliar os fatores que influenciam o apoio ao turismo pelos residentes de comunidades rurais do Pinhal Interior Norte, dando especial atenção à perceção dos residentes dos impactes do turismo, ao nível de interação entre residentes e visitantes, às emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes e à ligação dos residentes aos destinos rurais. Para que este objetivo fosse alcançado iniciou-se no segundo capítulo desta dissertação, a apresentação do quadro conceptual do desenvolvimento sustentável e turismo sustentável, assim como, a sua relevância, dimensões que o integram e relevância dos indicadores como forma de monitorizar e ajudar para que o turismo seja uma das atividades que contribua para o desenvolvimento sustentável dos destinos rurais.

O turismo sustentável, é referido cada vez mais, como sendo uma alternativa viável para o desenvolvimento dos destinos rurais, porque se trata de uma forma de turismo planeada, integrada, aberta, dimensionada, participativa e viável a longo prazo. Todas as formas de turismo existentes devem ter sempre presente que devem contribuir para o desenvolvimento sustentável dos destinos.

Para que todas as formas de turismo sejam sustentáveis, a WTO criou os chamados princípios de sustentabilidade para o setor do turismo, que devem ser respeitados nas suas distintas dimensões e promover o envolvimento dos residentes. O desenvolvimento sustentável de um destino implica a monitorização dos impactes do turismo e para isso é necessário definir um conjunto de indicadores de sustentabilidade para cada uma das dimensões que integram o conceito de desenvolvimento sustentável. As dimensões consideradas com maior frequência, são a económica, social, cultural e ambiental, embora

nos últimos anos tenham sido introduzidas no conceito de desenvolvimento sustentável a dimensão política e a tecnológica.

O objetivo principal do desenvolvimento sustentável é melhorar a qualidade de vida dos *stakeholders* que fazem parte do sistema turístico, pois sem isso, não será possível a existência de um desenvolvimento turístico sustentável.

No terceiro capítulo desta dissertação foi definido o conceito de destino turístico e foram apresentadas as características de um destino turístico rural. Neste capítulo abordou-se também, a importância do envolvimento da comunidade no desenvolvimento do turismo e de como é que a atividade pode contribuir para a dinamização de destinos turísticos rurais. Aqui são também referidos os principais impactos nas dimensões económica, sociocultural e ambiental provocados pelo desenvolvimento turístico que podem ocorrer neste tipo de destino.

Há que ter em mente que é necessário maximizar os impactos positivos e minimizar os impactos negativos para que estes destinos se mantenham a longo-prazo.

No quarto capítulo, foi feito um enquadramento teórico do envolvimento dos residentes no desenvolvimento turístico. O envolvimento dos residentes é fundamental no planeamento e implementação de um turismo sustentável. As atitudes e os comportamentos dos residentes de destinos rurais são influenciados por um conjunto de fatores. No início do processo de desenvolvimento poderá existir um apoio generalizado dos residentes, mas com o avançar do tempo e o aumento do número de visitantes esse apoio vai diminuindo. No modelo de Doxey fala-se mesmo de um estado inicial, ao qual se chama de euforia, que com o passar do tempo pode chegar ao conformismo ou mesmo hostilidade por parte dos residentes em relação ao turismo. Vários têm sido os modelos que têm sido utilizados na literatura para estudar o comportamento e atitudes dos residentes face ao desenvolvimento do turismo. Por sua vez, neste capítulo observou-se também que as atitudes e comportamentos dos residentes face ao desenvolvimento turístico são influenciados por um conjunto de fatores que podem ser classificados como fatores extrínsecos e fatores intrínsecos. Dos diferentes fatores que influenciam as atitudes dos residentes foram analisados nesta dissertação a perceção dos residentes dos impactos do turismo, a interação entre residentes e visitantes,

as emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes, a ligação dos residentes às aldeias e as características sociodemográficas dos residentes.

Segundo a Teoria da Troca Social adotada por Ap & Crompton (1998) para o turismo, quanto mais forem percebidos os benefícios decorrentes do desenvolvimento turístico, maior será o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo. A frequência e tipo de interação, também é um fator que determina o apoio ao turismo, uma vez que à medida que aumenta a frequência de interação entre residentes e visitantes maior poderá ser o apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico. As emoções resultantes dessa interação também são importantes na medida em que elas interferem na atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo

A ligação ao seu local de residência também pode ser determinante no apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico, assim como, a satisfação com o seu local de residência também poderá influenciar a atitude dos residentes face ao desenvolvimento turístico.

Por último, foram referidos os fatores sociodemográficos, como o tempo de permanência, idade, género, habilitações, rendimento médio do agregado familiar e ligação ao setor do turismo, que também podem influenciar a atitude dos residentes face ao desenvolvimento turístico.

No capítulo cinco foram definidos os objetivos específicos desta investigação, com base na revisão da literatura efetuada nos capítulos anteriores. Utilizou-se uma amostragem não probabilística combinou as técnicas de amostragem por conveniência e bola de neve e utilizou-se um inquérito por questionário, tendo sido aplicado diretamente a 102 inquiridos na área de estudo, para recolher os dados. A caracterização da amostra recolhida nas aldeias do Pinhal Interior Norte, que foram objeto de estudo nesta dissertação, foi realizada através do recurso a análises estatísticas univariadas (frequências, cálculo de média e desvio padrão). Utilizaram-se também análises estatísticas bivariadas, nomeadamente o *teste-t* e o coeficiente correlação de *Spearman* e análises estatísticas multivariadas (análise de componentes principais e regressão linear múltipla). Estas análises foram utilizadas inicialmente com o objetivo de compreender como são percebidos os impactos provocados pelo turismo nestas comunidades rurais, qual o tipo e frequência de interação entre residentes e visitantes, as emoções que estão associadas a esta interação, a ligação à

comunidade (*place-attachment*), a satisfação com a aldeia e as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico. Numa segunda fase, utilizou-se a variável apoio dos residentes face ao desenvolvimento turístico para representar as suas atitudes e foram realizados vários testes estatísticos para identificar os fatores que influenciam esta variável.

No capítulo seis foram caracterizados os destinos rurais que foram objeto de análise neste estudo, nomeadamente as freguesias de Benfeita, Piódão, Góis, Fajão e Alvares, com base em dados secundários fornecidos pelo INE e conversas informais com os residentes das aldeias em estudo, tendo-se observado que estas aldeias apresentam uma densidade populacional muito baixa, têm estado a perder população e apresentam um índice de envelhecimento muito elevado. Nestas aldeias é praticada uma agricultura de subsistência e o turismo começa a desenvolver-se graças aos programas “Aldeias de Xisto”, desenvolvido pela ADXTUR, e “Aldeias Históricas de Portugal”. Em termos de atividade turística, estes destinos rurais começam a possuir alguns equipamentos que permitem receber visitantes. Nestas aldeias também já existem percursos pedestres, revelando as apetências destes destinos para a prática do ecoturismo, turismo de natureza e turismo rural.

A análise e discussão dos resultados obtidos no estudo empírico efetuada no capítulo sete permitiram testar as hipóteses de investigação formuladas.

Cerca de 51% dos inquiridos neste estudo são do sexo masculino e quase metade dos inquiridos possui mais de 64 anos. Existe uma grande percentagem de viúvos (33,3%) e a média do agregado familiar é de 2,43. A nível de habilitações literárias, a maioria da população não vai além do segundo ciclo, havendo mesmo 13,7% da população sem qualquer habilitação. Cerca de 40,2% da população é reformada e outros 52,9% dos inquiridos estão a exercer uma atividade profissional. Relativamente à experiência turística só cerca de um terço dos inquiridos goza férias, o que está relacionado com o facto de se tratar de uma população envelhecida e cujo rendimento médio mensal do agregado familiar é muito baixo.

Na interação entre residentes e visitantes, emergem 3 fatores que explicam o tipo e frequência de interação, são eles: “*interação com o objetivo de desenvolver relações de amizade*”, “*interação formal*” e “*interação informal*”. A “*interação informal*” é a dimensão que apresenta uma média superior, uma vez que ao contrário das outras duas

componentes, não implica uma interação muito próxima ou imposta pelas circunstâncias, como por exemplo o facto de trabalhar na indústria do turismo. Estes resultados poderão estar relacionados com o facto de os destinos turísticos rurais em análise se encontrarem numa fase inicial do desenvolvimento turístico, este tipo de interação é o que ocorre de uma forma mais natural devido a encontros casuais na rua ou estabelecimentos comerciais.

Da análise das emoções sentidas pelos residentes quando interagem com os visitantes, emergem dois fatores, “*Arouse-Pleasure*” e “*Dominance*” onde o fator mais relevantes é o “*Arouse-Pleasure*” com uma média de 4,67 e a média do fator “*Dominance*” de 4,23. Isto quer dizer que, as pessoas destes destinos rurais sentem prazer em contactar com os visitantes e não se sentem dominados por eles.

Da análise dos 40 itens que foram utilizados para avaliação da perceção dos residentes dos impactes do turismo constata-se que são os impactes económicos positivos e impactes socioculturais positivos os mais percecionados pelos residentes. O benefício económico mais percecionado foi o impacto do turismo no “desenvolvimento das atividades locais” enquanto, no domínio dos impactes socioculturais o mais percecionado foi o efeito do turismo “reforço do reconhecimento e do prestígio local do destino turístico”. Em termos de impactes negativos, o impacto económico negativo que mais sobressai é o efeito do turismo no “aumento do valor das casas e dos terrenos” e o sociocultural é o efeito do turismo no “aumento do congestionamento rodoviário”.

A maioria dos inquiridos defende que quem está a beneficiar com o desenvolvimento turístico são as atividades económicas que fazem parte da indústria do turismo e muito raramente os agricultores. Mas na opinião da maioria dos inquiridos, quem deveria beneficiar com o desenvolvimento turístico era a população no geral.

Da análise da ligação dos residentes aos destinos rurais e das atitudes dos residentes face ao desenvolvimento do turismo, emergiram três fatores “*place-attachment*”, “*satisfação com a aldeia*” e “*apoio ao turismo*”. Estes factores são explicados pelo facto de residir na aldeia, exercer uma atividade profissional na aldeia e o tempo de residência, revelarem uma forte ligação afetiva dos residentes inquiridos à aldeia, assim como, uma grande satisfação com a aldeia onde residem.

Em termos de atitude, verifica-se um apoio ao turismo, porque como já foi referido estes destinos encontram-se numa fase inicial de desenvolvimento turístico e os residentes esperam que através deste haja uma revitalização dos destinos.

Para identificar os fatores que influenciam o apoio dos residentes dos destinos rurais em análise ao turismo, efetuaram-se análises estatísticas às variáveis que surgiram durante o estudo. Verificou-se que a perceção dos custos do turismo está negativamente relacionado com o apoio dos residentes dos destinos rurais ao desenvolvimento do turismo. Verificou-se também, que a interacção com o objectivo de desenvolver relações de amizade está relacionada de uma forma positiva com o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo, assim como, quanto maior for a satisfação dos residentes com a aldeia maior será o seu apoio ao desenvolvimento do turismo.

8.2 – Contribuições e Recomendações

Esta dissertação permitiu analisar o apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico nas comunidades rurais em estudo. Em termos de contributos há a referir:

- (i) conhecer e compreender os impactes económicos, sociais, culturais e ambientais percecionados pelos residentes dos destinos rurais;
- (ii) compreender a importância do envolvimento dos residentes no desenvolvimento turístico dos destinos rurais;
- (iii) compreender a importância da interação entre residentes e visitantes e emoções associadas a esta interação, no apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico nos destinos rurais;
- (iv) compreender a importância da ligação à comunidade e satisfação com a mesma e como isso se reflete no apoio ao desenvolvimento turístico nos destinos rurais;
- (v) compreender a importância dos fatores sociodemográficos e experiência turística no apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico nos destinos rurais;
- (vi) compreender em que fase se encontra o desenvolvimento turístico nestes destinos rurais de forma a fornecer elementos aos responsáveis pelo desenvolvimento das comunidades rurais com o intuito de delinear diretrizes para o desenvolvimento de um turismo sustentável;

- (vii) fornecer elementos aos responsáveis pelo desenvolvimento turístico que lhes permita maximizar os impactos positivos do turismo percecionados pelos residentes destes destinos rurais e minimizar os negativos;
- (viii) alertar as entidades responsáveis para a necessidade de envolver os residentes dos destinos rurais no desenvolvimento turístico;

Chama-se a atenção dos responsáveis pelo desenvolvimento turístico destes destinos rurais, que é necessário informar todos os residentes sobre os benefícios e custos que podem advir do desenvolvimento turístico destes destinos rurais, de forma, a envolver os residentes no processo de desenvolvimento turístico, pois o apoio destes é imprescindível para o sucesso destes destinos turísticos.

Como podemos ver pelos resultados desta dissertação, os residentes apoiam o desenvolvimento turístico, pelo que os responsáveis por esse desenvolvimento deveriam ter em conta esse apoio, através da promoção do envolvimento de todos os residentes no planeamento do desenvolvimento turístico para estes destinos rurais, assim como, delinear estratégias em parceria com todos os *stakeholders* envolvidos no desenvolvimento turístico destes destinos rurais.

8.3 – Principais dificuldades e limitações

Como em qualquer projeto de investigação, esta dissertação revela limitações.

A primeira limitação prende-se com as temáticas analisadas no enquadramento teórico, uma vez que, a complexidade temática é elevada e a multidisciplinaridade da atividade turística obrigaram a que fossem selecionados determinados temas, tendo alguns não sido desenvolvidos de uma forma suficiente e satisfatória.

A segunda limitação prende-se com a ausência de dados secundários, sobretudo em termos de atividades económicas e atividade turística por freguesias, o que faz com que a caracterização dos destinos aqui analisados não esteja completa.

A terceira limitação surge relacionada com a aplicação do inquérito por questionário e a dimensão da amostra. Por motivos pessoais e profissionais foi impossível iniciar a inquirição antes do mês de junho. Outro facto, e talvez o maior de todos os obstáculos, tem a ver com o facto de estes destinos em estudo possuírem uma população demasiado

envelhecida, com a qual é difícil de contactar, alguns residentes porque estão demasiado debilitadas, outros porque devido à desconfiança incutida pela comunicação social e pelas autoridades locais, recusaram-se a responder, só foi possível obter 102 inquéritos.

Uma quarta limitação prende-se com o âmbito temporal da pesquisa, isto é, os questionários foram administrados na época alta, o que pode ter influenciado as respostas. O ideal seria ter aplicado questionários também na época baixa da atividade turística.

8.4- Propostas de investigação

Muitas são as linhas de investigação que se poderiam realizar de forma a concretizar a investigação em temáticas relacionadas com esta dissertação, no entanto, apenas se vai fazer referência ao que se considera mais pertinente:

- (i) alargar o âmbito de análise desta dissertação, quer em termos temporais, quer em termos espaciais, para aprofundar os conhecimentos em termos de perceções dos impactes e das atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico;
- (ii) analisar as perceções dos impactes e as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico em destinos que se encontrem em outras etapas do processo de desenvolvimento turístico;
- (iii) analisar as perceções dos impactes e as atitudes dos restantes *stakeholders* dos destinos analisados e, posteriormente, comparar com os resultados obtidos nesta análise sobre os residentes;
- (iv) analisar em que medida fatores externos (exemplo: os media) influenciam a perceção e as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento da atividade turística.

Bibliografia

Akdag, G. & Oter, Z. (2011). *Assessment of world tourism from a geographical perspective and a comparative view of heading destinations in the market*. Procedia Social and Behavioral Sciences. Vol 19, pp: 216-224.

Ap, J. (1992). *Residents Perceptions on Tourism Impacts*. Annals of Tourism Research. Vol 19, pp: 665-690.

Ap, J. & Crompton, J. (1998). *Developing and testing a tourism impact scale*. Journal of Travel Research. Vol 37, pp: 120-130.

Batista, F. O. (2011). *Os Contornos do Rural*. Pp: 49-58. In: O Rural Plural – olhar o presente, imaginar o futuro. 100Luz. Castro Verde.

Blancas, F. J.; Lozano-Oyola, M.; Gonzalez, M.; Guerrero, F. M. & Caballero, R. (2011). *How to use sustainability indicators for tourism planning: The case of rural tourism in Andalusia (Spain)*. Science of the Total Environment. Doi:10.1016/j.scitotenv.2011.09.066.

Boyd, S. W. & Singh, S. (2003). *Destination Communities: Structures, Resources and Types*. Pp: 19-33. In Tourism in Destination Communities. Singh, S., Timothy, D.J., & Dowling, R.K. (Eds). CABI Publishing.

Bramwell, B & Sharman, A. (2001). *Approaches to sustainable tourism planning and community participation: the case of the Hope Valley*. Pp: 17-35. In Tourism and Sustainable Community Development. Richards, G. & Hall, D. (Eds). London: Routledge.

Butler, R. W. (1997). *Modelling tourism development. Evolution, growth and decline*. Pp: 109-125. In Wahab & Pigram (Eds). Tourism, Development and Growth. The Challenge of Sustainability. London: Routledge.

Butler, R. W. (1999). *Sustainable tourism a state-of-the-art review*. Tourism Geographies: An International Journal of Tourism, Space, Place and environment. Vol 1, nº1, pp: 7-25.

Caalders, J. (2001). *Tourism in Friesland: a network approach*. Pp: 185-204. In Tourism and Sustainable Community Development. Richards, G. & Hall, D. (Eds). London: Routledge.

Careto, H. & Lima, S. (2006). *Turismo e Desenvolvimento Sustentável* GEOTA 1- Edição Geota.

Carneiro, M. J. & Eusébio, C. A. (2010). *Hosts' Perceptions of Tourism Impacts in an Urban Area – a Cluster Analysis*. Pp: 353-369. In The 5th World Conference for Graduate Research in Tourism, Hospitality and Leisure. 25-30 May, Cappadocia. Turkey.

Castro, J. P. & Fernandes, P. O. (2007). *Parque Natural do Douro Internacional/ Arribes del Duero: Orientações Estratégicas*. Turismo e Desenvolvimento Regional Sustentável. 16-18 de julho. Ilha Terceira. Açores.

Cavaco, C. (2004). *Desafios de desenvolvimento Rural. Notas de Leitura*. Finisterra XXXIX. Vol 78, Pp: 99-112.

Chiappa, G.; Meleddu, M. & Pulina, M. (2012). *How residents perceive Social, Economic and Environmental Externalities? A Cruise port of call case study*. Pp: 233-244. In 2nd Interdisciplinary Tourism Conference. 24-29 April, Fethiye. Turkey.

Choi, H. C. & Murray, I. (2010). *Resident attitudes toward sustainable community tourism*. Journal of Sustainable Tourism. Vol 18, n° 4, pp 575-594.

Choi, H. & Sirakaya, E. (2006). *Sustainability indicators for managing community tourism*. Tourism Management. Vol 27, pp: 1274-1289.

Cordovill, F. (1997). *Desenvolvimento Rural e Conservação do Campo*. Dinâmia- Centro de Estudos sobre Mudança Socioeconómica.

Damásio, A. R. (1995). *O Erro de Descartes- Emoção, Razão e Cérebro Humano*. (13^a Ed). Publicações Europa América. Mem Martins.

Esteves, M. C. (2004). *A sustentabilidade de empreendimentos rurais: um estudo a partir da implementação do turismo rural no estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Carlos. São Paulo. Brasil

Eusébio, M. C. A. (2006). *Avaliação do impacte económico do turismo a nível regional: o caso da Região Centro de Portugal*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro.

Eusébio, C. A. & Carneiro, M. J. A. (2012). *Determinants of Tourist-Host Interactions: an Analysis of the University Student Market*. Journal of Quality Assurance and Hospitality & Tourism. Vol 13, pp: 123-151.

Fernandes, S. M. N. (2011). *Turismo e desenvolvimento sustentável em comunidades piscatórias*. Tese de Mestrado. Universidade de Aveiro.

Fernandes, G. P. (2011). *Perspetivas de Gestão e Políticas de Valorização do Território da Cordilheira Central*. Pp: 343-354. In: O Rural Plural – olhar o presente, imaginar o futuro. 100Luz. Castro Verde.

Figueiredo, E. (2003a). *Um Rural para viver, outro para visitar – o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Aveiro.

Figueiredo, E. (2003b). “*Quantas mais “aldeias típicas” conseguimos suportar?*”. *Algumas reflexões a propósito do turismo como instrumento de desenvolvimento local do meio rural*”. Pp:65-81 in TERN: Turismo em espaços Rurais e Naturais, Instituto Politécnico de Coimbra. Coimbra.

Figueiredo, E. (2011). *O Rural está morto, viva o rural*. Pp: 19-24. In: O Rural Plural – olhar o presente, imaginar o futuro. 100Luz. Castro Verde.

Fredline, E. & Faulkner, B. (2000). *Host Community Reactions*. Annals of Tourism Research. Vol 27, nº3, pp: 763-784.

Garrod, B. & Fyall, A. (1998). *Beyond the rethoric of sustainable tourism?* Tourism Management. Vol 19, nº 3, pp: 199-212.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Celta Editora.

Goodall, B. & Stabler, M. (2001). *Environmental standards an performance measurement in tourism destination development*. Pp: 63-82. In Tourism and Sustainable Community Development. Richards, G. & Hall, D. (Eds). London: Routledge.

Gross, J. J. (1998). *The emerging field of emotion regulation: an integrative review*. Review of General Psychology. Vol 2, nº3, pp: 271-299.

Gursoy, D.; Jurawski, C. & Uysal, M. (2002). *Resident attitudes – a structural modeling approach*. Annals of Tourism Research. Vol 29, nº1, pp:79-105.

- Gursoy D. & Rutherford, D. G. (2004). *Host attitudes toward tourism an improved structural model*. Annals of Tourism Research. Vol 31, n° 3, pp: 495-516.
- Hall, D. (2000). *Sustainable Tourism Development and Transformation in Central and Eastern Europe*. Journal of Sustainable Tourism. Vol 8, n°6, pp. 441-457.
- Hansen, F. (2005). *Distinguishing between feelings and emotions in understanding communication effects*. Journal of Business Research. Vol 58, pp: 1426-1436.
- Haralambopoulos, N. & Pizam, A. (1996). *Perceived Impacts of Tourism: the case of Samos*. Annals of Tourism Research. Vol 23, n° 3, pp: 503-526.
- Hardy, A.; Beeton, J. S. & Pearson, L. (2002). *Sustainable Tourism: An Overview of the Concept and its Position in Relation to Conceptualizations of Tourism*. Journal of Sustainable Tourism. Vol 10, n°6, pp. 475-496.
- Harril, R. (2004). *Resident's attitudes toward tourism development: a literature review with implications for tourism planning*. Journal of planning Literature. Vol 18, n°1, pp:1-16.
- Hidalgo, M. C. & Hernandez, B. (2001). *Place attachment: conceptual and empirical questions*. Journal of Environmental Psychology. Vol 21, pp: 273-281.
- Hjalager, A. (1996). *Agriculture diversification into Tourism. Evidence of European Community development program*. Tourism Management. Vol 17, n° 2, pp: 45-60.
- Howie, F. (2001). *Establishing the common ground: tourism, ordinary places, grey-areas and environmental quality in Edinburg, Scotland*. Pp: 101-118. In Tourism and Sustainable Community Development. Richards, G. & Hall, D. (Eds). London: Routledge.
- Jackson, M. S. & Inbakaran, R. J. (2006). *Evaluating Resident's attitudes and intentions to act towards tourism development in Regional Victoria, Australia*. International Journal of Tourism Research. Vol 8, pp: 355-366.
- Jackson, G. & Morpeth, N. (2001). *Local Agenda 21: reclaiming community ownership in tourism stalled process?* Pp: 119-134. In Tourism and Sustainable Community Development. Richards, G. & Hall, D. (Eds). London: Routledge.

Jesus, L.; Kastenholz, E. & Figueiredo, E. (2008). *A oferta do turismo no espaço rural em estudo de caso da região Dão-Lafões*. Colóquio Ibérico de Estudos Rurais Cultura, Inovação e Território. outubro. Coimbra.

Jonnson, J. D. (s.d). *Rural tourism and Economic Restructuring*. Department of Political Science. Montana State University.

Kastenholz, E. (1997) *Segmenting Tourism in Rural Areas: The case of North and Central Portugal*. Universidade de Aveiro.

Ko, T. G. (2005). *Development of a tourism sustainability assessment procedure: a conceptual approach*. Tourism Management. Vol 26, pp: 431-445.

Lane, B. (1994a). *What is Rural?*. Journal of Sustainable Tourism. Vol 2, nº 1-2, pp.7-20

Lane, B. (1994b). *Sustainable Rural Tourism Strategies: a Tool for Development and Conservation*. RIATE- Revista Interamericana de Ambiente y Turismo. Vol 1, nº1, pp: 12-18.

Laros, F. & Steenkamp, J. (2005). *Emotions in consumer behavior: hierarchical approach*. Journal of Business Research. Vol 58, pp: 1437-1445.

Liu, Z. (2003). *Sustainable Tourism Development: A Critique*. Journal of Sustainable Tourism. Vol 11, nº6, pp. 459-475.

Madrigal, R. (1995). *Resident's perceptions and the role of government*. Annals of Tourism Research. Vol 22, nº 1, pp: 86-102.

Mason, P. & Cheyne, J. (2000). *Resident's attitudes to proposed tourism development*. Annals of Tourism Research. Vol 27, nº 2, pp:391-411.

Mowforth, M. & Munt, I. (1998). *Tourism and Sustainability. New tourism in the third world*. Routledge. London.

Natálio, M; Braga, A. & Rei, C. (2011). *A produção biológica e o desenvolvimento das regiões: o Caso da Beira Interior Norte*. Pp: 133-146. In: O Rural Plural – olhar o presente, imaginar o futuro. 100Luz. Castro Verde.

Organization for Economic Cooperation and Development (OCDE) (1993). *What future for our countryside? A rural development policy*. Paris

Pais, C. & Gomes, B. (2008) *O espaço rural no âmbito das políticas de Desenvolvimento- O Caso do Pinhal Interior*. In: VII CIER- Cultura, Inovação e Território. Colóquio Ibérico de Estudos Rurais. 23-25 outubro. Coimbra.

Pearce, P. L. & Stringer, P. F. (1991). *Psychology and Tourism*. Annals of Tourism Research. Vol 18, pp: 136-154.

Peixoto, P. (s.d). *Os meios rurais e a descoberta do património*. Centro de Estudos Sociais – Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas: in “Conversas à volta das Estrelas”. Campo Europeu do Património. Souto Bom. Tondela.

Perdue, R. R.; Long, P. T. & Allen, L. (1990). *Resident support for tourism development*. Annals of Tourism Research. Vol 17, nº 4, pp: 586-599.

Pigram, J. & Wahab, S. (1998). *Sustainable tourism in a changing world*. Pp: 17-32. In Wahab & Pigram (Eds). *Tourism, Development and Growth. The Challenge of Sustainability*. London: Routledge.

Reis, E. & Moreira, R. (1993). *Pesquisa de Mercados*. Edições Silabo. Lisboa

Richards, G. & Hall, D. (2001). *The community: a sustainable concept in tourism development?* Pp:1-13. In *Tourism and Sustainable Community Development*. Richards, G. & Hall, D. (Eds). London: Routledge

Richins, M. L. (1997). *Measuring Emotions in the Consumption Experience*. Journal of Consumer Research. Vol 24, pp: 127-146.

Rocha-Trindade, M. B. (1986). *Do rural ao urbano: o associativismo como estratégia de sobrevivência*. *Análise Social*. Vol XXII, nº 2, pp: 313-330.

Saarinen, J. (2007). *Contradictions of rural initiatives in Rural development context: Finnish rural tourism strategy case study*. *Current Issues in Tourism*. Vol 10, nº1, pp:96-105.

Santos, A. C. S. (2011). *Segmentação de Mercado da Viagem Medieval com base nas emoções*. Tese de Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro.

Santos, N. & Cunha, L. (2007). *Novas oportunidades para o espaço rural. Análise exploratória no Centro de Portugal*. VI Congresso de Geografia Portuguesa. 17-20 outubro. Lisboa.

Sharpley, R. (2000). *Tourism and Sustainable Development: Exploring the Theoretical Divide*. Journal of Sustainable Tourism. Vol 8, nº1, pp. 1-19.

Sharpley, R. (2002). *Rural Tourism and the Challenge of Tourism Diversification: the case of Cyprus*. Tourism Management. Vol 23, pp. 233-244.

Siegal, P. B. & Jakus, P. M. (s.d). *Tourism as a sustainable rural development strategy: building consensus in resident attitudes*. Southern Journal of Rural Sociology. Vol 11, nº1, pp: 17.

Silva, C. M. A (2011). *A Imagem dos destinos turísticos de montanha: olhares dos residentes e dos turistas*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro.

Silveira, P (2001). *Contribuição para o conhecimento da flora vascular da serra do Açor e respetiva interpretação fitogeográfica*. Tese de Doutoramento. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra.

Singh, S., Timothy, D.J., & Dowling, R.K. (2003). *Tourism in Destination Communities*. Pp: 3-17. In *Tourism in Destination Communities*. Singh, S., Timothy, D.J., & Dowling, R.K. (Eds). CABI Publishing.

Smith, M. D. & Krannich, R. S. (1998). *Tourism dependence and Resident Attitudes*. Annals of Tourism Research. Vol 25, nº 4, pp: 783-802.

Snepenger, D; O'Connell, R. & Snepenger, M. (2001). *The embrace-withdraw continuum scale: operationalizing residents' responses toward tourism development*. Journal of Travel Research. Vol 40, pp: 155-161.

Souza, C. A. M & Eusébio, C. (2011). *A percepção dos residentes de espaços naturais dos impactes do turismo: o caso da Serra da Estrela*. Pp: 245-258. In: *O Rural Plural – olhar o presente, imaginar o futuro*. 100Luz. Castro Verde.

Telfer, D. J. & Sharpley R. (1998). *Tourism and Development in the Developing World*. Routledge. Oxon.

Vareiro, L. & Ribeiro, J. (2005). *Sustainable use of endogenous touristic resources of rural areas: two Portuguese case studies*. In Theoretical Advances in Tourism Economies. 18-19 March- Evora.

Wanderley, M. N. B. (2000). *A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo*. Estudos Sociedade e Agricultura. Pp. 87-145.

Wang, Y. & Pfister, R. (2008). *Resident's attitudes toward tourism and perceived personal benefits in a rural community*. Journal of Travel Research. Vol XX, pp: 1-10.

Williams, D. R.; McDonald, C. D.; Riden, C. M. & Uysal, M (1995). *Community attachment, regional identity and resident attitudes toward tourism*. Pp: 424-428. In Proceedings of the 26 th Annual Travel and Tourism Research Association Conference. Wheat Ridge., CO: Travel and Tourism Research Association.

World Commission on Environment and Development (WCED) (1987). *Our Common Future*. Oxford University Press.

World Tourism Organization (WTO) (1998). *Guide for local authorities on developing sustainable tourism*. Madrid

World Tourism Organization (WTO) (2004). *Indicators of Sustainable Development for Tourism Destinations. A Guidebook*. Madrid.

Webgrafia

Aldeias do Xisto. URL: www.aldeiasdoxisto.pt. Consultado durante os meses de junho e julho de 2012

Carvalho, P & Fernandes, J. L. (s.d). *Iniciativas de Desenvolvimento local no Espaço Rural Português. O exemplo do LEADER-ELOZ (Entre a Lousã e o Zêzere)*. Programa Leader+ELOZ. Centro de Estudos Geográficos de Coimbra. Universidade de Coimbra. Coimbra. URL: http://www.dueceira.pt/docs/publicacoes/25_PDL-%202002-2006%20Parte%202%20B.pdf Consultado outubro de 2011.

European Comission (1995) *Green Paper on Tourism*. Brussels URL: <http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:1995:0097:FIN:EN:PDF>. Consultado em maio de 2012

Google Maps.URL: <http://maps.google.pt/maps?hl=pt-PT&tab=wl>, Consultado em agosto de 2012.

Junta de freguesia de Benfeita. URL: <http://benfeita.net/> consultada em maio de 2012.

INE (2001) Censos de 2001. URL: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=377906&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 Consultado em setembro de 2012.

INE (2011) Censos Provisórios de 2011. URL: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao. Consultado em maio de 2012.

Wikipedia URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Aldeia_hist%C3%B3rica consultado em outubro de 2012.

Anexos

Anexo 4.1- Taxonomias de diferentes autores para descrever emoções.

Estudo	Escala	Itens
Vitterso <i>et al</i> (2000)	Scheme Theory (Eckblad, 1981)	<u>Emoções Positivas</u> : “agradável”; “interessante”; “mudança”; “fácil”; <u>Emoções Negativas</u> : “frustrante”; “aborrecido”
Barsky & Nash (2002)	Market Metrix Hotel Index (MMH)	<u>Emoções Positivas</u> : “confortável”; “bem-vindo”; “contente”; “prático”; “seguro”; “importante”; “entretimento”; “extravagante”; “relaxado”; “elegante”; “mimado”; “calmo”; “inspirado”; “sofisticado”; “respeitado”
Zins (2002)	Mano & Oliver (1993) PANAS Scale (Watson, Clark & Tellegen (1988), Mano’s (1991) Circumplex Scale	<u>Emoções Positivas</u> : “ bom humor”, “feliz”; “ativo”; “envergonhado”; “positivo”; “satisfeito”; “entusiasmado”; “prazer” <u>Emoções Negativas</u> : “nervoso”; “sem energia”; “assustado”; “atento”; “surpreso”; “alertado”; “furioso”; “infeliz”; “assustado”; “mau humor”
Bigné <i>et al</i> (2005)	Russell (1980) – Circumplex Model of Affect; PAD – Pleasure Arousal Dominance – Mehrabian & Russell (1974)	<u>Prazer</u> : “infeliz-feliz”; “não satisfeito – muito satisfeito”; “triste – contente”; “desapontado - deliciado”; “aborrecido – entretido”; “alegre – deprimido”; <u>Estimulo</u> : “sossegado - ansioso”; “entusiasmado -calmo”; “nervoso- relaxado”; “ativo - passivo”, “surpreso - indiferente”
White & Scandale (2005)	Baloglu & Brinberg (1997), Baloglu & McCleary (1999), PAD – Pleasure Arousal Dominance – Mehrabian & Russell (1974)	<u>Emoções Negativas</u> : “triste”; “desagradável”; “melancólico”; “angustiado”; <u>Emoções Positivas</u> : “excitação”; “estimulado” “agradável”; “relaxado”
Lee <i>et al</i> (2008)	PAD – Pleasure Arousal Dominance – Mehrabian & Russell (1974)	<u>Emoções Negativas</u> : “aborrecido”; “furioso”; “sem energia”; “irritado”; <u>Emoções Positivas</u> : “feliz”, “frenético”, “excitado”; “relaxado”
Ladhari (2008)	Mehrabian & Russell (1974) CES – Consumption Emotions Set – Richins (1997)	<u>Emoções Positivas</u> : “felicidade”; “agradável”; “prazer”

Anexo 4.1- Taxonomias de diferentes autores para descrever emoções (cont.)

Estudo	Escala	Itens
Salazar & Costa (2008)	Market Metrix Hotel Emotions Scale – Barsky & Nash (2002)	<u>Emoções Positivas</u> : “confortável”; “relaxado”; “respeitado”; “mimado”; “sofisticado”; “bem-vindo”; “importante”
Desmet <i>et al.</i> (2009)	Ekmant (1994); Lazarus (1991); Ontony <i>et al</i> (1988)	<u>Emoções Positivas</u> : “divertimento”; “satisfação”; “admiração”; “esperança”; “orgulho”; <u>Emoções Negativas</u> : “não satisfação”; “aversão”; “tédio”; “tristeza”; “medo”; “vergonha”; “desprezo”;
Donada & Nogatchewsky (2009)	Brown et al (1997)	<u>Emoções positivas</u> : “excitado”; “deliciado”; “feliz”; “alegre”; “satisfeito”; “orgulhoso”; “autoconfiante”; <u>Emoções Negativas</u> : “furioso”; “frustrado”; “triste”; “desapontado”; “deprimido”; “preocupado”; “desconfortável”
Lee & Kyle (2009)	CES – Consumption Emotions Set – Richins (1997) PAD – Pleasure Arousal Dominance – Mehrabian & Russell (1974)	<u>Emoções Positivas</u> : “amor”; “alegria”; “surpresa”; <u>Emoções Negativas</u> : “irritação”; “tristeza”; “medo”;
Sperdin & Peters (2009)	Experience Sampling Method (ESM) from Csikszentmihalyi	“segurança”; “não sentir medo”; “energético”; “emocionado”; “livre”; “feliz vs infeliz”; “emocionado vs entediado”; “energético vs fraco”;
Esteves (2010)	CES – Consumption Emotions Set – Richins (1997) PANAS (1988)	<u>Emoções Positivas</u> : “entusiasmo”; “alegria”; “antecipação”; “ansiedade”; “surpreso”; “livre”; “encantado”; “feliz”; “satisfeito”; “saudosos”; <u>Emoções Negativas</u> : “não satisfeito”; “frustração”; “infelicidade”; “vergonha”; “tristeza”

Anexo 4.1- Taxonomias de diferentes autores para descrever emoções (cont.)

Estudo	Escala	Itens
Lee & Bai (2011)	Personal Involvement Inventory (PII) – Zaichkowsky (1985)	“importante - não importante”; “relevante - irrelevante”; “muito significativo – não significativa”; “valioso - inútil”; “interessante - aborrecido”; “atrativo- não atrativo”; “necessário – não necessário”; “preocupante – não preocupante”; “necessário – não necessário”; “útil - inútil”; “fundamental - trivial”; “benéfico – não benéfico”; “importante- não importante”; “significativo – não significativo”, “vital - supérfluo”; “excitante – não excitante”; “fascinante - usual”; “essencial – não essencial”; “desejado – não desejável”; “querido-não querido”

Fonte: Santos (2011);

Anexo 5.1 – Questionário utilizado na recolha de dados.

INQUÉRITO AOS RESIDENTES DAS ALDEIAS DE BENFEITA, ENXUDRO, LUADAS, PARDIEIROS, PIÓDÃO, PENA, AIGRA NOVA, CHÁ DE ALVARES E FAJÃO SOBRE FREQUÊNCIA E TIPO DE INTERAÇÃO COM OS VISTANTES, EMOÇÕES ASSOCIADAS À INTERAÇÃO, IMPACTES PROVOCADOS PELO TURISMO NESTES DESTINOS, LIGAÇÃO AO DESTINO.

Este questionário insere-se num projeto de investigação de Mestrado da Universidade de Aveiro na área do Turismo sustentável. Este projeto tem como finalidade avaliar o tipo e frequência de interação, emoções associadas à interação, avaliar a perceção dos impactos económicos, socioculturais e ambientais provocados pelo turismo nestes destinos. Os resultados obtidos neste estudo poderão contribuir consideravelmente para que as entidades, públicas e privadas, com responsabilidades no desenvolvimento do turismo possam implementar medidas que maximizem os benefícios e minimizem os prejuízos do desenvolvimento do turismo nestes destinos.

Todas as respostas são confidenciais e serão apenas utilizadas neste projeto de investigação. A sua colaboração será fundamental para a concretização deste estudo.

A - IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA

1 - Reside na freguesia? Sim ☐ Não ☐

2 - Exerce ou exerceu uma atividade profissional nesta zona? Sim ☐ Não ☐

3 – Há quanto tempo vive nesta aldeia? Menos de 1 ano ☐ 1 a 5 anos ☐ Mais de 5 anos ☐

4 – Costuma gozar férias? Sim ☐ Não ☐

4.1 – Se sim, onde? (Nesta questão pode assinalar mais do que uma opção)

No seu concelho de residência ☐

Fora do seu concelho de residência? Em Portugal ☐ No estrangeiro ☐

B - INTERAÇÃO RESIDENTE VISITANTE

5 - Nas seguintes situações, com que frequência contacta com os visitantes deste destino?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “nunca” e o 5 “muito frequentemente”)

	<u>1-Nunca</u>	2	3	4	<u>5- Muito Frequentemente</u>
No local de trabalho					
Nas atrações turísticas (museu, praias fluviais, zona protegida, outros)					
Durante as caminhadas					
Na rua, quando pedem informações					
Estabelecimentos comerciais (café, mercearias, lojas, outros)					
Eventos (religiosos, culturais, desportistas)					
Outras? Quais?					

6 – Por favor, indique com que frequência tem ocorrido cada uma das seguintes situações neste lugar?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “nunca” e o 5 “muito frequentemente”)

	<u>1-Nunca</u>	2	3	4	<u>5- Muito Frequentemente</u>
Tenho praticado desportos/atividades recreativas com os visitantes					
Tenho dado informação sobre o local aos visitantes					
Tenho convidado os visitantes a participar nas minhas reuniões de família					

Tenho convidado os visitantes a virem à minha casa					
Tenho convivido com os visitantes quando eles compram produtos turísticos					
Gosto de conviver com os visitantes					
Sinto-me à vontade quando um visitante fala comigo e tento responder, mesmo não sendo na minha língua					

7- Indique como se sente quando interage com os visitantes.

	5	4	3	2	1	
Feliz						Infeliz
Animado						Desanimado
Satisfeito						Insatisfeito
Controlador						Controlado
Ativo						Ensonado
Dependente						Independente
Estimulado						Relaxado
Contente						Zangado
Esperançoso						Desesperado
Influenciador						Influenciado
Interessado						Com tédio
Relaxado						Aborrecido
Autónomo						Guiado
Importante						Inferiorizado
Desperto						Não desperto
Frenético						Sem energia
Alegre						Melancólico
Dominante						Submisso

C – AVALIAÇÃO DA PERCEÇÃO DOS RESIDENTES DO DESENVOLVIMENTO TURISTICO E DOS SEUS IMPACTES

8 - Na sua opinião, considera que o turismo na aldeia contribui para os seguintes aspetos?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “nunca” e o 5 “muito”)

	1- Discordo totalmente	2	3	4	5-Concordo totalmente
Aumento do rendimento dos residentes da aldeia					
Desenvolvimento das atividades económicas locais					
Melhoria das condições de vida					
Aumento do preço dos produtos e custo de vida					
Aumento do emprego					
Aumento da procura de produtos locais (mel, artesanato, etc.)					
Aumento/atração de investimentos para a zona					
Aumento da oferta e qualidade de serviços					
Criação de oportunidades de negócio e de pequenas empresas para os residentes na aldeia					
Existência de conflitos entre a atividade turística e outras atividades económicas					
Diminuição da agricultura					
Valorização e promoção das tradições locais					
Melhoria das infraestruturas locais					
Aumento do número de atividades recreativas e eventos para os residentes locais					
Aumento do valor das casas e dos terrenos					
Conservação do património					
Intercâmbio cultural que permite um maior conhecimento e compreensão de outras culturas					
Promoção e acesso à educação e à formação profissional					

dos residentes					
Reforço do espírito de comunidade					
Promove o envolvimento das comunidades na gestão e planeamento do turismo local					
Reforço do reconhecimento e do prestígio local como destino turístico					
Reforço do orgulho e da cultura da comunidade					
Alterações dos hábitos, costumes e modos de vida da comunidade					
Alteração dos hábitos de consumo dos residentes					
Perturbação das práticas religiosas dos residentes pela presença de visitantes nos templos religiosos					
Perda de identidade cultural					
Diminuição da paz e tranquilidade					
Aumento da criminalidade (assaltos, vandalismo...)					
Aumento do consumo de álcool e drogas					
Aumento da prostituição					
Aumento do congestionamento rodoviário					
Aumento do congestionamento provocado por multidões nas infraestruturas locais e locais públicos					
Aumento do <i>stress</i> por parte dos residentes					
Degradação ambiental da aldeia e área envolvente					
Aumento de lixo, poluição águas dos rios e ribeiras e ruído					
Estimula a capacidade de criação de redes de troca de conhecimento entre os residentes na comunidade					
Estimula a reabilitação das casas de habitação					
Aumento da segurança pública					

D – BENEFÍCIOS VS CUSTOS

9- Na opinião quem beneficia com o turismo nesta localidade?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “nunca” e o 5 “muito”)

	1-Nunca	2	3	4	5- Muito
A população em geral					
Os agricultores (com a venda dos produtos locais)					
Os donos de cafés e restaurantes					
Os donos de hotéis ou turismo rural					
Os donos de lojas de artesanato					
Os donos de outro tipo de comércio (mercearias)					
Outros? Qual?					

10 – Na sua opinião, quem deveria beneficiar com o desenvolvimento do turismo? _____

E – LIGAÇÃO AO DESTINO

11- Como se sente em relação à sua aldeia e às pessoas que aqui habitam e visitam?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “discordo completamente” e o 5 “concordo completamente”)

	1- Discordo totalmente	2	3	4	5- Concordo totalmente
Sinto que este lugar faz parte de mim					
Prefiro este lugar a qualquer outro					
Lamentaria ter de mudar de lugar					
Sinto falta deste lugar quando não estou aqui					

Gosto muito das pessoas daqui e tenho bons amigos com quem gosto de estar					
Apoio fortemente o turismo na minha aldeia					
Lamentaria ter que mudar de aldeia					
Lamentaria que as pessoas que aprecio nesta comunidade e eu tivéssemos de mudar de aldeia					
Um aumento de turistas prejudicaria a qualidade de vida da nossa comunidade					
Espero que a se desenvolva mais a atividade turística					
Este lugar diz muito sobre mim					
Este é o melhor lugar que conheço					
Faço amizade com os turistas					
Recomendo este lugar aos meus amigos para viver, visitar ou relaxar					
Tenciono continuar a viver aqui					
Adoro esta sensação de tranquilidade da aldeia					
A aldeia possui paisagens bonitas e uma grande variedade de flora e fauna					
A aldeia possui muitas atividades culturais e uma grande variedade gastronómica					

F- CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS INQUIRIDOS

12 - Idade:

[15-24] ☐ [25-45] ☐ [46-64] ☐ + de 64 anos ☐

13 - Sexo:

Feminino ☐ Masculino ☐

14 - Estado Civil

Solteiro ☐ Casado ☐ Viúvo ☐
Divorciado/separado ☐

15 - Habilitações literárias

Educação pré-escolar ☐ Ensino básico – 1º ciclo ☐
Ensino básico – 2º ciclo ☐ Ensino básico – 3º ciclo ☐
Ensino Secundário ☐ Ensino Superior ☐ Analfabeto ☐

16 - Situação perante o trabalho

Doméstico(a) ☐ Desempregado(a) ☐ Estudante ☐
Reformado(a) ☐ Procura de 1º emprego ☐ Empregado (a) ☐
Outra ☐ Invalido ☐

16.1 – Se assinalou a resposta empregado, indique:

Trabalha no setor do Turismo? Sim ☐ Não ☐

16.2 - A sua profissão

17 – Existe algum membro da sua família empregado no setor turístico (hotelaria, restauração, transportes, atrações...)?

Sim ☐ Não ☐

17.1- Se sim, qual a profissão? _____

18- Dimensão do agregado familiar? _____

19 – Qual o valor médio de rendimento líquido mensal do seu agregado familiar?

0-500 ☐ 500-1000 ☐ 1 000-2 000 ☐ 2 000- 4 000 ☐
4 000-6 000 ☐ 6000- 8000 ☐ 8 000- 10 000 ☐

Muito Obrigado pela sua colaboração e tempo dispensados

Sónia Rodrigues

Mestranda da Universidade de Aveiro

Anexo 5.2 – Questionário utilizado na recolha de dados (pré-teste).

INQUÉRITO AOS RESIDENTES DAS ALDEIAS DE BENFEITA, ENXUDRO, LUADAS, PARDIEIROS, PIÓDÃO, PENA, AIGRA NOVA, CHÁ DE ALVARES E FAJÃO SOBRE FREQUÊNCIA E TIPO DE INTERAÇÃO COM OS VISTANTES, EMOÇÕES ASSOCIADAS À INTERAÇÃO, IMPACTES PROVOCADOS PELO TURISMO NESTES DESTINOS, LIGAÇÃO AO DESTINO.

Este questionário insere-se num projeto de investigação de Mestrado da Universidade de Aveiro na área do Turismo sustentável. Este projeto tem como finalidade avaliar o tipo e frequência de interação, emoções associadas à interação, avaliar a perceção dos impactos económicos, socioculturais e ambientais provocados pelo turismo nestes destinos. Os resultados obtidos neste estudo poderão contribuir consideravelmente para que as entidades, públicas e privadas, com responsabilidades no desenvolvimento do turismo possam implementar medidas que maximizem os benefícios e minimizem os prejuízos do desenvolvimento do turismo nestes destinos.

Todas as respostas são confidenciais e serão apenas utilizadas neste projeto de investigação. A sua colaboração será fundamental para a concretização deste estudo.

A - IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA

1 - Reside na freguesia? Sim ☐ Não ☐

2 - Exerce ou exerceu uma atividade profissional nesta zona? Sim ☐ Não ☐

3 – Há quanto tempo vive nesta aldeia? Menos de 1 ano ☐ 1 a 5 anos ☐ Mais de 5 anos ☐

4 – Costuma gozar férias? Sim ☐ Não ☐

4.1 – Se sim, onde? (Nesta questão pode assinalar mais do que uma opção)

No seu concelho de residência ☐

Fora do seu concelho de residência? Em Portugal ☐ No estrangeiro ☐

B - INTERAÇÃO RESIDENTE VISITANTE

5 - Nas seguintes situações, com que frequência contacta com os visitantes deste destino?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “nunca” e o 5 “muito frequentemente”)

	<u>1-Nunca</u>	2	3	4	<u>5- Muito Frequentemente</u>
No local de trabalho					
Nas atrações turísticas (museu, praias fluviais, zona protegida, outros)					
Durante as caminhadas					
Na rua, quando pedem informações					
No parque de campismo					
Estabelecimentos comerciais (café, mercearias, lojas, outros)					
Eventos (religiosos, culturais, desportistas)					
Outras? Quais?					

6 – Por favor, indique com que frequência tem ocorrido cada uma das seguintes situações neste lugar?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “nunca” e o 5 “muito frequentemente”)

	<u>1-Nunca</u>	2	3	4	<u>5- Muito Frequentemente</u>
Tenho praticado desportos/atividades recreativas com os visitantes					
Tenho dado informação sobre o local aos visitantes					
Tenho convidado os visitantes a participar nas minhas					

reuniões de família					
Tenho convidado os visitantes a virem à minha casa					
Tenho convivido com os visitantes quando eles compram produtos turísticos					
Gosto de conviver com os visitantes					
Sinto-me à vontade quando um visitante fala comigo e tento responder, mesmo não sendo na minha língua					

7- Indique como se sente quando interage com os visitantes.

	5	4	3	2	1	
Feliz						Infeliz
Animado						Desanimado
Satisfeito						Insatisfeito
Controlador						Controlado
Ativo						Ensonado
Dependente						Independente
Estimulado						Relaxado
Contente						Zangado
Esperançoso						Desesperado
Influenciador						Influenciado
Interessado						Com tédio
Relaxado						Aborrecido
Autónomo						Guiado
Importante						Inferiorizado
Desperto						Não desperto
Frenético						Sem energia
Alegre						Melancólico
Dominante						Submisso

C – AVALIAÇÃO DA PERCEÇÃO DOS RESIDENTES DO DESENVOLVIMENTO TURISTICO E DOS SEUS IMPACTES

8 - Na sua opinião, considera que o turismo na aldeia contribui para os seguintes aspetos?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “nunca” e o 5 “muito”)

	<u>1- Discordo totalmente</u>	2	3	4	<u>5-Concordo totalmente</u>
Aumento do rendimento dos residentes da aldeia					
Desenvolvimento das atividades económicas locais					
Melhoria das condições de vida					
Aumento do preço dos produtos e custo de vida					
Aumento do emprego					
Aumento da procura de produtos locais (mel, artesanato, etc.)					
Aumento/atração de investimentos para a zona					
Aumento da oferta e qualidade de serviços					
Criação de oportunidades de negócio e de pequenas empresas para os residentes na aldeia					
Existência de conflitos entre a atividade turística e outras atividades económicas					
Diminuição da agricultura					
Valorização e promoção das tradições locais					
Melhoria das infraestruturas locais					
Aumento do número de atividades recreativas e eventos para os residentes locais					
Aumento do valor das casas e dos terrenos					
Conservação do património					
Intercâmbio cultural que permite um maior conhecimento e compreensão de outras culturas					

Promoção e acesso à educação e à formação profissional dos residentes					
Reforço do espírito de comunidade					
Promove o envolvimento das comunidades na gestão e planeamento do turismo local					
Reforço do reconhecimento e do prestígio local como destino turístico					
Reforço do orgulho e da cultura da comunidade					
Alterações dos hábitos, costumes e modos de vida da comunidade					
Alteração dos hábitos de consumo dos residentes					
Perturbação das práticas religiosas dos residentes pela presença de visitantes nos templos religiosos					
Perda de identidade cultural					
Diminuição da paz e tranquilidade					
Aumento da criminalidade (assaltos, vandalismo...)					
Aumento do consumo de álcool e drogas					
Aumento da prostituição					
Aumento do congestionamento rodoviário					
Aumento do congestionamento provocado por multidões nas infraestruturas locais e locais públicos					
Aumento do <i>stress</i> por parte dos residentes					
Degradação ambiental da aldeia e área envolvente					
Aumento de lixo, poluição águas dos rios e ribeiras e ruído					
Estimula a capacidade de criação de redes de troca de conhecimento entre os residentes na comunidade					
Estimula a reabilitação das casas de habitação					
Aumento da segurança pública					

D – BENEFÍCIOS VS CUSTOS

9- Na opinião quem beneficia com o turismo nesta localidade?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “nunca” e o 5 “muito”)

	1-Nunca	2	3	4	5- Muito
A população em geral					
Os agricultores (com a venda dos produtos locais)					
Os donos de cafés e restaurantes					
Os donos de hotéis ou turismo rural					
Os donos de lojas de artesanato					
Os donos de outro tipo de comércio (mercearias)					
Outros? Qual?					

10 – Na sua opinião, quem deveria beneficiar com o desenvolvimento do turismo? _____

E – LIGAÇÃO AO DESTINO

11- Como se sente em relação à sua aldeia e às pessoas que aqui habitam e visitam?

(Em cada linha, assinale com um X a opção que melhor corresponder à sua opinião, utilizando a escala de 1 a 5, onde o 1 significa “discordo completamente” e o 5 “concordo completamente”)

	1- Discordo totalmente	2	3	4	5- Concordo totalmente
Sinto que este lugar faz parte de mim					
Prefiro este lugar a qualquer outro					
Lamentaria ter de mudar de lugar					

Sinto falta deste lugar quando não estou aqui					
Gosto muito das pessoas daqui e tenho bons amigos com quem gosto de estar					
Apoio fortemente o turismo na minha aldeia					
Lamentaria ter que mudar de aldeia					
Lamentaria que as pessoas que aprecio nesta comunidade e eu tivéssemos de mudar de aldeia					
Um aumento de turistas prejudicaria a qualidade de vida da nossa comunidade					
Espero que a se desenvolva mais a atividade turística					
Este lugar diz muito sobre mim					
Este é o melhor lugar que conheço					
Faço amizade com os turistas					
Recomendo este lugar aos meus amigos para viver, visitar ou relaxar					
Tenciono continuar a viver aqui					
Adoro esta sensação de tranquilidade da aldeia					
A aldeia possui paisagens bonitas e uma grande variedade de flora e fauna					
A aldeia possui muitas atividades culturais e uma grande variedade gastronómica					

F- CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS INQUIRIDOS

12 - Idade:

[15-24] ☐ [25-45] ☐ [46-64] ☐ + de 64 anos ☐

13 - Sexo:

Feminino ☐ Masculino ☐

14 - Estado Civil

Solteiro ☐ Casado ☐ Viúvo ☐
Divorciado/separado ☐

15 - Habilitações literárias

Educação pré-escolar ☐ Ensino básico – 1º ciclo ☐
Ensino básico – 2º ciclo ☐ Ensino básico – 3º ciclo ☐
Ensino Secundário ☐ Ensino Superior ☐ Analfabeto ☐

16 - Situação perante o trabalho

Doméstico(a) ☐ Desempregado(a) ☐ Estudante ☐
Reformado(a) ☐ Procura de 1º emprego ☐ Empregado (a) ☐
Outra ☐ Invalido ☐

16.1 – Se assinalou a resposta empregado, indique:

Trabalha no setor do Turismo? Sim ☐ Não ☐

16.2 - A sua profissão _____

17 – Existe algum membro da sua família empregado no setor turístico (hotelaria, restauração, transportes, atrações...)?

Sim ☐ Não ☐

17.1- Se sim, qual a profissão? _____

18- Dimensão do agregado familiar? _____

19 – Qual o valor médio de rendimento líquido mensal do seu agregado familiar?

0-500 ☐ 500-1000 ☐ 1 000-2 000 ☐ 2 000- 4 000 ☐
4 000-6 000 ☐ 6000- 8000 ☐ 8 000- 10 000 ☐

Muito Obrigado pela sua colaboração e tempo dispensados

Sónia Rodrigues

Mestranda da Universidade de Aveiro